

CONVERSA COM
ESCRITORES:
LEITURA ENTRE NÓS



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

José Carlos Carles de Souza

Reitor

Neusa Maria Henriques Rocha

Vice-Reitora de Graduação

Leonardo José Gil Barcellos

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Bernadete Maria Dalmolin

Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Agenor Dias de Meira Junior

Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora

Carme Regina Schons

Editora

CONSELHO EDITORIAL

Altair Alberto Fávero

Alvaro Della Bona

Ana Carolina Bertoletti de Marchi

Andrea Poleto Oltramari

Carme Regina Schons

Cleiton Chiamonti Bona

Elci Lotar Dickel

Fernando Fornari

Graciela René Ormezzano

João Carlos Tedesco

Leonardo José Gil Barcellos

Luiz Antonio Bettinelli

Renata Holzbach Tagliari

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

Zacarias Martin Chamberlain Pravia



Tania M. K. Rösing
Paulo Becker
Eliana Teixeira
(Org.)

**CONVERSA COM
ESCRITORES:
LEITURA ENTRE NÓS**

2012

 **UPF** | EDITORA
Universidade
de Passo Fundo

Copyright © Editora Universitária

Cinara Sabadin Dagneze

Sabino Gallon

Revisão de Texto e Revisão de Emendas

Sirlete Regina da Silva

Projeto Gráfico e Diagramação

Agecom

Produção da Capa

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, as imagens, tabelas, quadros e figuras são de exclusiva responsabilidade dos autores.

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C766 Conversa com escritores : leitura entre nós / Tania M. K.
Rösing, Paulo Becker, Eliana Teixeira (org.). – Passo
Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.
174 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-7515-789-3

1. Escritores. 2. Incentivo à leitura – Passo Fundo (RS). 3.
Leitura – Desenvolvimento. I. Rösing, Tania Mariza
Kuchenbecker, coord. II. Becker, Paulo, coord. III. Teixeira,
Eliana, coord.

CDU: 028.6

Bibliotecária responsável Marciéli de Oliveira - CRB 10/2113

UPF EDITORA

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8373

CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sagração da palavra

Letra: Paulo Becker

Música: Humberto Gessinger

Pelo espaço-tempo viaja a palavra
Deletando os vácuos do esquecimento
Das placas de barro de antigos sumérios
Chega ao livro impresso, salta pra internet

Mas cadê você que não me tecla mais
A rede emudeceu sem tuas palavras
Mas cadê você, refaça a conexão
Crie outros nós entre nós

A palavra lava as mágoas da alma
A palavra leva a clandestina ideia
A palavra louva o soberbo amor
A palavra cria nós entre nós

Mas cadê você que não me tecla mais
A rede emudeceu sem tuas palavras
Mas cadê você, refaça a conexão
Crie outros nós entre nós

A palavra livra o grito oprimido
A palavra luta contra a força bruta
A palavra cria nós entre nós
A palavra cria nós entre nós



Sumário

Apresentação	9
Abertura da 6ª Jornadinha.....	13
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing	15
René Ceconello	16
Lorena Terezinha Geib	17
Vera Maria Vieira	19
Alex Necker	20
Conversa com escritores.....	21
Mauricio de Sousa	23
Silvana Tavano	30
Daniel Kondo	32
Tânia Zagury.....	38
Elisa Lucinda	40
Regina Rennó.....	44
Lenice Gomes.....	46
Caio Riter	50
Roseana Murray	52
Ricardo Azevedo	57
Sérgio Capparelli	68
Christopher Kastensmidt	69
Rodrigo Lacerda	73
Cláudio Fragata	75
Marcelino Freire	82
Gustavo Bernardo.....	84
Tiago de Melo Andrade.....	89
Luiz Antonio de Aguiar.....	91
Maria Tereza Maldonado	97
Telma Guimarães.....	99
Gabriel Bá.....	103
Fábio Moon.....	105
Giba Assis Brasil.....	110
Leonardo Brasiliense	112
Heloisa Seixas	117

Registro iconográfico.....	121
Espetáculo de abertura – Intrépida Trupe	123
Apresentadores Gali-Leu, Mil-Faces e Natália.....	124
Conversa com escritores na lona principal	125
Público participante na lona principal	126
Público participante nas lonas coloridas.....	127
Público realizando perguntas aos escritores nas lonas coloridas	128
Sessão de autógrafos.....	129
Shows e espetáculos.....	132
Programação Paralela	135
Público no Circo da Cultura	139
Equipe de apoio – Monitores do Mundo da Leitura e Jornadetes	141
Registro da imprensa e internet	143
Dados gerais da 6ª Jornadinha Nacional de Literatura	158

Apresentação

A 14^a Jornada Nacional de Literatura e a 6^a Jornadinha Nacional de Literatura realizaram-se no âmbito das comemorações pelos 30 anos das Jornadas Literárias. Foram três décadas marcadas pela formação de leitores, pela celebração da leitura, do livro, do autor e do leitor. Uma das maiores movimentações literárias da América Latina transformou Passo Fundo, no Norte do Rio Grande do Sul, na Capital Nacional da Literatura.

A Jornada Literária manteve em suas três décadas o mesmo propósito que deu origem à criação do evento, em 1981: a formação de um leitor que priorize o texto literário, mas que também possa se constituir em um intérprete das linguagens veiculadas em diferentes suportes e das características peculiares das várias manifestações culturais. O tom festivo e informal, associado a uma programação cultural diversificada e repleta de autores renomados da literatura brasileira e estrangeira tornou a Jornada uma referência nacional e internacional no meio artístico e literário.

Com o passar das edições, a estrutura foi se renovando, incorporando à programação uma série de atividades culturais. A programação, antes voltada para debates sobre educação e cultura, ganhou uma série de outras atrações, entre as quais exposições, espetáculos teatrais, apresentações musicais e concursos, sempre com a proposta de aproximar os autores do público e de formar leitores.

O resultado disso é que, nestes 30 anos de história, a Jornada não parou de crescer. O público de apenas 750 pessoas da primeira edição ultrapassou a marca de 35 mil participantes em 2011 e chegou a atingir mais de 160 mil pessoas durante as três décadas. E para abrigar essa quantidade de pessoas, também foi preciso passar de ginásios para estrutu-

ras muito maiores. Hoje, são seis lonas que acolhem os participantes, criando a imagem de um grande circo cultural.

Para alcançar seus objetivos, a Jornada Literária tem uma proposta diferenciada, na medida em que busca aproximar o público participante dos escritores convidados antes mesmo da realização do evento. Conhecida como Pré-Jornada e Pré-Jornadinha, a metodologia desta movimentação preparatória é simples. Os autores convidados indicam uma série de obras que são lidas e discutidas antecipadamente pelo público, fazendo com que este se familiarize com o tema a ser debatido durante o evento. A estratégia proporciona mais qualidade aos debates, com discussões mais aprofundadas, o que motiva ainda mais os principais atores da Jornada: escritores e leitores.

A 6ª Jornadinha Nacional de Literatura e a 14ª Jornada Nacional de Literatura tiveram como tema central “Leitura entre nós: redes, linguagens, mídias”, colocando em foco a questão da leitura, que sempre norteou o evento, situada no contexto da contemporaneidade, no qual surgem e se multiplicam novos suportes materiais para os diferentes tipos de texto, assim como se diversificam as linguagens e as mídias. O conhecimento, na atualidade, se dá em rede, num universo no qual os sujeitos e textualidades em diálogo se envolvem em inumeráveis projetos significativos. A sociedade em rede, nos seus infinitos “nós”, é, em seu cerne, produtora de saber e de arte, sem restrições e sem papéis definidos. Na leitura de um texto escreve-se a vida de quem lê.

A cerimônia de abertura, a cada manhã, contou com o espetáculo *1000 Tempos*, do grupo Intrépida Trupe, do Rio de Janeiro, por intermédio de performances adaptadas ao cenário circense, permeadas por momentos de lirismo e humor, estimulou o público a “viajar” através da leitura literária. Na sequência, na grande lona, houve o diálogo do público com Mauricio de Sousa nos dois primeiros dias (alunos de 1º a

5º ano), com Ricardo Azevedo no terceiro dia (alunos de 6º a 9º ano) e com Marcelino Freire no quarto dia (alunos do ensino médio). As duas primeiras manhãs foram fechadas com o show musical *O elefante e a joaninha*, de Hélio Ziskind e Banda, enquanto no terceiro e quarto dias ocorreu o show musical *O segundo ato*, do grupo O Teatro Mágico.

No intervalo para o almoço, o público também teve oportunidade de participar de várias atividades paralelas, como a viagem ao ciberespaço, no espaço dos computadores, além de shows musicais, espetáculos teatrais e exposições.

No período da tarde, ocorreu nas lonas menores, em sistema de rodízio, um diálogo mais próximo entre o público e os artistas e escritores convidados. Percebeu-se que os alunos participantes, pela qualidade das perguntas e intervenções feitas, tinham lido e discutido previamente as obras dos autores em suas escolas, junto aos seus professores, o que demonstra o engajamento das escolas das diferentes redes (municipal, estadual e particular) nos trabalhos de preparação da 6ª Jornadinha. Nos intervalos dessa atividade, houve a contação de histórias feita por nomes prestigiados no ramo, como Celso Sisto, Jonas Ribeiro, Augusto Pessoa e Tino Freitas. Ao final da tarde, todos tiveram a oportunidade de circular pela feira do livro e de participar das sessões de autógrafos dos escritores convidados.

Houve também a oferta de uma programação paralela para o público não inscrito na 6ª Jornadinha, que incluiu conversas paralelas com escritores, mostra de filmes e curtas e circulação pelos espaços do Instituto Roberto Pirovano Zanatta e do Parque - Fábulas com a Turma da Mônica, que possuíam uma programação própria direcionada às crianças.

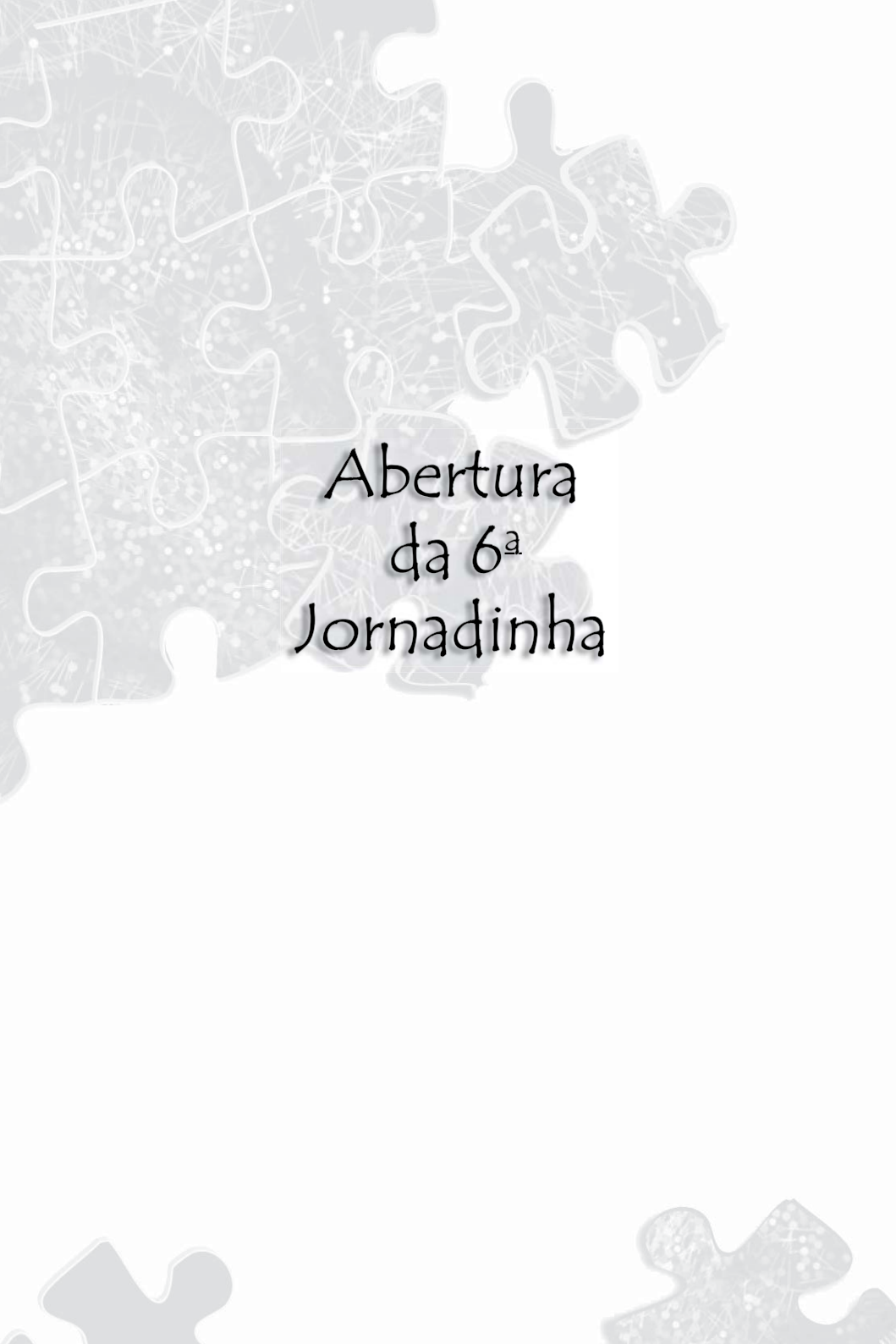
A Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal têm realizado um esforço ímpar, desde 2001, para oportunizar a professores e alunos as Jornadinhas Nacionais de Literatura, movimentação cultural que objetiva a dinamização

da leitura numa perspectiva multimídia entre crianças, pré-adolescentes e jovens, desenvolvendo um trabalho conjunto com escolas dos diferentes sistemas de ensino, estimulando professores e alunos para a leitura. A responsabilidade dessas duas instituições pode ser constatada também pelo cuidado com a preparação desses participantes por intermédio da Pré-Jornadinha – vivências de leitura antecipadas para preparar cada leitor e estimular cada um e todos a desenvolverem um diálogo estimulador de novas leituras com os escritores convidados. Mais uma vez, foi oferecido o *Caderno de atividades* a cinco mil profissionais do ensino fundamental e médio, com sugestões de práticas leitoras multimídiais realizadas sobre um dos livros de cada autor convidado, complementando essa preparação, subsidiando professores e alunos.

Segue nosso elogio e agradecimento aos dirigentes das escolas, aos secretários municipais de Educação e Cultura, aos prefeitos, aos coordenadores regionais de educação que se empenharam na aquisição de livros indicados para os participantes dessa edição da Jornadinha, o que possibilitou o envolvimento de crianças, jovens e adultos com materiais de leitura da melhor qualidade.

Convidamos todos a lerem os pronunciamentos dos escritores e artistas transcritos nesse livro, e suas respostas às perguntas inteligentes e inquietas das crianças e dos adolescentes participantes do evento.

Os organizadores

The background features a large, light gray puzzle piece shape on the left side, which contains a network of white dots connected by thin lines. This shape overlaps with a white puzzle piece on the right. At the bottom, there are two more puzzle pieces: a solid gray one on the left and a gray one with a network pattern on the right.

Abertura da 6^a Jornadinha

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing



Bom dia, minha gente. É uma alegria receber vocês aqui no circo da cultura, para a 6ª Jornadinha Nacional de Literatura. Estamos felizes com as presenças das crianças, estamos reconhecendo publicamente o trabalho de todos os professores que estiveram preparando vocês. Queremos agradecer a presença das autoridades e dos escritores convidados, cujas obras vocês leram. Estamos felizes, porque continuamos o trabalho pela leitura. Eu gostaria de dizer que ao final dessa manhã, vocês receberão dois livros, gratuitamente, impresos pela Cia. Riograndense de Artes Gráficas, que fez uma edição especial para a Jornadinha de dois contos do Simões Lopes Neto, “Melancia e coco verde” e “Trezentas onças”. Todas as escolas, todas as crianças sairão daqui com esses dois

livros. Agora eu quero fazer uma proposta. Quem gosta de ler levanta uma mão, e quem já se acha leitor levanta as duas mãos. Que bonito! E agora nós vamos dizer o nosso grito pela leitura: um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos mais leitores no Brasil! Viva a 6ª Jornadinha!

René Ceconello



Bom dia, quem é de Passo Fundo levanta a mão. Quem é de outros municípios do Rio Grande do Sul, levanta a mão. Quem é de municípios de outros estados, levanta a mão. Que maravilha! Gente, eu trago aqui uma saudação do nosso prefeito, Airtton Dipp, que esteve ontem, junto com todo mundo, o reitor, a ministra, o presidente da câmara, aqui na abertura da 14ª Jornada Nacional de Literatura. Que bom, que bom que todos vocês estão aqui. Aproveitem bem todo o dia, quem puder voltar, volte, nem que seja para visitar as livrarias,

volte para as programações paralelas, porque até sexta-feira o circo da cultura vai estimular e incentivar para que todos nós sejamos mais e mais leitores. Com isso a gente faz a nossa parte na construção de um mundo melhor, um Rio Grande melhor e uma cidade melhor. Quero parabenizar aqui, em nome da professora Lorena, a Universidade de Passo Fundo, que junto com a prefeitura, somos os parceiros na realização da 14ª Jornada de Literatura e da 6ª Jornadinha. E cumprimentar a professora Tania, essa maestra, que lida com toda uma grande orquestra, uma grande equipe para dar tudo certo, como está dando, e vai dar até o final. Obrigado.

Lorena Terezinha Geib



Bom dia autoridades, bom dia professora Tania, bom dia Gali-Leu, Natália e Mil-Faces, bom dia pequenos-grandes leitores. Bom dia professoras que fazem pequenos-grandes leitores. Agora eu vou falar sério. Vou contar para vocês que

há muitos anos atrás, uma professora da Universidade resolveu que ler era importante, que ler dava um gosto especial de descobrir novas ideias, dava um gosto especial de ver que os personagens tinham sentimentos diferentes. Essa professora resolveu reunir outros professores e estimulou esses professores a lerem, lerem, lerem, para depois ir discutir aquilo que tinham lido com os autores. E assim nasceu a Jornada de Literatura. Mas o tempo foi passando, e aquelas professoras que liam começaram a trazer as crianças para a Jornada. Então, aquela professora, que se chamava Tania, resolveu que tinha que fazer uma Jornadinha. E aí aconteceu a primeira, aconteceu a segunda e nós estamos na sexta. É por isso que nós estamos com esse circo cheio de crianças, e esta é a maior conquista que essa professora fez, de fazer com que as crianças pudessem ler, ler, ler, e depois vir aqui, como acontece hoje, para discutir com os autores. É por isso que hoje nós estamos aqui com o Mauricio de Sousa, daqui a pouquinho é com ele. E nós temos também as lonas azul, amarela, verde e vermelha, onde falarão a Elisa Lucinda, a Tania Zagury, a Roseana Murray, o Caio Ritter, a Lenice Gomes, a Regina Rennó, o Daniel Kondo e a Silvana Tavano, cuja presença nós agradecemos com muito carinho. Então, esse movimento todo, essa alegria, nós devemos muito à professora Tania, e à Prefeitura Municipal, que é nossa parceira. Então, gente, aproveitem bem esta Jornadinha, ela é de vocês!

Vera Maria Vieira



Bom dia. É um prazer estar aqui com vocês. Bom dia professora Tania, professora Lorena, bom dia meus colegas professores, bom dia queridos alunos. Professora Tania, a senhora foi ousada quando pensou na Jornadinha, e somente pessoas ousadas é que conseguem as coisas. Mas não é só a professora Tania que precisa ser ousada, todos nós precisamos ser ousados, para nós podermos ser cidadãos do mundo, para nós termos conhecimento. E o conhecimento nós só adquirimos através da leitura. Eu quero agradecer aos professores que trabalharam com seus alunos, preparando-os para esta Jornadinha. Muito obrigado, tenham um bom dia e aproveitem essa manhã. Um beijo a todos.

Alex Necker



Galera, bom dia. É uma satisfação para nós, em nome do prefeito Airton Dipp, estar saudando todos vocês aqui, nesse que é sem dúvida o maior espetáculo literário do Brasil, da América Latina, e, certamente, professora Tania, com a continuidade das Jornadas Literárias, ainda será o maior do mundo. E para que isso seja possível é necessário que cada um de nós, aqui, contribua cada vez mais com a mudança do nosso país. E a mudança do nosso país passa não só por construir estradas, por melhorar a infraestrutura, mas passa por melhorar o nosso dia a dia, e o nosso dia a dia começa mudando, quando a gente começa a estudar, a ler e a interagir com a sociedade. Parabéns a todos vocês, parabéns aos professores que estão aqui, parabéns às jornadas, que muito auxiliam para que este evento seja possível, e da nossa parte, fica aqui o desejo de que o dia de hoje seja o dia mais produtivo dos próximos anos da vida de vocês. Parabéns a todos nós e um grande dia!

The background of the page is a light gray. On the left side, there is a large, irregular shape composed of several interlocking puzzle pieces. These pieces are filled with a complex network of thin, light gray lines and small dots, resembling a molecular structure or a neural network. The right side of the page is a solid, very light gray. The title text is centered in the middle of the page, overlapping the puzzle piece area and the solid gray area.

Conversa com escritores



Mauricio de Sousa – Bom dia. Obrigado pelo convite, professora Tania. Obrigado pela presença de todos vocês aqui. Eu nunca vi uma plateia tão numerosa e ainda gritando o meu nome. O meu nome nunca soou tão bonito e tão musical. Comecei a gostar mais do meu nome depois de Passo Fundo. Para quem não me conhece ainda, deve ter aí alguém, eu sou o Mauricio de Sousa, o pai da turma da Mônica. Quando eu falo Mônica, eu falo Cebolinha, Cascão, Magali, Chico Bento, Horácio, Bidu e mais uns 400 personagens. Eu gosto de conversar com crianças inteligentes, espertas como vocês, porque eu vejo, no meio de vocês, algumas Mônicas, alguns Cebolinhas, alguns Chico Bentos, algumas Magalis, mas o Cascão não. Quem de vocês conhece alguém parecido com a Mônica? Meio brabinha, meio geniosa, valente, sabichona. Quem de vocês acha que se parece um pouco com o Cebolinha? Agora, quem come igual à Magali? Olha, os armazéns, supermercados que se cuidem, que em Passo Fundo não vai

sobrar comida, não vai sobrar almoço. E quem se parece com o Cascão? Tem algum Cascão aí? Não, não, brincadeira. E quem gosta de viver no campo, lá perto dos bichos, dos animais, igual ao Chico Bento? Oba, quanto Chico Bento tem aqui. Bem, como alguns de vocês devem saber, para criar a maioria dos personagens que eu uso nas nossas historinhas, eu me baseio em gente que eu conheço, amigos, conhecidos, parentes. Por exemplo, o meu primeiro personagem era o cachorrinho Bidu, nasceu há 52 anos, mais ou menos. Quem conhece o Bidu? Aquele cachorrinho azul. Eu me inspirei, para criar o Bidu, num cachorrinho que eu tive quando era criança, só que ele não se chamava Bidu, ele se chamava Cuíca. E o Cuíca era um cachorrinho que me acompanhava quando eu chegava da escola, ia passear comigo nas aventuras lá no meio do campo, na casa da minha avó. Em homenagem ao Cuíca eu criei o Bidu. Eu troquei de nome porque Cuíca não é bom nome para personagem. E o Franjinha, o dono do Bidu, quando eu comecei a desenhar, era meio parecido com o Mauricio criança. Depois vieram Cascão, Cebolinha, baseados em dois amiguinhos do meu irmão, que jogavam bola com ele. Veio o Manezinho, Xaveco, e alguém falou para mim, cadê as meninas? Cadê as mulheres na sua história? Daí eu me dei conta que não tinha mulher mesmo. Eu não sabia desenhar ou escrever histórias com mulher, eu nunca tinha sido mulher, não sabia como é que mulher pensa. Então eu olhei na minha casa e estava lá a Mariângela, a minha filha mais velha, não, não, ela não gosta que a chamem de mais velha, minha primeira filha. A Mariângela brincando, e do lado dela uma menininha baixinha, enfezada, dentuça, o cabelinho cortadinho assim rente, puxando um coelho maior que ela. Ela era quem? A Mônica. Ali do meu lado e do lado da Mônica, sentadinha na cozinha, comendo uma melancia do tamanho dela estava quem? A Magali. Eu não precisei inventar nada, estava tudo ali do meu lado, os personagens.

O Cascão jogando bola com meu irmão. Cascão era o apelido dele mesmo, ele não tomava banho, e o Cebola, com o cabelo espetado, falava trocando o R pelo L. Até hoje a Magali, minha filha, é comilona. Ela já é adulta, continua magra, esbelta, mas comilona. Por sinal, lembrando fofoca de família, não contem para ninguém, nem para a Magali, mas um dia o marido dela ligou para mim e falou: Sogro, não aguento mais. Eu falei: O que é, Luciano? Aí, ele disse: A Magali, sua filha, me obriga a ir de madrugada buscar pizza, ou lasanha, ou frango, ou picanha. Depois da janta e de madrugada. Gente, isso é verdade. Aí, eu tive que falar para ele, como bom sogro: Você já sabia tudo isso antes de casar, você já lia gibi, então você não casou enganado, agora aguenta. Foi verdade. E um dia a coisa se repetiu com a Mônica. O marido da Mônica ligou para mim e falou: Sogro, eu não aguento o gênio da sua filha, ela é muito braba, muito nervosa e ela me bate. Eu falei: Você lia gibi antes de casar, agora não se queixe. Então, gente, vocês que vão casar logo, todos vocês aqui, as 4500 crianças, que logo, logo vão estar se casando, se tiver gibi para ler a história do seu namorado, leiam bem para dar tudo certinho depois. Mas eu vou aproveitar e falar com vocês do desenho. Quem gosta de desenhar? Por favor, subam duas crianças para desenhar comigo. Sabem como vocês devem treinar para desenhar? Muitos de vocês desenharam bem, mas têm medo, não gostam de errar. Então o jeito é vocês não terem medo, continuarem rabiscando, desenhando, e, para começar, vejam se vocês sabem fazer isto. Quem não sabe fazer isto? Uma bola, um ovo. Quem sabe fazer isto? Um palitinho, todo mundo sabe. Se você fizer um ovo, um palitinho, outro palitinho, vocês já estão começando a desenhar uma figura humana (continua ensinando a desenhar, ensina a fazer as expressões, e as crianças desenharam). Adoro desenho de crianças. Diz muito da personalidade, diz muito do que elas são. As professoras podem ver muita coisa nos

desenhos, para que a gente possa ajudar e orientar a criança. O que a criança desenha é lindo, sai da alma, sai do espírito, sai da sinceridade, de coração aberto. Todos vocês podem desenhar, tentem porque de repente aqui, entre vocês, podem estar futuros colegas de profissão, de repente podem até trabalhar comigo. Estou precisando de gente, estou precisando desenhista, mas antes de tudo, atenção professoras, eu estou precisando de roteirista, gente que escreva, gente que crie, e para isso é preciso ler, é preciso encher a cabecinha do melhor combustível que existe no mundo para o carrinho da gente andar, que é cultura, conhecimento, informação e formação. Isso você aprende primeiro com a família, com os pais, e depois na escola. Não é conselho assim de momento, a melhor coisa que vocês têm que fazer é o que a professora Tania falou, ler cada vez mais. Quanto mais vocês lerem melhor estarão preparados para vencer na vida, para vencer obstáculos, para crescerem e transformar este país em algo muito melhor do que vocês encontraram. Agora vamos abrir a nossa reunião para algumas perguntas de vocês.

– Com qual personagem seu você se parece?

Maurício – O que você acha? O Cebolinha? Olha, quando a gente cria um personagem, quando a gente está desenhando, escrevendo a história, principalmente na hora que você escreve, a gente é o personagem. Então quando eu estou fazendo o Bidu, eu sou o Bidu, quando eu estou fazendo a Mônica, eu sou a Mônica. Então eu acho que o autor da história é parecido com o personagem que ele está criando naquele momento. Então eu sou todos os meus personagens. Mas algumas pessoas acham que eu sou mais o Horácio. Aí vocês lêem as revistas e decidem por mim

– Você já tem outro personagem para ser criado?

Maurício – Tenho vários. Eu vou criar agora famílias regionais do Brasil. Então eu vou criar famílias da Bahia, de Pernambuco, do Pará, do Amazonas, do Rio Grande do

Sul, e essas personagens que vão entrar nas histórias vão trazer os hábitos e costumes da sua região. Mas tem um personagem que vai entrar agora, que é novo, nunca apareceu nada parecido, esse personagem vai se chamar Marcelinho. Quem é Marcelinho? Marcelinho é meu filho mais novo, de 13 anos. Eu tenho 10 filhos, e todos eles, menos o Marcelinho, são personagens. E eu deixei por último o Marcelinho porque ele é diferente, ele é politicamente correto, ele nasceu politicamente correto. Ele apaga a luz, ele fecha a torneira, ele dobra a roupa, ele faz a lição sem ninguém mandar, ele é econômico, ele não deixa gastar dinheiro quando saio com ele, é muito diferente dos outros meus nove filhos, é muito diferente de muita gente. Então ele vai entrar na história para falar de economia, ele é econômico, guarda o dinheirinho, eu dou a mesada e ele não gasta, ele aplica e tem 13 anos só, mas ele faz isso desde 8-9 anos. Então eu vou buscar em amigos, conhecidos, parentes, filhos, inspiração para fazer os personagens. Um deles é o Marcelinho, que vem aí, ele ia se chamar Certinho, mas ele não quis. Não quero ser o certinho na história, senão o pessoal vai gozar comigo, vou pagar um mico danado, me disse ele. Eu concordei com ele e tirei o Certinho. E depois do Marcelinho, talvez venha um neto meu, um bisneto, eu tenho dois bisnetos já, ou outros amigos, colegas, conhecidos, que eu tenha, ou talvez venha alguém como você. Então, gente, vocês que gostam de escrever, olhem para o lado, olhem para seu amigo, copiem, façam uma caricatura dele, daí vocês criam um personagem.

– Você gostaria de fazer a turma da Mônica adulta?

Maurício – Quem já viu a turma da Mônica jovem? Vejam bem, a turma da Mônica jovem provou que tudo é possível. A Mônica ficou mais tranquila, calma, o Cebolinha aprendeu a falar, uma fonoaudióloga resolveu o assunto. A Magali continua comendo bastante, mas está escolhendo melhor o cardápio, para não ficar gorda e o Cascão tomou banho.

Então, gente, tudo é possível no mundo, principalmente com o passar dos anos, com educação, com uma boa escola, com as broncas da mãe também. Então, eu acho que, depois da turma jovem, pode ser que venha a turma adulta, pode ser, estou pensando nisso. Vocês acham que deve ter a turma da Mônica adulta? Meu Deus, vou ter que criar. Em homenagem à Jornada de Passo Fundo, eu vou voltar para São Paulo, conversar com meus roteiristas e começar a estudar como é que a gente coloca o terceiro patamar da turma da Mônica.

– Qual foi o último personagem que você criou?

Maurício – O último personagem foi o Antônio Alfacinha. É um personagem que não aparece muito ainda. Ele é português, veio de Portugal, de Lisboa. Ele usa umas palavras que se usa em Portugal, mas não se usa no Brasil, ele vai começar a aparecer cada vez mais e ele é primo do Quinzinho, que tem a padaria lá perto da Magali.

– Você vai criar um gibi em que a Mônica e o Cebolinha se casem?

Maurício – Vocês acham que a Mônica e o Cebolinha, lá, lá adiante, devem se casar? Você já imaginou a festa de casamento que vai ser? Meu Deus, olha, nem no Beira Rio vai caber tanto convidado. Olha, já que eu vou criar os personagens adultos, se eles são adultos, vão namorar. Não sei se a Mônica vai querer ficar com o Cebolinha, de repente ela arranja outro namorado, e o Cebolinha também. Mas se vão ser adultos, um dia vão se casar e vocês vão ver, e vão comprar a revista sobre isto.

– Por que só o Cebolinha usa sapatos?

Maurício – Quem sabe? Você sabe por quê? Eu vou explicar para você e para todo mundo. Quando eu criei o Cebolinha, eu estava no começo de carreira, então eu desenhava só uma historinha no jornal por dia. Numa historinha só, você tem um tempo de desenhar, caprichar um pouco mais e desenhar sapatos. Depois, com o passar do tempo, eu comecei

a criar outros personagens, outras histórias, e eu comecei a ficar cada vez mais sem tempo para fazer os detalhes. E daí, então, quando eu criei a Mônica, o Cascão, a Magali, eu não tinha tempo de desenhar os sapatos. Mas como o Cebolinha já tinha nascido de sapatos eu não podia tirar o sapato dele, a gente não muda roupa ou característica de personagem. Então o Cebolinha, como tinha nascido de sapato, eu deixei, os outros eu não tinha tempo, eu parei. Agora, como eu tenho uma equipe me ajudando, de vez em quando você vê a Mônica e ela está lá toda pimpona, vaidosa, usando roupas diferentes, de sapato e tudo mais. Mas o personagem como ele foi criado eu não posso mudar muito. Então foi assim.

– Por que você não fez a turma da Mônica jovem colorida?

Mauricio – A turma da Mônica jovem foi criada para atender ao pessoal que está acostumado com as histórias em quadrinhos japonesas, que nós chamamos de mangás. E o mangá japonês não tem cor, é em preto e branco. Então, para ficar parecido com o mangá, eu fiz em preto e branco.



Silvana Tavano

Silvana Tavano – Oi. Boa tarde. Tudo bom com vocês? Eu estou muito feliz de estar aqui. Estou um pouco nervosa, porque é muita gente. A gente não está acostumada, sabe, escritor fica lá na casa dele escrevendo, quietinho, ele e o computador, eu, no caso, ainda tenho os passarinhos, que ficam na frente da minha janela, então tenho os passarinhos, mas quando eu vejo esse monte de gente assim, dá um pouco de vontade de sair correndo. Alguém aqui tem medo de falar, quando tem um monte de gente assim? Ah que bom, não sou só eu. Então vocês me ajudem, tá, para eu não ficar com muito medo de vocês, não façam perguntas muito difíceis. Então, meu nome é Silvana, eu estou muito feliz de estar aqui em Passo Fundo, estou com muito frio, desde ontem, porque esta terra de vocês é gelada, muito gelada, aqui a gente faz brrr o tempo todo, mas eu comprei este casaco muito bonito, estou de casaco novo para vir aqui, falar com vocês em público, tem que ficar bonita aqui na frente, eu só estou tremendo de nervosa. Fiquei feliz de saber que vocês leram um livro meu, tem

outros, não sei se vocês leram só esse. Esse livro se chama *Como começa*. Quem que leu aqui o *Como começa*? É interessante, porque toda a vez que eu vou falar desse livro, eu fico pensando até onde esse livro já me levou. Sabem que ele me levou até para a Itália? Eu fui até a Itália, do outro lado do oceano, por causa do *Como começa*, porque quando a gente começa uma coisa a gente nunca sabe onde ela vai dar, e esse livro tem me levado para coisas que eu nem imaginava que podiam acontecer, como estar aqui com vocês. E estar aqui com vocês é uma experiência tão bacana, que eu não achei, quando escrevi aquele livro, lá em casa sozinha, que fosse começar uma história tão grande como esta que está acontecendo aqui hoje. Vou contar uma coisa para vocês. Quando eu tinha cinco anos, eu ganhei um jogo, que eu não sei se existe mais, deve ter jogos parecidos com este, hoje, porque eu fiz cinco anos já faz muito tempo, não sei se ainda tem este jogo no mercado. Mas era um jogo de letras vermelhas, de madeira, um jogo de letras para a gente formar palavras. Eu aprendi a escrever, aprendi a ler na verdade, com aquele jogo de letras. Quando eu entrei na escola, eu já sabia ler, porque eu tinha brincado muito com aquelas letras. Então eu queria saber, aqui, quem já sabe ler e escrever. Todo mundo já sabe ler? Que legal. Então quando eu cheguei na escola eu já sabia ler tudo por causa daquela brincadeira.



Daniel Kondo

Daniel Kondo – Boa tarde, eu tenho uma pergunta para vocês. Quem for de Passo Fundo, levanta a mão. Eu também nasci aqui. Então, para mim, é muito bom estar de volta e reencontrar todos os conterrâneos, de todas as idades, pequenos, grandes e velhos. Não sei se vocês conhecem o meu trabalho. Eu illustrei um livro, que alguns de vocês devem ter lido, chamado *Minhas contas*. Quem leu o livro levanta a mão. Então, esse livro eu illustrei, e o meu trabalho acontece junto com o do escritor. A Silvana, por exemplo, é uma escritora, ela faz o texto do livro, e eu crio as imagens que acompanham um livro. Então é um trabalho conjunto, meu trabalho se dá muito com o autor do livro, e no caso específico desse livrinho *Minhas contas*, não foi a Silvana que o escreveu, foi outro autor, o Luiz Antônio. E acontecia de eu ler os pedaços do livro, os capítulos, as partes, e encontrar uma imagem que fosse correspondente ao pensamento do autor. Eu sei que vocês fizeram um trabalho com esse livro, não é verdade? Então, vocês devem ter lido também o texto, e devem ter visto

como funciona o trabalho de uma imagem ilustrar um texto. Acho que é isto.

– Silvana, como você criou, ou teve a ideia de fazer o livro *Como começa?*

Silvana – Olha, eu vou contar a verdade, eu podia contar uma história, aqui, inventar, mas eu vou contar a verdade. Um dia eu estava na minha casa, nessa mesa onde eu fico sentada escrevendo e eu comecei a olhar para todos os livros da minha estante, e me deu uma curiosidade. Na verdade eu não sabia como começar uma história. Eu queria escrever alguma coisa, mas eu não sabia como começar. Aí eu resolvi pegar um monte de livros que estavam na estante, livros de tudo que é assunto, história de ficção, história de suspense, de aventura, de amor, todos os tipos, e abri todos eles na primeira página para ver como eles começavam, comecei a fazer uma pesquisa. E comecei a pensar em como as coisas começavam, em como as histórias começavam e, quando eu percebi, eu estava escrevendo um texto sobre o que eu estava pensando. Comecei a pensar em como tinha começado o mundo e como tinha começado tudo o que tem no livro, como tinham surgido todas as perguntas, sendo que algumas eu consegui responder no livro, vocês viram, e outras eu não consegui responder, deixei a pergunta no livro, e até agora não encontrei ninguém que me desse a resposta. Vocês podem me responder se o mar começa ou termina na areia, porque eu, até agora, não sei. É uma pergunta que eu não sabia responder, então eu deixei a pergunta lá no livro. Então foi assim, quando eu comecei a escrever este livro, eu fiquei pensando em como tudo começava, porque eu queria começar uma história.

– Qual foi o livro que você escreveu por primeiro?

Silvana – O primeiro livro que eu escrevi se chama *Creuza em crise*. Creuza é o nome de uma bruxa, são quatro aventuras de uma bruxa muito atrapalhada.

– Quantos livros você já escreveu?

Silvana – Acho que eu tenho uns 12 ou 13. É pouquinho, porque eu comecei a escrever bem tarde, eu não comecei a escrever mocinha. Tem muitos escritores que têm 100 livros, algo assim, que é bastante, que é legal. Eu tenho poucos. Você não quer saber quantos livros o Daniel ilustrou?

Daniel – Eu já não sei mais quantos livros eu illustrei, eu acho que foram perto de 50, mais ou menos, mas aqueles de que eu gosto mesmo são quatro ou cinco só.

– Daniel, qual é o livro teu que fez mais sucesso?

Daniel – Eu acho que o livro que fez mais sucesso é *Lá vem história*. Você já leu? É um livro que conta histórias do mundo inteiro. E eu acho que fez mais sucesso porque ele era um livro que nasceu de um programa de televisão, chamado *Senta que lá vem história*. É um programa muito antigo, vocês não devem conhecê-lo, em que se contavam histórias do mundo inteiro. Esse livro foi uma adaptação do programa.

– Qual foi a sua sensação quando você fez o seu primeiro livro?

Silvana – O que eu senti quando escrevi o meu primeiro livro? Eu fiquei muito feliz. Eu fiquei super feliz, porque quando eu lia um livro de que eu gostava muito, eu ficava feliz, e quando eu escrevi o livro que eu gostei de escrever, fiquei mais feliz ainda.

– Daniel, eu quero perguntar para você, qual livro que você mais gostou de ilustrar?

Daniel – O que eu mais gostei de ilustrar acho que foi o livro chamado *Tchibum!*, porque eu pude usar bem poucas cores e pude fazer o desenho de uma coisa que eu gosto muito, que é nadar.

– Daniel, como é que você teve a ideia de fazer tanto desenho no livro *Palavrinhas e palavrão*?

Daniel – É que o mundo em que a gente vive está cheio de barulhinhos, e cada barulhinho tem uma imagem. Se eu falar piu-piu, o que você imagina? Um pintinho, não é? Se eu falar co-co-ri-có, o que você lembra? A galinha. Então, cada

barulho tem uma imagem associada àquele barulhinho. Foi assim que eu tive a ideia de fazer muitos desenhos para ilustrar muitos barulhinhos.

– Como é feita a ilustração dos livros?

Daniel – Os livros são ilustrados quando uma editora nos chama, nos escolhe para ilustrar um texto. Então eu leio este texto e, a partir daí, eu começo a criar imagens para estes textos, e funciona assim o processo de ilustração.

Silvana – Sabem o que é mais legal? O escritor escreve uma história, escreve o livro e entrega para o editor, e aí o editor repassa para um ilustrador. E a coisa mais legal do mundo é quando a gente, quando o escritor vê a palavra dele virar uma imagem que encomprida a história, deixa a história ficar mais legal, mais interessante, mostra outros lados da história, conta uma outra história junto com a história, faz a história crescer e inventa junto com a palavra. Então é muito bacana quando você tem um livro em que a palavra e a ilustração estão na mesma narrativa e ao mesmo tempo abrem um monte de narrativas. Que nem essa lona colorida aqui que abre um monte de cores e segura uma coisa só. Então tem uma história só com um monte de cores que a ilustração abre para o texto. Deu para entender?

– Daniel, de onde você tira inspiração para desenhar?

Daniel – De tudo o que eu vejo, de tudo o que eu imagino, de tudo o que eu escuto. Eu acho que desenhar é muito receptivo para tudo o que acontece ao seu redor, com você, com seus amigos, com sua família e aí você tira a inspiração para ilustrar, mas principalmente do que você vê.

– Daniel, eu queria saber qual o próximo livro que você vai fazer?

Daniel – O próximo livro que eu vou fazer chama-se *Um domingo na cozinha*. Conta sobre a história de pais e filhos preparando receitas, cozinhando, e há também um robô que aparece na história.

– Vocês já ficaram sem ideias para fazer os livros?

Silvana – Xi, um monte de vezes. Daí é difícil, abre gaveta, levanta roupa, para ver se acha ideia em algum lugar. Vai na cozinha, liga o fogão, olha para o céu, abre a janela, sente o vento, aí alguma hora aparece uma ideia, ou na árvore, ou no telefone. Tem que ficar procurando. Às vezes não vem de graça não. Não é todo o dia que você acorda com ideia. Às vezes eu tenho que sair para procurar.

Daniel – Para mim acontece isso também de ficar sem ideias, mas tem dias que eu tenho 10 ideias, aí tem de anotar rapidinho. Tem dia que você não tem ideia, tem dia que pega uma das 10 ideias que você tem sobrando e usa.

Silvana – E como ideia é assim uma coisa muito esperta e está sempre com certa pressa, é legal você ter um caderninho seu, separado, escondidinho, que você leva no bolso, e sempre que tiver uma ideia você a escreve, e deixa ela lá dormindo, para ela não escapar, porque nos dias em que você não tiver ideias, você vai no caderninho que vai ter um monte de ideias que estão lá anotadas.

– É mais fácil começar ou terminar um livro?

Silvana – Olha, começar é difícil, a gente nunca sabe como vai começar, mas depois que você começa, ao menos para mim, eu nunca sei onde vai dar. E o meio é difícil também. Difícil tudo é, mas não sei se tem o mais difícil.

Daniel – Para mim é mais difícil terminar, porque você tem que às vezes tomar muito fôlego para conseguir terminar um livro que você tem que entregar, porque é difícil mesmo traduzir todo aquele texto em imagem. Então é um desafio para mim.

– Eu quero saber qual o desenho do livro mais importante para a criança?

Daniel – Quando eu ilustro, eu acho que a coisa mais importante é passar uma noção de que o mundo pode ser diferente. Pode ser mais colorido, ou aquela linha torta pode ser um pouquinho mais torta, ou pode ser reta. Eu acho que a ilustração tem a capacidade de transformar a sua realidade.

de, pelo menos naquele momento em que você está lendo e viajando com o livro. Acho que eu quero passar que as coisas podem ser sempre um pouco diferentes.

Silvana – Quando eu escrevo para criança eu tento, de algum jeito, olhar para o que eu estou fazendo com os olhos de criança, os olhos que eu tinha quando era criança, para olhar para tudo com a curiosidade que a criança tem e despertar nela a mesma curiosidade. Então, eu acho que quando uma criança está lendo uma história minha, ou de qualquer outro escritor, o bacana é quando ela fica curiosa para saber o que vai ter na página seguinte, e quando ela termina o livro, ela fica curiosa para saber o que tem num outro livro.

– Você falava palavrão quando era pequeno, foi isso que inspirou o nome do livro *Palavrinha palavrão*?

Daniel – Foi, eu falava, mas bem pouquinho. Mentira. A inspiração do livro *Palavrinha, palavrão*, na verdade, é uma brincadeira com uma palavra bem grande da língua portuguesa, chamada onomatopeia. Então, não parece um palavrão isso? Foi daí que veio a inspiração para fazer o livro.

– Eu queria saber onde você aprendeu a desenhar?

Daniel – Eu aprendi a desenhar sozinho. Eu gostava muito de ler Tio Patinhas e Mônica. Um dia, eu coloquei um papel vegetal por cima dos desenhos de que eu gostava e comecei a desenhar desse jeito. Depois eu percebi que quanto mais eu desenhava com papel vegetal, menos eu precisava dele. Então eu coloquei uma folha em branco do lado do desenho que eu queria copiar, e consegui copiar sem o papel vegetal. E depois de tanto copiar sem o papel vegetal, eu percebi que eu não precisava mais copiar, que eu tinha aprendido como fazer os desenhos como eu queria. Então eu comecei a observar as pessoas, as coisas e fazer os desenhos a partir da minha própria observação. E depois que eu não precisei mais observar para desenhar, eu comecei a fazer da minha imaginação, e depois eu não sei o que vai acontecer.



Tânia Zagury

Tânia Zagury – Boa tarde. Gente, eu estou muito feliz de estar aqui. Queria primeiramente agradecer o convite da organização aqui da Jornada Literária. Eu estou muito emocionada de estar aqui e queria contar, para vocês, que a primeira coisa que eu fiz, quando comecei a minha carreira, foi ensinar a ler. Então, hoje, eu encontrar crianças lendo livros que eu escrevi é muito, muito emocionante, é uma felicidade muito grande. Eu queria saber, em primeiro lugar, antes de a gente abrir para perguntas, quem leu a história do beija-flor, *O desmaio do beija-flor*. Quem leu? Nossa, que delícia! Quem leu *O mistério da lixeira barulhenta*? O pessoal desse lado. Muito bem. E quem leu a história do *Macaquinho da perna quebrada*? Tem um grupo aqui que leu. E quem leu *O estranho sumiço do morcego*? Nossa, quanta gente, que coisa boa. Bom, essa é uma coleção. Eu quero ver se vocês descobriram um segredo. Quem vocês acham que é a mamãe da história, que aparece em todos os livrinhos. Eu? Acertou. Só ele que descobriu? Você descobriu também? Muito bem. E

quem vocês acham que é o Caquinho? Meu filho, isso mesmo. É um dos meus filhos. E o Bibito? Também. Quem gostou mais do Caquinho levanta a mão. E quem gostou mais do Bibito? Aqui gostaram mais do Bibito. Na outra tenda gostaram mais do Caquinho. Agora eu vou perguntar uma coisa para vocês. Vocês gostaram do doutorzinho? Por que vocês gostaram do doutorzinho? Porque ele protege, não é? Bem, agora eu vou me colocar à disposição de vocês, para vocês me perguntarem o que vocês quiserem. Obrigada.



Elisa Lucinda

Elisa Lucinda – Boa tarde. Muito feliz estou em estar aqui. O que eu mais gosto da palavra é que ela é mágica. Vocês sabiam que a palavra é mágica? Por que a palavra é mágica? Quem sabe? Ela vai responder por que a palavra é mágica, eu quero ouvir. Ah, porque a palavra faz uma história. Muito bem, palmas para ela. Mas a palavra, olha só que legal, ela foi inventada para substituir as coisas, para representar as coisas. Então, em vez de eu pegar uma árvore e botar aqui no palco, eu falo árvore, e aqui está uma árvore. Quer ver. Olha só. Vamos fazer uma brincadeira aqui da palavra mágica. Eu vou botar agora no palco um leão. O que tem ali? Um leão. Agora sai leão, desaparece. Cadê o leão? É a palavra, ela faz tudo o que a gente quer. Então, quando eu escrevi este livro, *A menina transparente*, eu queria dizer que a gente devia olhar para a poesia que está em tudo. Então eu aprendi a prestar atenção nas canções, na historinha que cada canção conta. Agora, com a professora Tânia, nós vamos ficar à disposição das perguntas.

– Porque você escreveu o livro *O mistério da lixeira barulhenta*?

Tânia – Bem, foi porque eu estava escrevendo uma coleção sobre animais silvestres, e esse lindo gambazinho apareceu, eu vi isto acontecer, então este é um fato verídico, e eu achei tão lindo, o gambá confundiu a lixeira da piscina com o toco de uma árvore, ele pensou que dava para fazer uma casinha para ele ali e ali nasceu o filhotinho dele, ali ele ficou preso. Eu achei que isto é uma coisa inédita, encantadora, como a natureza acaba chegando tão perto de nós, produzindo coisas tão maravilhosas e às vezes a gente não olha com olhos de ver. Tem gente que só olha e não vê nada. Eu achei isso uma coisa tão linda, tão poética, e ao mesmo tempo tão maravilhosa, o fato de que as crianças quisessem salvar o gambazinho com seu filhotinho, que eu achei que era uma história muito bonita de se contar. Eu, que ainda tenho um pouquinho de espírito de criança, adorei e imaginei que todas as crianças iriam gostar. Por isso que eu transformei num livro.

– Eu queria saber se quando vocês eram crianças também gostavam de ler e escrever histórias?

Elisa – Quando eu era criança, adorava ler. Eu gostava de ler histórias de Monteiro Lobato, eu gostava de ouvir histórias, eu gostava de imaginar o que as palavras me diziam, sabe. O Monteiro Lobato, por exemplo, tinha um livro chamado *Emília no país da gramática*, e eu achava que Emília era eu. E aí eu pensava Elisa no país da gramática. Até hoje as palavras são as minhas companheiras, eu adoro as palavras, adoro, adoro, são as minhas parceiras, elas me tiram de cada situação difícil e resolvem tantas coisas para mim. E eu gostava de escrever, adorava fazer redação, até hoje acho a redação o máximo. É muito bom. Se você não tem uma história, você inventa, se você não viveu aquilo, inventa. É tão bom.

Tânia – Olha, eu também adorava ler e, assim como a minha amiga Elisa, eu li toda a coleção de Monteiro Lobato, e amei. *Reinações de Narizinho* era um livro grosso e eu o li um monte de vezes. Mas eu não gostava só de ler, eu gostava de inventar histórias, aliás, quero dizer para vocês todos aqui, vocês podem inventar histórias desde já. Na cabecinha de vocês eu sei que não faltam ideias. Então eu não gostava só de ler, mas de inventar outras histórias e de contar para as outras crianças.

– Tânia, como surgiu a inspiração do livro *O desmaio do beija-flor*?

Tânia – *O desmaio do beija-flor* aconteceu assim. Um beija-flor ficou preso no prédio onde eu moro, igualzinho ao que acontece na história. E ele ficou tanto tempo preso, voando, tentando escapar, que ele ficou com muita fome, muito cansado e desmaiou. O doutorzinho foi que salvou ele. Achou que ele estava com falta de alimento, falta de açúcar no sangue. Levamos ele para a nossa casa e demos numa seringa para ele água com muito açúcar, e ele acordou e voou, foi lindo. Eu falei, isto tem de virar uma historinha. Porque é uma história real. Vocês já sabem que o beija-flor tem que se alimentar muito e sempre.

– Do que você tirou a inspiração para fazer *A menina transparente*?

Elisa – Eu pensei em escrever sobre a poesia, porque a poesia está em tudo e a gente não vê, porque ela é transparente. Ela pode caber numa comida, você come uma comida bem feita e fala, aí está um poema, esse doce, assim como você pode dizer aí está um poema, esta tarde. Então me inspirei na vida, me inspirei na sua inocência, na sua beleza, na beleza das crianças.

– Elisa, sabemos que você, além de escrever, trabalha em novelas. Qual dos dois trabalhos você acredita que desperta mais para a leitura?

Elisa – Bem, talvez a gente não repare, mas tudo, quase tudo que a gente consome, principalmente nas artes, foi escrito antes. Não tem um filme que não tenha tido um roteiro, não tem uma novela que não tenha vindo de um roteiro. Então, tudo tem a escrita como base, ela é o rascunho das coisas. Eu acho que a televisão pode alcançar grandes níveis de mobilização para a leitura. Por exemplo, a *Jornadinha* e a *Jornada* estão passando na televisão. Então, tem gente que não está aqui, mas está nos vendo, em casa, e está tendo vontade de ler. Eu acho que a televisão tem muito potencial para ser mobilizadora de um grande movimento pela leitura, basta a gente querer. Eu acho, também, que eu faço meu trabalho de incentivo à leitura mesmo quando estou fazendo novela, porque sou uma escritora e uma atriz que tenho muito respeito pela palavra, pela língua, e só isso já é uma maneira de botar a língua portuguesa como uma bandeira entre nós.



Regina Rennó – Primeiro vou contar uma coisa para vocês, eu tenho um cachorro, dois papagaios que nasceram em cativeiro, mas não fui eu que fiz isso, não, eu só cuido deles, porque eles já eram de gaiola, não tinha jeito de soltar porque eles não sabiam como procurar comida, e tenho um grilo de estimação. É verdade, o grilo se chama João. E eu comecei a dar alface para ele, aí eu vi que ele comia pedacinho tão pequenininho que tinha que olhar com lupa, mas ele comia. Para todo mundo que vai na minha casa, eu falo assim, quando vai andar, você cuida, olha para o chão para ver se o João não está aí, porque ninguém pode pisar no João, porque ele é tão pequenininho que ele pode aparecer em qualquer lugar. Eu nem sei se ele está lá há muito tempo, ou se já é o filho dele, o neto dele, mas eu sei que tem um grilo lá na minha casa, que se chama João. Eu só não o trouxe, porque ele ia sumir em Passo Fundo, mas eu queria mostrar que ele é real, que ele existe. Eu sou uma contadora de histórias, porque eu faço livro. Tem gente que diz que é mentira, que

não existe grilo de estimação. Existe porque eu tenho um que se chama João. E um dia eu fui pôr roupa na máquina de lavar, porque eu faço um monte de coisas, eu faço comida para os meus filhos, eu cuido dos bichos, quase que não me sobra tempo, mas um dia eu fui pôr roupa para lavar e ele subiu na máquina. Quando ele subiu, eu falei, João, se você cair lá dentro, você vai morrer afogado. Aí eu falei para ele, eu vou contar até três e você pula da máquina. Um, dois, três. Vocês acham que ele pulou ou não? Eu não vou contar o fim dessa história, vou deixar para vocês adivinharem. Está bom? Eu estou feliz de estar aqui, em Passo Fundo, nessa cidade maravilhosa, nesse evento magnífico. Feliz demais por ter sido convidada e meu coração está até quente mesmo. Tanto frio que está fazendo, mas eu estou quente, de tanto amor que a gente está recebendo aqui. Agora eu vou passar para a nossa querida Lenice.



Lenice Gomes

Lenice Gomes – Gente, eu venho lá de Pernambuco, eu venho de uma cidade chamada Olinda, aquela cidade do frevo, do maracatu, das ladeiras em que eu saio pulando, até hoje eu danço frevo. Os dias de carnaval eu nem paro em casa, fico só brincando. Mas eu estou também muito feliz de estar aqui. Quando eu recebi o convite, fiquei numa felicidade enorme, porque se falava dessa Jornada e eu ficava pensando, que Jornada é essa, como é essa Jornada, quando é que vão me convidar para essa Jornada? Até que um dia chegou um convite pela internet. Eu fiquei louca, e abracei, com certeza, o convite. Eu nunca pensei em ser autora, eu queria ser atriz, eu queria trabalhar no teatro. Eu estudei teatro dois anos, mas aí aconteceram umas coisas e eu guardei o teatro. Um dia, eu comecei a fazer na escola o recreio da palavra. No recreio da palavra, eu brincava com parlendas, trava-línguas e outras expressões populares. Alguém me viu fazendo isso, e perguntou se eu não queria fazer um livro com essas coisas. Eu fui para casa, comecei a ler, comecei a pesquisar, e saiu *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu*. Depois saíram muitos outros títulos. Agora eu só sei escrever. Mas

eu também passo ferro, eu cozinheiro, eu bordo e eu também já criei um grilo. Foi a coisa mais incrível do mundo quando ela me disse que criou um grilo. Lá em casa ficou muito tempo um grilo e depois desapareceu. Mas agora, adivinha quem mora lá com a gente? Uma gata e uma rã. Apareceu a semana passada a rã, e a gente fica escondendo a rã para o gato não a engolir. Mas eu quero agradecer à Jornada, que trouxe a gente para esse espaço lúdico, o circo. Assim como no circo, escrever literatura é criar fantasia, e sem fantasia a gente não viveria. Agora eu vou abrir espaço para as perguntas. Muito obrigada.

– Eu queria perguntar para a Regina de onde ela tirou a ideia de escrever o livro *Doce água doce*?

Regina – Adoro esta pergunta. Eu moro em Belo Horizonte, mas eu já morei em São Paulo. E em São Paulo tem um rio chamado Tietê, vocês já ouviram falar no rio Tietê? O rio Tietê está sendo tratado, mas ele ainda cheira muito mal. Um dia, eu estava passando na margem do Tietê e vi uma montanha de pneus, mas era tanto pneu que era mais alto que um prédio de 10 andares. Eu olhei e falei, nossa, que trabalho bacana, foi algum artista que fez? Adivinha o que era isso? Era lixo que a prefeitura de São Paulo tinha tirado de dentro do rio Tietê. As pessoas jogam fogão, geladeira, pneu, tudo o que não presta em casa, dentro do rio. Quem não sabe que não pode, joga no rio, aí quando vem a chuva, vem a enchente. Quando vem a enchente, entra na casa das pessoas, e destrói tudo o que tem na casa, e as famílias ficam sem lugar para morar, não é verdade? Então me deu a ideia de criar o livro que se chama *Doce água doce*, que é para mostrar que essas coisas não podem acontecer, a gente não pode jogar o nosso lixo no rio nem na rua.

– Como surgiu a ideia de escrever o livro *Mafuá dos magafamágicos*?

Lenice – A ideia surgiu de um trava-línguas que fala de um ninho de magafagafos. Eu quis fazer uma incursão por esse universo das brincadeiras com palavras.

– Percebe-se que a sua preocupação com o meio ambiente é muito grande, pelo livro *Doce água doce*. É verdade?

Regina – É verdade, eu me preocupo com o meio ambiente, faz muito, muito tempo. Um dia, eu fiz uma viagem para o Acre, que é onde tem uma parte da floresta amazônica, e o meu avião não pôde descer de tanta fumaça da queimada da floresta, aí a gente foi descer numa outra cidade. Então me deu a ideia de escrever *Que planeta é esse?* É uma maneira que eu tenho de ajudar as crianças a enxergarem a importância disso.

– Regina, por que você colocou ilustrações no *Doce água doce* e não colocou texto escrito?

Regina – Ai, que delícia de pergunta. Fiz isso porque eu também sou autora de livros de imagens. A palavra quem vai colocar é você. É você que vai inventar a história, por isso que eu faço uma sequência de imagens. Você e todo o mundo que quiser. Aí você fica sendo o escritor, e eu a ilustradora.

– Gostei muito de ajudar a fazer seu livro *Doce água doce*. Nós fizemos uma montagem em grupo, foi muito legal. O que a incentivou?

Regina – Olha, muito obrigada, porque é isso mesmo que um autor de imagem quer, que as crianças façam a narrativa, que façam a sua história. Então, cada um contando a sua história deixa o autor muito feliz. E quanto mais as crianças contam as suas histórias sobre o que eu desenho, mais eu faço livro, porque eu acho que compensa muito.

– Lenice, porque você faz livros de adivinhas?

Lenice – Ah, eu gosto demais, eu tenho mais de 300 adivinhas recolhidas. Grande parte dos meus livros tem adivinhas. Meu livro de adivinhas aconteceu, porque eu chegava

na escola e as crianças diziam, Lenice, aposto que você não sabe responder esta adivinha. Aí eu cheguei em casa e disse para o meu filho que iria fazer um livro de adivinhas. Comecei a fazer pesquisa e agora adoro brincar com adivinhas, porque há o mistério, há o segredo, a surpresa, que é muito bacana.

– Eu queria saber no que você estava pensando quando você fez o livro *Na boca do mundo*?

Lenice – Eu gosto muito da palavra boca. Quando eu pensei em fazer *Na boca do mundo*, eu disse, eu vou fazer poemas e, no meio dos poemas, eu vou jogar as adivinhas. A ilustradora, Elizabete Teixeira, fez uns traços lindos, porque a própria imagem tem a resposta das adivinhas. Se o leitor for um leitor curioso, um leitor atento, ele vai descobrir que no meio daquela imagem está lá a resposta das adivinhas, embora no final da página ela coloque as respostas.

– Regina, você gosta mais de ilustrar seus livros ou de escrever?

Regina – Gosto de ilustrar e gosto de escrever. Gosto de pintar, de fazer objetos, gosto de fazer um monte de coisas. Sabe, quando eu estou cansada de fazer uma coisa, eu descanso fazendo outra.



Caio Riter

Caio Riter – Boa tarde para vocês. Eu vou contar para vocês algumas coisas, eu vou contar alguns sonhos e também contar alguns segredos. Um dos sonhos que eu tinha, um sonho bem sonhado, era aquele sonho bem grandão de ser escritor, mas eu não queria, não tinha o sonho de ser escritor para gente pequena. O meu sonho era ser escritor para gente grande, esse é o meu segredo, um deles. E a minha mulher vivia dizendo para mim, Caio, por que você não escreve livro para criança? Acho que você leva jeito para escrever livro para criança. Mas eu não queria, não tinha muita vontade não. E aí ela dizia, escreve Caio, escreve livro para criança. Ah, mulher é insistente. Mas eu não escrevi. Mas eu tinha um outro sonho, o sonho de ser pai, eu queria ter um filho ou um filha. Aí eu parava no meio da sala e sonhava. Eu quero um filho ou uma filha. Eu olhava para os lados e nada de um filho ou uma filha aparecer. Mas um dia eu cheguei em casa, e minha mulher me disse, Caio, eu tenho um bebê na minha barriga. Eu fiquei tão feliz, mas tão feliz, que vocês não ima-

ginam o tamanho da minha felicidade. Aí, sabe o que eu resolvi fazer? Resolvi dar um presente para ela. Eu queria dar um presente que nenhuma outra mulher no mundo tivesse um igual. Fiquei pensando, pensando o que eu poderia dar para ela, e me lembrei dela dizendo, Caio, escreve um livro para criança. Aí eu escrevi um livro para criança, dei o nome para ele de *O fruto verde*, e embrulhei para presente. Ela chegou em casa e eu dei o livro para ela. Ela começou a ler o livro e começou a chorar. Ela lia o livro e chorava. Sabem por que ela chorava? De felicidade, de emoção. E, dentro da barriga dela, tinha uma menina, Helena, que hoje tem 18 anos. De tanto gostar de fazer esse primeiro livro, eu acabei fazendo outros e mais outros. Mas esse primeiro, chamado *O fruto verde*, nunca foi publicado, porque eu fiz uma promessa para mim mesmo de que ele seria um livro único e só a minha mulher teria esse livro. A partir dali eu comecei a escrever para crianças, para adolescentes e também para gente grande. Assim é que começou a minha história de escritor.



Roseana Murray

Roseana Murray – Bom, eu vim de longe, de uma cidadezinha muito linda que se chama Saquarema, perto do Rio de Janeiro. Eu moro na frente do mar, onde passam baleias, golfinhos, tartarugas gigantes. É muito bonito onde eu moro. Aí cheguei aqui em Passo Fundo, e aqui na Jornadinha a gente veio passando de tenda em tenda, cada tenda tinha uma cor. Agora, eu vejo que para finalizar, esta última tenda é multicolorida, então vocês também ficam multicoloridos e é muito bonito. E essas tendas nos levam ao circo, que é completamente mágico, com uma atmosfera de sonho, onírica. Eu amo os circos, me sinto muito feliz debaixo de uma lona. Então, já que eu estou aqui, nessa lona maravilhosa, eu vou ler para vocês um poema chamado “O circo”.

O circo acampa nos arredores da cidade.

Arma na grama sua lona furada.

A noite é de festa.

De longe chegam meninas de saias rodadas,

Namorados de corações entrelaçados,

Avós e netos, cães e gatos, todos na arquibancada,
Com fome de pipocas e de sonhos.

Por um momento sai do chão, voa, desliza para fora do tempo

E pausa em preto e branco no álbum de retrato.

Então, esse momento que a gente está vivendo aqui, hoje, agora, também um dia vai estar pousado ou na tela do computador, ou num álbum de retrato. É um momento muito bonito, esse, de todas as cores e entrelaçamentos. Eu fico muito feliz de estar aqui com vocês.

– Eu li *O tesouro iluminado*, que fala sobre uma estrela que caiu do céu. Quando você era pequeno, você empinava pipas?

Caio – Ah, eu fazia um monte de brincadeiras, e uma delas era empinar pipas. Eu gostava muito de empinar pipas, às vezes era difícil colocar ela no ar, mas tinha que ter toda uma receita, que nem eu coloquei no livro, receita de fazer pipa. Eu gostava de andar de perna de pau, gostava de jogar bolita, gostava de brincar de esconde-esconde, de pega-pega, de polícia-ladrão e gostava, também, de empinar pipa nos dias de vento, era muito bacana.

– Porque você colocou a poesia “Aniversário” no livro *Pera, uva ou maçã*?

Roseana – Porque eu escrevi a poesia “Aniversário” para que todos que fizessem anos no dia em que estivessem lendo o meu poema ficassem bem felizes.

– Eu li o livro *O tesouro iluminado*, e gostei muito da parte em que as personagens escondem o tesouro. Você, quando era pequeno, escondeu alguma coisa?

Caio – Se eu escondi alguma coisa? Ah, as crianças sempre escondem alguma coisa. Eu não me lembro de algo especial que eu tenha escondido. Eu lembro que gostava de brincar e lembro que às vezes tinha alguns tesouros, que de-

pois eu acabava escondendo, geralmente eram os meus brinquedos. Depois eu me esquecia de onde os tinha escondido. Então, eu perdi muito brinquedo assim. Hoje, eu tenho três tesouros na minha vida, a minha mulher e as minhas duas filhas, que são os tesouros mais lindos que eu acho que construí na minha vida. Esses eu não escondo.

– Como você inventou o *Poemas e comidinhas* com tantas comidas?

Roseana – Esse livro eu fiz com o meu filho, e ele é chefe de cozinha, cozinheiro. Ele inventou as receitas e eu fiz os poemas.

– Eu li *O tesouro iluminado*, e queria saber se você viu alguma estrela cadente para ter essa ideia?

Caio – Eu já vi estrela cadente, mas não foi daí que veio a ideia. Na verdade, eu queria escrever uma história sobre um tesouro que as personagens encontrassem. A primeira coisa em que eu pensei foi em algo que viesse do céu. Não sei por que eu tive essa ideia. A primeira coisa em que eu pensei foi num extraterrestre, que eles iam achar um extraterrestre, mas depois eu achei que isso era muito comum na literatura, que vários escritores já haviam escrito sobre extraterrestres. Aí eu fiquei pensando no que poderia vir do céu, e pensei numa estrela. Eu pensei na estrela cadente, mas essa não é cadente, ela vem porque ela quer vir, ela se agarra no rabo da pipa e vem para a terra, para conhecer a gente aqui. Então foi assim que surgiu a ideia.

– De onde você tirou a ideia de fazer o livro *Pera, uva e maçã*?

Roseana – Esse livro, *Pera, uva ou maçã*, foi uma editora que me encomendou. Ela falou que queria um livro onde eu fizesse alguns poemas sobre brincadeiras de antigamente, e aí eu fiz o livro com algumas brincadeiras e outros poemas que não eram sobre brincadeiras, mas que eu achei legais.

– Como você criou *O fusquinha cor-de-rosa*?

Caio – *O fusquinha cor-de-rosa* eu criei porque eu comecei a perceber que tem muito menino e menina que fica dizendo, às vezes, que tem coisa que só menino pode fazer, e tem coisa que só menina pode fazer. Eu não acredito nisso. Eu acredito que a gente pode fazer o que a gente tem vontade de fazer, desde que a gente não prejudique outras pessoas e não prejudique a si mesmo. Eu quero subir numa árvore, eu vou subir, não importa se sou menino ou menina. Eu quero jogar futebol, eu vou jogar, não importa se sou menino ou menina. Aí eu resolvi escrever um livro sobre isto. Então, tive a ideia de criar um personagem que fosse um brinquedo que dizem que é de menino, numa cor que dizem que é de menina, e assim surgiu *O fusquinha cor-de-rosa*, que é o meu livro que as crianças mais amam. Então, esse é um livro que eu me agradei muito de fazer.

– Por que você gosta de escrever poemas para crianças?

Roseana – Eu acho que não é o poeta que escolhe que vai escrever poesia. A poesia é que escolhe o poeta, e a poesia me escolheu para escrevê-la.

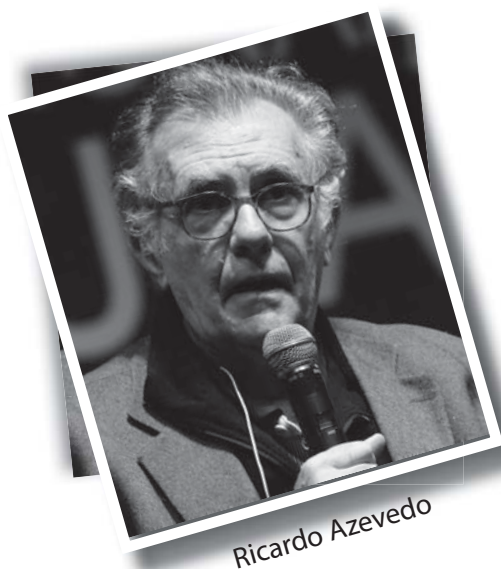
– Tem algum tema que você tem em mente para ser um novo livro, ou não?

Caio – A gente sempre tem, tem sempre alguma coisa para escrever. Atualmente, eu estou escrevendo um livro para jovens. É a história de uma menina que vive em Porto Alegre, mas o pai dela vai ser transferido para uma cidade do interior, bem no interior, e ela vai viver nessa cidade, sem os amigos, sem a casa dela, o telefone não pega, então a Suzana, que é o nome da menina, vai sofrer bastante. Não terminei o livro ainda.

– No que você se inspirou para fazer o livro *Debaixo do mau tempo*?

Caio – *Debaixo do mau tempo* é um livro para gente grande. Eu me inspirei na história de um amigo meu. Lá em

Porto Alegre tem um rio, que uns dizem que é lago, outros que é rio, que é o Guaíba, e esse meu colega costumava remar no Guaíba. E, um dia, eu fiquei pensando no que aconteceria se ele estivesse remando lá no meio do Guaíba e caísse um temporal, daqueles bem feios. Foi assim que comecei a inventar a história do Renato, que é o meu personagem do *Debaixo do mau tempo*.



Ricardo Azevedo

Ricardo Azevedo – Bom dia. Estou chocado com tanta gente, acho que eu nunca falei com tanta gente assim na minha vida, numa vez só. Estou muito contente de poder estar aqui com vocês, eu acho que vocês devem ter algumas perguntas para me fazer. Mas antes de vocês fazerem as perguntas, vou contar um pouco da minha trajetória, e também vou mostrar algumas coisas para vocês. A primeira coisa que eu queria contar para vocês, gente, é que descobri que gostava de escrever quando estava no colégio, mais ou menos na idade de vocês. Eu acho que eu devia estar no equivalente da 8ª série e fazendo as redações escolares, eu tirava boas notas nas redações. Eu não era um bom aluno, era muito inquieto, era mau aluno para falar a verdade. Tirava nota baixa em tudo. Estou me confessando aqui. Então, o fato de eu tirar boa nota nas redações me chamou atenção. Poxa, talvez esse seja um caminho para mim, pensei. Eu não sabia que eu ia ser escritor, mas eu pensei comigo, talvez eu vou ser um jornalista, eu não sabia direito o que eu ia ser. Mas eu come-

cei a escrever, não só a fazer as redações que os professores pediam, mas comecei a fazer redações por conta própria em casa. E aos poucos eu fui descobrindo que isso é um negócio extraordinário. Se vocês forem pensar o que é escrever, o que é você ter uma folha em branco na sua frente e você poder inventar, vão ver que é uma coisa extraordinária. Na verdade, é quase um presente que o professor dá quando ele convida vocês a escreverem uma redação, porque vocês podem inventar. Por exemplo, a professora pede que vocês escrevam sobre suas férias. Vocês podem inventar, vocês podem escrever um texto com o título: As minhas férias dentro do armário. Não é proibido. Como é que foi na gaveta das meias? O que aconteceu lá? O que aconteceu na gaveta das cuecas? O que aconteceu quando você, dentro do armário, achou um buraco atrás das gavetas, entrou no buraco e encontrou uma moça linda que morava lá? Eu estou tentando dizer para vocês que inventar é fantástico. Nós somos treinados muitas vezes para repetir coisas. É normal que seja assim, porque quando nós vamos para a escola temos que estudar os livros e repetir aquilo, para provar ao professor que nós sabemos e que entendemos aquilo que nós lemos. Mas a escola e a vida são muito mais do que isso, do que repetições. Então, a minha sugestão para vocês é que, nas redações, quando vocês puderem inventar, inventem, tirem de vocês as coisas. Outra coisa que eu queria contar para vocês é que quando eu comecei a pensar em ser escritor, já com 20 e tantos anos, comecei a pegar o jornal e recortar notícias, achando que, de repente, essas notícias poderiam me dar alguma ideia. Vou mostrar para vocês. Olha gente, isso aqui são cadernos com recortes de notícias, que eu faço há mais de 30 anos. Eu leio o jornal e recorto notícias que eu acho interessantes. Vejam essa manchete: Baratas gigantes atacam em bando. Eu li e pensei comigo, pode ser que um dia eu resolva colocar baratas na minha história. Outra manchete insólita: Após beber,

o diretor solta os presos na Paraíba. São notícias que saem no jornal, todo santo dia. Gente, um simples jornal que vocês pegam tem notícias interessantíssimas para a gente ver. Só que tem um detalhe, eu nunca usei nenhuma dessas ideias. Eu recorto há 30 anos, colo e nunca usei. Então, chegou um dia em que eu me perguntei, por que eu faço isso? Acontece que, quando eu estou escrevendo um texto e me dá um branco, e isso acontece muitas vezes, eu estou escrevendo uma história e de repente eu não sei bem como continuar, eu pego esses cadernos, folheio, e só o fato de eu ler tantas notícias, tantas coisas que acontecem na vida real, que eu jamais imaginaria, isso me abre. É como se isso tivesse o dom de me tirar do meu próprio umbigo e me fazer olhar o mundo, e descobrir, meu Deus, quanta gente existe, quantas vidas diferentes existem, quantas coisas podem acontecer! Quando eu faço isso, as ideias do meu texto vêm. Então, eu queria mostrar isso para vocês e aconselhar vocês a olharem os jornais com esses olhos. Não ler só as notícias de política, de economia etc, mas de repente olhar o jornal como um registro da aventura humana, com seres humanos tentando dar conta da vida e fazendo coisas. Bem, como vocês sabem, eu escrevo e desenho. Eu vou mostrar para vocês rapidamente como eu faço essa ponte. Eu escrevo o texto e mando para a editora quando eu acho que está bom, e isto demora 9-10 meses, eu demoro mais ou menos isto fazendo um texto. Faz de conta que a editora aprovou. Então nós fazemos uma reunião e determinamos o formato do livro. Depois, eu vou para casa e faço um boneco. O boneco é o projeto do livro. Aqui no boneco eu crio as imagens, eu faço caprichado mesmo para eu poder ver, depois esse desenho é refeito. Eu faço de novo, bem acabado. O projeto visual de um livro é como se fosse o projeto de uma casa, eu tenho o texto, mas como este texto vai entrar no livro? O que vai estar dito em cada página e qual a imagem correspondente? É um trabalhão. Só esse boneco eu

demoro três semanas fazendo, até ficar do jeito que eu quero. Para todos os meus livros eu faço boneco. Eu queria mostrar isso para vocês porque uma das coisas que eu mais ouço é a pergunta sobre o que me inspirou para fazer este ou aquele livro. Essa ideia de inspiração é estranha. Parece que o cara está andando na rua, e de repente desce uma coisa na cabeça dele, e ele senta e escreve, ou faz os desenhos. Eu desconheço isso, eu desconheço inspiração, para falar a verdade. Temos boas ideias às vezes, temos más ideias outros dias. Durante os meses que eu levo para fazer um livro tem dias que eu estou com boas ideias, tem dias que eu estou com más ideias. A soma desses dias é o livro. O que existe, que eu conheço, é o trabalho, é acreditar no trabalho, é querer que esse trabalho seja o melhor possível para o leitor. Eu acho que era isso que eu tinha para dizer para vocês.

– Você pretende continuar essa carreira de autor e palestrante?

Ricardo – Pretendo, lógico. Olha gente, eu acho um privilégio ser um escritor, você poder inventar histórias e, no meu caso, ainda, fazer os desenhos e publicar o livro. É bom saber que hoje, por exemplo, uma menina de Santa Catarina, ou da Bahia, ou sei lá de onde, agora, neste exato instante, uma menina está lendo o meu livro. Eu acho fantástico isso. Como que um livro que eu fiz, e eu estou aqui em Passo Fundo, moro em São Paulo, como é que este livro foi parar lá no Amazonas, ele está lá agora, alguém está lendo, e eu tenho orgulho de poder fazer isso. Eu acho fantástico, eu queria que vocês pensassem nisso, nessa possibilidade de vocês também terem ideias, não só como escritores, mas em qualquer trabalho que vocês façam. E essa ideia sair de vocês e ir longe, e fazer pelo menos um cara dar uma risada. É como se eu estivesse lá. Vê se vocês entendem, o livro é parte minha, é como se fosse um emissário meu, sai de mim e vai para um lugar. Eu acho extraordinário isso.

– Qual foi o livro seu que você acha que chamou mais a atenção dos jovens, e por quê?

Ricardo – Olha, eu vou dizer um negócio para vocês que talvez vocês não concordem comigo, respeito, né. Eu não acho que os jovens, as crianças, os velhos, os adultos sejam tão diferentes assim, não. Eu acho que vocês são muito mais parecidos com seus pais, com seus avós, que diferentes, na verdade. Eu acredito nisso. Na verdade, eu escrevo com essa crença. Eu escrevo pensando que eu estou falando uma coisa que vai interessar a um menino de 9 anos, mas vai interessar a uma pessoa de 19 anos, de 39 anos e de 49 anos. Se vocês forem olhar seus pais, suas mães, ou as pessoas que estão próximas de vocês, vão ver que são seres humanos inquietos como vocês, com dúvidas como vocês, lutando como vocês, tentando se entender como vocês, que gostam de ser bem tratados como vocês, que sonham como vocês. Nós seres humanos somos muito mais parecidos do que diferentes, independente de idades. E isso eu acho fantástico e eu parto desse princípio para escrever.

– Como surgiu a ideia de escrever *A hora do cachorro louco*?

Ricardo – Que bom que este livro foi lido por alguém aqui, eu fico muito contente, é um livro que eu tenho orgulho de ter escrito. Olha, eu acho que a primeira coisa de que ele nasce é da minha angústia de ver tanta gente pobre, quer dizer, nunca me conformei com isto. Eu não vim de uma família rica, mas não vim de uma família pobre, eu era uma criança de classe média, digamos assim. Mas eu, desde criança, vejo crianças na rua, gente pobre, gente numa condição que nem se fala, não é possível uma criança brincando no lixo e coisas assim. Isso sempre mexeu comigo e mexe comigo, e é razão de muitos livros meus. Acho que esse livro é um deles, só que somado a uma outra coisa, o meu amor pela cultura popular. Então *A hora do cachorro louco*, ao mesmo tempo que fala

da pobreza e do conflito diante da pobreza, fala da cultura popular. Não posso contar aqui como é que é, mas quem leu sabe que a heroína da história é uma mulher analfabeta, e ela detém um conhecimento que nós da cidade não temos, e por isso ela consegue fazer o que ela faz. É isso.

– Quando estou escrevendo uma história e não consigo acabá-la o que eu devo fazer? Que caminho devo seguir e o que devo fazer para tornar-me uma escritora?

Ricardo – Bom, aí são várias perguntas. Quanto a você estar num dia em que está escrevendo e você achar que está ruim, o meu conselho é que continue escrevendo. Escreva coisa ruim. Por que isso? Eu já fiz mil vezes isso. O que acontece, no dia seguinte, é que você pega aquilo que você escreveu e fala, não é por aqui. Uma coisa é você pensar que não é por aqui, outra coisa é você escrever. Quando está no papel fica muito mais nítido quais são os caminhos pelos quais você não deve ir. É importante escrever coisa ruim também para o escritor, ele vai separar o joio do trigo, não baseado em ideias, mas baseado em textos, porque nós somos escritores. Agora, quanto a ser escritor, os caminhos são muitos, muitos e muitos. Não existe um curso para ser escritor. Eu acho que a pessoa deve ler outros livros, conhecer o que os escritores fazem e escrever. Escrever sempre, ler e escrever e ter paciência também. Hoje em dia eu sinto que as pessoas têm muita pressa, querem tudo para logo. Às vezes eu vejo, nas escolas, as crianças já fazerem livros, não sei se é tão importante isso. Eu acho mais importante escrever bastante do que publicar. Eu acho que escrever para o outro exige experiência de vida, exige um pouco de calma, exige trabalho mesmo. Eu mesmo publiquei o meu primeiro livro com 30 anos de idade, e eu era um autor jovem, mas eu já era casado, já tinha filhos, já tinha trabalhado em vários lugares. É importante a pessoa ter calma, amadurecer, crescer, se entender a si mesma e aí escrever o trabalho que vai ser para o outro. Porque o escritor

não escreve para si mesmo, ele escreve para alguém ler. E há uma grande responsabilidade nisso.

– No livro *Contos de enganar a morte*, você apresenta quatro maneiras de enganar a morte. Seria uma forma de você dizer que tem medo dela?

Ricardo – A morte é líquida e certa. Então a morte é um assunto fundamental para todos nós. A pessoa que fingir que a morte não existe está errada. A pessoa que finge que a morte não existe é aquela que vai atravessar a rua e não olha para os lados, vai levar uma trombada. Nós temos a morte do nosso lado o tempo todo, se vocês forem pensar bem. É por isso que a gente se cuida, por isso que a gente cuida do nosso corpo, por isso que a gente não vai pular de um muro de cinco metros de altura, ninguém é trouxa, pois sabe que a morte está ali do lado. Agora a morte é um enfrentamento. Eu me fascinei pelas histórias populares em que o herói tentava enganar a morte, mas talvez eu tenha escrito porque eu também tenho esta questão presente. Todos nós temos, queiramos ou não. Interessante, porque se a gente fosse eterno, a gente não estaria aqui. Se a gente fosse eterno, na minha opinião, a gente seria como as bactérias. Para que estar aqui reunidos, discutindo literatura, se somos eternos? Para que o circo, para que o livro, para que escrever, para que comer, para que beber, para que fazer tudo, para que ter filhos, se nós somos eternos? A eternidade seria como transformar a gente em bactérias. Nós fazemos a cultura e nós fazemos o mundo porque nós vamos morrer e nós queremos deixar o mundo melhor para aqueles que virão, que nem nasceram ainda. É por isso que nós estamos aqui.

– *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões* fez sucesso na nossa escola. Gostaria de saber se você se inspirou em algumas pessoas para escrever essas histórias?

Ricardo – Eu acho que em mim mesmo. É o seguinte, são contos populares, não fui eu que inventei essas histórias.

É preciso dizer o seguinte, eu tenho dois tipos de livros. Eu tenho livros inventados por mim, mas eu tenho feito uma pesquisa com contos populares. No último caso, eu acho um conto, acho várias versões, faço uma pesquisa desse conto e tento contar ele da forma que eu acho melhor. Durante uma pesquisa eu descobri, fui percebendo que tinha contos de heróis bobos, heróis tolos. Fui separando esses contos, vi que não eram tantos assim e que eram muito legais. Aí eu fiz esse livro. Mas sem dúvida, gente, nós somos muito mais parecidos com os heróis bobos do que com os que matam o dragão. Isso não tem dúvida. Nós somos bobos, nós erramos, nós metemos os pés pelas mãos todos os dias, nós todos, vocês e eu. É assim, nós somos seres humanos. Aquele herói que mata o dragão e conquista a princesa, esse só tem no livro.

– Para você existe uma diferença fundamental entre a leitura num livro ou em algum meio virtual. A magia é a mesma?

Ricardo – É uma pergunta complexa. Eu não acho que a magia seja a mesma. Mas eu acho que as duas magias são muito boas. São coisas diferentes, e a sensação que eu tenho é de que esse é um assunto muito novo. Por exemplo, outro dia eu vi um *IPad*, aplicativo fantástico, muito legal, só que aquilo não é um livro, aquilo é outra coisa. O livro, se você for lê-lo, tanto no meio virtual, ou no livro, para mim dá na mesma, não faz muita diferença. Eu prefiro ler no livro.

– No livro *Contos de enganar a morte*, você fez pesquisa sobre as lendas e contos populares, ou elas fazem parte do seu repertório cultural?

Ricardo – Faço pesquisa mesmo, há 30 anos faço pesquisa. Eu, quando faço viagem, vou a uma biblioteca da cidade onde chego e tento achar algum pesquisador que recolheu contos populares daquela região. Se encontro um livro, tiro xerox, levo para casa e aí, de repente, eu acho um conto que

foi recolhido na Bahia, por exemplo, mas que eu reconheço. Só que é diferente, porque o contador de histórias, cada um, conta de um jeito, e essa é uma das coisas mais maravilhosas da literatura popular. O contador reinventa a história. Então a pesquisa que eu tenho feito é esta.

– O livro *Cultura de nossa terra* é muito legal, pois ele apresenta características de várias regiões brasileiras e receitas de culinária. O que o levou a escrever o livro e colocar estas receitas nele?

Ricardo – Num dado momento, eu percebi que a cultura popular não é composta só de contos, ou danças, por exemplo, a culinária é uma faceta importante da cultura popular. Então, o que eu fiz? Eu comecei a pedir para as pessoas de diferentes partes do país se elas não tinham umas receitas de suas mães ou avós, e aproveitei essas receitas no *Armazém do folclore*, primeiro, depois nesse *Cultura da nossa terra*, e também em outros livros. Aqui no sul vocês têm receitas de tradição alemã, mas já abrasileiradas, porque os ingredientes são outros. Vocês têm também receitas italianas. É uma riqueza. Isso, de repente, vai se perder, ou não, não sei. É lógico que a pessoa preparar uma receita que a bisavó fazia é bacana, e colocar isso num livro também. Então foi isso que eu fiz.

– Alguma vez o senhor já pensou em desistir da carreira de escritor? E o que lhe motiva a continuar escrevendo cada vez mais?

Ricardo – Olha, a minha carreira de escritor foi uma conquista, na verdade. Eu trabalhava com outras coisas, eu trabalhei como publicitário, por exemplo. Eu considero o meu livro mais importante o primeiro livro que eu escrevi, porque ele abriu para mim uma porta para outros livros. Meu primeiro livro foi *O peixe que podia cantar*. Então eu acho que sou um privilegiado, no sentido de que eu achei um caminho muito bom para mim. Eu, até com 100 anos de idade, se eu

estiver vivo e tiver energia e cabeça, vou estar escrevendo os meus livros. Eu não vou parar, não vou me aposentar.

– Que conselho você daria para os jovens que querem seguir a carreira de escritor?

Ricardo – Olha, é difícil dar conselho. Eu acho o seguinte, a primeira coisa que a gente tem que fazer na vida é tentar sair do nosso próprio umbigo. O nosso umbigo é bacana, mas ele é muito pequeno. O mundo é muito mais do que o nosso umbigo. Então sair do umbigo permite que você conte outras histórias. Quando eu mostrei esses cadernos aqui, antes, são cadernos de me tirar do meu umbigo, de me lembrarem que o mundo é muito grande. Existem outras emoções diferentes daquelas que eu conheço, existem pessoas fazendo coisas que eu jamais faria. O mundo é grande. Acho isso fundamental para o escritor, ele saber que o umbigo dele não é suficiente, que ele em si não é suficiente, que o mundo é mais do que ele e vai continuar sem ele. Segunda coisa, eu acho que todo escritor tem que ler, conhecer o que outros escritores fazem, isso é fundamental. Então é óbvio, e tentar ler tudo o que for possível. Se dizem que o livro é bom, lê, se está chato, fecha, deixa para ler depois. Talvez seja bom mas você não está preparado para ler, isso é coisa mais comum. Não tem problema, fecha o livro e lê outro. Tenta ir achando linguagens que são linguagens que você fala assim, essa linguagem me interessa. E escrever. Todo escritor tem que escrever, se você quer ser escritor, escreva, escreva todo o dia, escreva o tempo todo. Exercite e critique aquilo que você faz. É muito melhor uma crítica do que um elogio. O elogio deixa a gente no mesmo lugar. Se vocês forem pensar, eu mostro o texto para o cara, ele fala assim, ah está ótimo, não posso fazer mais nada, está ótimo. Agora se o cara chega, eu não achei tão ótimo por causa disso, disso e disso. Eu vou pensar, pode ser que ele tenha razão. Se ele não tiver razão eu vou ficar mais forte na posição com relação àquele texto. Se ele tiver

razão, graças a Deus, eu vou modificar e o meu texto vai ficar melhor. Então autocrítica é fundamental para quem quer ser escritor, mas na verdade esses conselhos que eu estou dando em outras profissões vão funcionar também.

– Eu queria saber como você gostaria que o mundo fosse no futuro?

Ricardo – Quanto ao futuro, é difícil falar. Eu gosto de uma frase que diz o seguinte: “Criança é uma mensagem que nós enviamos para o futuro, que nós não veremos”. Vocês são exatamente isso, vocês são uma mensagem, vocês estão na escola para transformar esse mundo em um mundo melhor. Num mundo onde haja mais respeito entre as pessoas. Num mundo em que se preocupem com aqueles que ainda não nasceram mas que irão nascer. Pra isso que vocês estão aqui, e pra isso que eu estou aqui também. A luta para melhorar o mundo é grande, porque tem muita coisa ruim, tem muito lixo, e tem muita burrice, principalmente burrice. Eu acho que a burrice é o nosso maior mal. Tentar construir um mundo melhor eu acho que traz sentido a nossas vidas. Um cara que está preocupado com algo além do seu próprio umbigo, preocupado em fazer uma coisa melhor para o mundo, ele conquista um sentido para sua vida. Acho que para isto nós estamos aqui. Essa é a nossa obrigação e a nossa responsabilidade.



Sérgio Capparelli

Sérgio Capparelli – É um grande prazer estar aqui conversando com vocês. A minha profissão durante 35 anos foi de professor universitário. Eu nasci numa cidade pequena, chamada Uberlândia, em Minas Gerais. Naquela época era pequena, 30-35 mil habitantes, agora tem 600 mil. Já morei em diversos lugares, morei em Goiana, morei em Curitiba, morei 40 anos em Porto Alegre. No exterior, eu morei um tempo na China, daí surgiram as *50 Fábulas da China fabulosa*. Eu escrevo poesias e narrativas. E às vezes se pergunta, de onde vêm estas ideias? Normalmente vêm da memória, da experiência que cada um tem e da imaginação. O problema é que se eu fosse contar a minha infância não seria literatura, porque seria um diário, seria jornalismo. A imaginação é que trabalha sobre a experiência e o mundo em que vive cada um. A gente tem a memória e tem a experiência apenas como uma inspiração para fazer a imaginação trabalhar e produzir um livro, produzir uma história.



Christopher Kastensmidt – Olá, meu nome é Christopher Kastensmidt, mas vocês podem me chamar de Christopher. Estou muito contente de estar aqui, hoje, com tantas estrelas, porque tem muitas estrelas aqui. Eu sou um grande fã de quem é leitor. Eu não sou daqui, eu não sou de Passo Fundo, nem do Rio Grande do Sul, nem do Brasil. Eu nasci nos Estados Unidos, a 8 mil km daqui. Eu aprendi a falar português com 29 anos, demorei. Eu sou meio lerdo assim, demorei muito para aprender o português. Estou aqui hoje para falar um pouco do meu livro *O encontro fortuito de Gerard van Oost e Oludara*. É um livro de fantasia, é um livro de viagem. Eu quero falar um pouco sobre viagem, eu quero falar um pouco dessa coisa de se mudar para outro lugar, de viajar para outro lugar. Porque não é uma coisa tão incomum, se mudar para outro lugar. Pessoas como eu, que se mudam para outro lugar, se chamam de imigrantes. E, provavelmente, muitos de vocês são descendentes de pessoas que

foram imigrantes e vieram para o Brasil. Porque aqui, para o Rio Grande do Sul, vieram muitas pessoas de outros países, como Alemanha, Itália, Espanha e Portugal. Então, não é uma coisa tão incomum ser imigrante. E nesse livro, Gerard van Oost é um holandês que vem para o Brasil em busca de aventura. Ele viaja seis semanas dentro de um navio, que se chama caravela. Caravela era o navio usado por Cristóvão Colombo, Vasco da Gama, todos estes exploradores. Gerard e Oludara vêm o para o Brasil, mas eles vêm para um Brasil diferente do real. É um Brasil onde as criaturas fantásticas do folclore brasileiro realmente existem. Então, é isso que eu quis dizer hoje, que é bom viajar, e quando você não pode, quando não tem dinheiro, não tem tempo, pegue um livro e encontre um lugar diferente, busque um lugar que você quer conhecer, porque no livro vai conhecer aquele lugar. No futuro, quando tiver realmente a chance de visitar aquele lugar, vai ser uma aventura muito mais gostosa, por causa disso, porque a leitura abre muito a nossa mente, abre muito nossa imaginação para esses lugares e faz tudo mais interessante.

– Qual profissão você teria se não fosse escritor?

Sérgio – Durante muitos anos fui jornalista, trabalhei na *Zero Hora*, trabalhei na antiga *Folha da Manhã*. Depois comecei a trabalhar na universidade, como professor. Só depois eu comecei a escrever, e só hoje eu posso dizer que a minha profissão tornou-se a de escritor. O que eu gostaria mais, já que se falou tanto em viajar, é de ser um viajante. Hoje, nos canais de televisão, principalmente na televisão a cabo, aparecem muitos jornalistas que abrem o mundo e mostram o mundo para outras pessoas. Eu acho que eu gostaria de ser este viajante, sendo que depois eu escreveria uma coisa sobre os lugares visitados.

– Você acha que os videogames influenciam as crianças de hoje?

Christopher – Com certeza os videogames influenciam todo mundo hoje, eu acho que nem é mais criança, todo mundo joga videogame, até idoso joga. Acho que mais de 30% no mundo jogam videogame. E entre crianças, claro, a proporção é muito maior. Uma pesquisa nos Estados Unidos mostrou que 97% das crianças americanas jogam videogame e jogam por muitas horas. Então, qualquer coisa que a gente faz por muitas horas é uma influência. Eu passei muitos anos, quando criança, jogando videogames, acho que eles são muito divertidos, mas tem que ter equilíbrio na vida. Então não é só jogar videogame, tem que ter tempo para outras coisas, tem que ler, tem que sair, viajar, tem que fazer esporte.

– Como surgiu a ideia de criar livros e histórias de videogames?

Christopher – É uma longa história, mas na verdade eu estudei engenharia na faculdade, e isso foi muito importante. Então, comecei a fazer microprocessadores, o que não é uma coisa muito comum, e depois eu estudei muito, li muitos livros e comecei a trabalhar com videogames, porque são algo que eu acho muito interessante, é uma área muito criativa. Tem muitas pessoas criativas trabalhando em videogames e é interessante criar narrativas para o videogame, porque a narrativa num livro é fixa, mas num videogame é interativa, então as pessoas podem interagir, as pessoas podem criar as próprias histórias. Então, eu acho que é uma mídia interessante. Agora, eu trabalho como professor e trabalho como escritor. Então, quero dizer para vocês que vocês podem fazer o que quiserem na vida, podem trocar de carreira, podem começar com alguma coisa e depois mudar para outra, o mundo é muito grande, tem muitas oportunidades. Vocês podem seguir o próprio caminho. Escolher uma trilha que vai fazer vocês felizes na vida.

– O que o levou a escolher Porto Alegre, se existem tantas cidades no Brasil?

Christopher – É por isso que é importante viajar, às vezes a gente se surpreende. Nunca me imaginei morando em Porto Alegre. Quando era jovem, não sabia nada do Brasil, para falar a verdade. A primeira vez que eu visitei o Brasil foi em 97, mas eu adorei o país, eu me senti muito bem aqui, mesmo antes de falar o idioma, mesmo antes de conhecer totalmente a cultura, eu achei um país muito interessante. Depois, eu conheci um grupo em Porto Alegre que criava videogames, um pequeno grupo, que depois criou uma empresa de jogos. A gente se conheceu e eu acabei trabalhando com eles, por isso fui morar em Porto Alegre. Então, foi uma oportunidade, e eu fui atrás e não me arrependo, eu acho que todo mundo tem que seguir o próprio caminho.

– O que vocês têm a dizer para os nossos adolescentes sobre os *sites* de relacionamento?

Christopher – Não gastem todo o seu tempo nos *sites* de relacionamento, é uma coisa que muito facilmente pode dominar a vida. É uma parte da vida, mas não é a vida. A vida é muito maior que uma rede social. É bom termos amigos com quem sair, é bom ficar jogando com os amigos, é bom passar um tempo com a família. Por isso, não deixem tudo no virtual, por favor.

Sérgio – Eu diria que o melhor sempre é mais, e não menos. Mais livro, mais televisão, mais videogame, mais *site* de relacionamento. Mas há um problema aí, que é como administrar o tempo. Acho que não devemos nos ater quase que exclusivamente a uma atividade apenas. No caso da pergunta que foi feita, é necessário ver que existe uma realidade virtual que é fascinante, mas existe a realidade nossa, a realidade “real”, e ela é mais fascinante ainda porque dentro dela estão, inclusive, as redes sociais.



Rodrigo Lacerda

Rodrigo Lacerda – Oi gente, boa tarde. Eu já publiquei vários livros, tem livros adultos, tem um livro juvenil, que é *O fazedor de velhos*, alguns de vocês talvez já tenham lido. Bem, eu e o Cláudio combinamos que vocês terão o máximo de tempo para fazer perguntas, então a gente vai falar pouco. Basicamente, só o que eu quero dizer é que vocês devem ouvir os adultos falando, é muito importante ler, a literatura é muito importante. Mas exatamente por que é importante? Eu não sei se eu tenho a resposta, mas eu tenho a minha resposta. O que eu posso dizer é o seguinte, para mim a literatura foi muito importante por dois motivos. Primeiro porque ela me ajudou a lidar com os meus problemas, a minha solidão, as minhas inseguranças, os meus medos. Para tudo isso eu encontrava, de alguma forma, uma ajuda na literatura. Mas ao ler as histórias que as outras pessoas escreveram e ao me projetar nos personagens dessas histórias, a minha vidinha, que era bem pequenininha, cresceu um bocado.

Quando a gente tem o tamanho de vocês, o mundo é nosso, tudo pode acontecer na nossa vida. Mas aos poucos a gente vai tendo que fazer opções. Na hora do vestibular, por exemplo, se escolhe uma carreira, entre muitas outras. Então você afunila. Na hora de casar você escolhe um companheiro ou companheira entre milhares de outros. A vida afunila mais um pouco. Aí você tem um filho, e seu filho é aquela criança, não é nenhuma outra criança hipotética. Então, a literatura é a maneira de você ser pai daquelas outras crianças também. Casar com aquelas outras pessoas que você não pode casar. Ter aquelas profissões que você não pode desenvolver. Então, eu tenho a sensação de que a literatura faz com que a minha vida fique mais rica e mais interessante, do que se eu seguir sempre aquele mesmo caminhozinho, entendem? Por um lado, ela é uma grande companheira nos momentos difíceis, e por outro ela abre as portas para uma série de outras vidas que eu nunca vou poder viver.



Cláudio Fragata

Cláudio Fragata – Oi pessoal, tudo bem com vocês? Bom, reforçando o que o Rodrigo disse, a literatura foi tudo para mim desde pequeno. Tudo o que eu sou eu devo à literatura. Eu cresci lendo livros, continuo lendo livros e acho que até o fim da minha vida vai ser assim. Enquanto eu tiver olhos para ler, eu lerei. Mas eu acho que uma das grandes coisas que a gente tem lendo ou escrevendo é exatamente isso, poder viver várias vidas, vidas diferentes daquela que a gente tem, e comigo acontecem coisas muito incríveis, quando eu estou escrevendo eu não tenho medo de nada. Não tenho medo de fantasma, não tenho medo de barata, não tenho medo de nada. A literatura é uma coisa que me alimenta, alimenta meu espírito, minha alma e eu sou muito fiel a ela. Eu tenho vários livros, entre eles *Zé Perri: a passagem do pequeno príncipe pelo Brasil*, que parece que muitos de vocês leram. Então, eu estou aqui à disposição de vocês, para ouvir o que é que vocês têm a nos dizer.

– Rodrigo, qual a sensação que causa no público ao criar um livro e de onde vem a sua inspiração?

Rodrigo – Bom, quando a gente está escrevendo, a gente fala assim, nessa cena a minha personagem vai descobrir que está com câncer no cérebro. Então, eu quero que o meu leitor chore, fique emocionado, com pena dela. Aí a gente vai trabalhando palavra por palavra, para criar no leitor essa emoção que a gente está pensando que ele tem que ter. Mas quando o livro finalmente fica pronto, e é publicado, vêm os leitores e te falam que sentiram coisas completamente diferentes daquilo que você imaginava que eles iam sentir naquela cena. Então, qual é a sensação que eu causo no meu público? Eu sei a que eu quero causar, agora a gente na verdade não tem controle sobre o que o público vai achar dos nossos livros. *O Fazedor de velhos*, por exemplo, é um livro que eu escrevi rapidinho, em dois meses, para me distrair. Foi um livro fácil de escrever e, no entanto, é mil vezes mais bem sucedido que um outro livro em que eu investi muito mais tempo, muito mais energia. É uma coisa imprevisível. Essa nossa carreira tem esse lado imprevisível. Você não tem como controlar a recepção, o que o leitor vai achar. E de onde vem minha inspiração? Basicamente vem de tudo. Pode vir das minhas lembranças pessoais, de coisas que eu li no jornal, que eu vi na televisão, de outros livros que eu li, da história da minha família. Aí tudo vale, é uma grande colagem de elementos. Mesmo quando é um livro supostamente autobiográfico, ou seja, em que o autor está falando da própria vida, ali dentro tem uma dose de ficção, e o autor conta as coisas como ele acha que elas realmente aconteceram, porém ele não tem certeza que as coisas aconteceram daquele jeito. Então, nessa ficção também entram elementos que não são propriamente biográficos e reais.

– Cláudio, há quantos anos você escreve livros, e você pretende escrever até que idade?

Cláudio – Pretendo continuar escrevendo livros até os 200 anos, quando eu fizer 200 anos eu paro, prometo que eu paro. Eu escrevo desde sempre porque eu nunca soube fazer outra coisa. Desde pequeno eu sabia que queria escrever e ainda hoje eu acho isso, que a melhor coisa que eu sei fazer é escrever. Agora a minha carreira como escritor não é muito antiga. Eu comecei a publicar no final dos anos 90, porque ao mesmo tempo eu tinha um cuidado. Eu queria me sentir pronto para escrever e eu só comecei a fazer isso quando eu me senti assim, ou pelo menos quando eu criei uma cara-de-pau maior para achar que eu estava escrevendo suficientemente bem para que outras pessoas pudessem ler e gostar.

– Cláudio, você acha que a imaginação é um dom ou uma coisa conquistada com trabalho?

Cláudio – Muito legal essa pergunta, será que eu vou saber responder? Mas é assim, eu acho que todos os caminhos podem levar a uma boa história. Todos. Tem gente que não acredita em inspiração, ficou meio cafona falar em inspiração. Eu acredito, na verdade, na mistura dessas duas coisas: inspiração e trabalho. Porque tem muitas histórias minhas que eu não tenho a menor ideia de onde vêm. Elas vêm, simplesmente aparecem na minha frente, e eu as escrevo. Depois que escrevi o texto, eu trabalho, retrabalho, reescrevo.

– Rodrigo, você costuma viajar para se inspirar?

Rodrigo – Olha, já aconteceu de algumas viagens me inspirarem, mas não é uma coisa que eu faça com a intenção de escrever um novo livro. Não, isso nunca me aconteceu. O que aconteceu é que eu fui num determinado lugar, era um parque ecológico, e era um lugar tão lindo, tão maravilhoso, que um dia, escrevendo um conto, usei aquele cenário para ambientar a minha história. Mas eu não sou escritor de viagens. Existem escritores especialistas, inclusive, nisto, de viajar, e ir tomando nota de tudo, e ao fim da viagem escre-

vem um livro sobre o país que visitaram. É um tipo de literatura de que eu gosto muito, literatura de viagem, mas não é, digamos assim, uma coisa regular nos meus livros.

– Que conselho você daria aos jovens que pretendem se tornar escritores?

Cláudio – O conselho é muito simples, vocês já devem ter ouvido isso, é uma fórmula muito simples, é ler muito, ler bastante, ler de tudo. Ninguém consegue se tornar escritor se não for um leitor. Isso aí não tem jeito, as coisas não nascem do nada. Então, tem que ler muito, e depois, quando forem escrever, é importante reescrever o texto várias vezes. Desconfiem sempre do primeiro texto, da primeira frase que vocês escrevem. Deixem guardado e, no dia seguinte, vocês voltam, relêem e refazem. Eu acho que esse é o caminho do escritor, é um eterno reescrever.

– Rodrigo, é possível sobreviver sendo somente escritor?

Rodrigo – A coisa mais comum é ouvir, ah, você é escritor, mas além de ser escritor você trabalha também? O fato é que realmente é uma carreira ainda, digamos assim, instável. Há pessoas que conseguem viver do que escrevem. Esse grupo já foi menor e está crescendo. Eu acho que o mundo editorial brasileiro está se profissionalizando e está permitindo que mais escritores tenham o privilégio de viver do que escrevem. E viver do que se escreve é muito importante por um motivo muito simples, você precisa de tempo para escrever. Se você tem que fazer muitos trabalhos para ganhar a sua vida, quando que você vai escrever? Eu passei 15 anos da minha vida escrevendo e tendo outras atividades. Eu acordava às seis da manhã, trabalhava até 15 para às nove, tomava um banho e corria para o trabalho. Aí voltava às sete horas da noite, jantava, e sentava para escrever das 10h às 11h. E fim de semana e feriados não existiam, eram usados para escrever. E as férias, para ódio da minha mulher na época, eram o momento que eu ia usar para dar aquela deslanchada

no livro. Ou seja, eu não queria viajar nas férias, era uma vida meio complicada. Hoje em dia, pelo menos, eu consegui um jeito de trabalhar em casa. Eu não tenho que ir a um ambiente de trabalho, ficar num escritório um dia inteiro. Se o que escrevo dá para viver? Olha, ainda não, mas as receitas que os livros me dão estão cada vez mais me ajudando a viver, mas se eu dependesse só delas eu não ia conseguir pagar as minhas contas. Por outro lado, não dá para viver sem escrever porque aí a vida ficaria chatíssima. Eu já abri mão de ofertas de emprego maravilhosas, que me pagariam rios de dinheiro, mas se eu aceitasse eu ia sacrificar um lado da minha vida e não ia valer a pena.

– Como você se sente ao escrever as obras?

Cláudio – Eu costumo interagir bastante com os meus personagens quando estou escrevendo. Eu sempre fico feliz de não ter ninguém por perto, a não ser meus gatos, porque senão iam achar que eu sou meio maluco. Porque, às vezes, eu gosto de cantar para os personagens, às vezes, eu gosto de oferecer uma comida para eles, ou colocar uma música para eles ouvirem. Mas, ao longo da criação da história, eu me envolvo de tal maneira com eles, que parece mesmo que são pessoas reais. E quando eu trabalhei com pessoas reais, porque eu tenho dois livros, um sobre Santos Dumont e outro sobre Saint-Exupéry, o autor do *Pequeno Príncipe*, eu pesquisei tanto sobre esses dois que eles pareciam meus amigos de infância, parecia que eu os conhecia de muito tempo. É uma coisa meio maluca, meio mágica que acontece. Eu me envolvo demais com os meus personagens, sejam fictícios ou reais.

– Você já recebeu críticas sobre as suas obras?

Rodrigo – Já, positivas e negativas. Na hora das negativas, é claro, eu fico péssimo, arrasado, tenho vontade de me matar, acho que nada vale a pena, mas curiosamente, as positivas nunca me convencem tanto assim. Eu acredito mais nas negativas. Eu acho que a crítica negativa é mais útil para

o escritor do que a positiva. Claro que é uma delícia ler no jornal, ou em algum lugar, alguém elogiando seu livro, é muito gostoso, mas na hora de sentar para escrever o livro novo eu lembro é da crítica negativa, não da positiva. Porque se você, digamos assim, excluir as críticas e pensar só nos elogios, a probabilidade de você se acomodar num determinado estilo, num determinado jeito de escrever, de você não se renovar, de você não se colocar novos desafios é muito maior, porque o elogio tende a fazer você relaxar e não a fazer você pensar. E nem toda a crítica negativa é absolutamente destrutiva. Ela pode apontar problemas de uma maneira construtiva, para que, no próximo livro, você realmente os resolva.

– Quais foram as principais dificuldades que você encontrou escrevendo os seus livros?

Cláudio – Dificuldades, bom, dificuldades sempre aparecem, porque a gente não tem a história inteira na cabeça, você não sabe direito o que vai acontecer, como é que você vai chegar ao final daquele livro. É um mistério. Por mais que você faça um esquema, ao longo desse processo tudo pode mudar. Até pela própria força da narrativa, a força do personagem. Existe um exemplo que eu acho muito bacana na obra do Monteiro Lobato, em que a Emília briga com ele, tem um momento em que ela se vira para o Monteiro Lobato e fala: Escuta aqui, você está pensando que eu vou fazer isso, não vou não. Quer dizer, é um pouco o personagem se impondo em relação ao autor. E isso às vezes acontece mesmo, você está escrevendo uma história e ela toma um outro rumo. Mas eu vou confessar a vocês que eu adoro isso, eu adoro quando a história muda de curso, vai para um outro lado, e eu sou obrigado a repensar toda a história, e a resolver a história de uma outra maneira.

– De onde você tirou a inspiração para escrever o livro *O fazedor de velhos*?

Rodrigo – Eu tinha o título *O fazedor de velhos na cabeça*, mas na verdade eu imaginava o fazedor de velhos como um velho fantasmagórico, um vilão que perseguia um menino de 10 anos, e se o velho conseguisse agarrar aquele menino, o menino envelheceria 50 anos imediatamente, instantaneamente. Ou seja, a vida inteira ia passar e ele não teria aproveitado nada. E este era o meu pesadelo desde criança. Eu sempre tive medo de morrer e não aproveitar a vida, de morrer antes de saborear tudo o que a vida pode nos dar. Então a inspiração foi este medo, o medo da morte precoce, e também o medo da velhice, porque de alguma forma ela é um indício de que a morte está chegando. Só que quando eu sentei para escrever o livro, a história saiu completamente diferente e o livro, na verdade, apresenta uma maneira positiva de encarar o envelhecimento e outras fases da vida que não a juventude. É muito curioso, até porque o livro é juvenil e os adolescentes não têm nenhum problema com ele, mas muitos professores e pessoas que estudam literatura acham estranho eu falar para jovens sobre a morte, a velhice, a doença. Eles me perguntam se eu estou querendo preparar os jovens para o sofrimento. Eu acho engraçada essa pergunta, porque ela parte do princípio de que jovem não sofre e a minha lembrança é de que eu sofria muito quando eu era jovem. Eu tinha mil questões, mil angústias. Então a inspiração para este livro vem justamente dessas angústias que eu tinha quando era adolescente. O que ia ser da minha vida? Será que eu ia conseguir aproveitar a minha vida? Será que quando eu chegasse à velhice eu ia poder dizer que eu já aproveitei bastante? E essas dúvidas eu acho que todo adolescente tem, o jovem tem. Então, a minha inspiração veio dessa experiência concreta, de como sofrer e ser jovem ao mesmo tempo.



Marcelino Freire

Marcelino Freire – Primeiro eu gostaria de agradecer o convite, é a segunda vez que eu venho à Jornada Literária de Passo Fundo, estive aqui em 2003. Eu me lembro de Passo Fundo sobretudo pelo frio. Eu passei aqui o maior frio da minha vida, foi em 2003. No início desta semana estava mais frio, fui eu que trouxe o calor para cá. Eu falo da questão do frio, justamente porque eu nasci numa região muito quente, uma região seca, eu nasci numa cidade chamada Sertânia, lá no Nordeste. Eu acho que tem 10 mil habitantes lá. Minha mãe teve 14 filhos, desses 14, só nove vingaram. Eu costumo dizer que eu não nasci, eu escapei, porque de 10 crianças que nasciam, por lá, acho que só umas seis sobreviviam. Minha mãe saiu de Sertânia porque a vida era muito difícil e foi com a família toda para Paulo Afonso, na Bahia, e depois, quando eu estava com oito anos de idade, minha mãe resolveu ir para o Recife. Mas, agora, eu estou morando em São Paulo, há 20 anos. Agora, eu faço uma pergunta para vocês. Como é que um menino que saiu da seca, de uma família de nove filhos, se interessou por literatura? Hoje eu me tornei

escritor e estou aqui sentado, conversando com vocês, exatamente porque a minha mãe queria, quando ela tirou os filhos de Sertânia, que eles estudassem, era preciso que eles estudassem. Mas quando uma mãe diz para o filho estudar, não é para ser poeta. Eu nunca vi uma mãe dizer, meu filho, eu quero que você estude para que, quando você crescer, você seja um grande poeta. É muito difícil. As mães querem ver o filho engenheiro, advogado, médico. Não estou tirando a razão da mãe, não, mas eu estou dizendo que, em certo momento, quando eu estava com nove pra 10 anos, já lendo bastante, eu descobri a poesia de Manuel Bandeira, que é um poeta recifense, pernambucano. Quando eu descobri a poesia de Manuel Bandeira, eu descobri que eu queria ser poeta, cheguei até a perguntar para a minha mãe o que é um poeta. Nessa mesma época, eu também comecei a fazer teatro. Então, a minha ligação sempre foi com a literatura, a arte, e como eu gostava muito de ler, enquanto os meus irmãos jogavam bola, enquanto meus irmãos faziam serviço pesado, eu ficava lendo. E sabem o que eu fazia em casa? Eu era o filho que escrevia as cartas da família. Hoje vocês estão no computador, mas na minha época ainda se mandava carta. Eu sentava na mesa, minha mãe rodeava aquela mesa e dizia, vamos escrever para o seu tio que está morando lá no Rio de Janeiro, e eu que escrevia as cartas. Escrevia cartas bonitas. Eu também lia todas as cartas que recebíamos, eu lia a bíblia para a minha mãe, eu lia as bulas de remédios. E minha mãe dizia, se um filho sabe ler uma bula, que tem palavra muito difícil, ele sabe ler qualquer coisa. Então, eu penso assim: cada pessoa com seu ofício, cada qual com seu talento. O meu irmão, que hoje é diretor financeiro de várias empresas, ele era bom de matemática, então ele fazia as contas da casa, ele tratava do orçamento, ele sabia quanto entrava de dinheiro e quanto saía. Eu, com meu ofício, fazia as cartas da casa, os cartões de natal no final do ano. Eu era um rapaz muito letrado. Então, eu acho que o importante é você fazer aquilo de que você gosta, e você acreditar naquilo, que as pessoas vão respeitar sua escolha.



Gustavo Bernardo

Gustavo Bernardo – Boa tarde. O Marcelino é o caçula de 14 e eu sou o primogênito de quatro homens. O problema é que minha mãe só queria uma menina, ficou tentando, tentando e não teve, foram quatro homens, e aí ela desistiu. Eu era uma criança muito agitada e ao mesmo tempo muito pouco sociável. E descobriram rápido que uma maneira de me deixar quieto era me dando coisas para ler, de histórias em quadrinhos a livros. Então, a razão para eu ler não foi pedagógica e cultural, mas foi para eu me aquietar. E eu realmente me aquietava enquanto lia e lia. Eu era um menino de classe média, no Rio de Janeiro, e ficava bastante preso, eu não podia sair, a não ser para ir à escola ou à casa da vovó. Eu não podia brincar na rua, não podia brincar no beco perto da minha rua, então eu só tinha os livros para me divertir. Os livros passaram a ser o lugar onde eu queria estar. Na verdade, eu sempre quis estar dentro do livro. O que acontecia dentro dos livros era muito mais interessante do que minha

vida, era muito mais interessante do que os acontecimentos diários, do que a escola, então eu só queria ficar dentro do livro. Cedo eu percebi que isso era impossível, então eu não era tão maluco assim, eu percebi que eu não podia estar dentro dos livros. Então eu passei a querer estar do outro lado, do lado do escritor. Assim, desde pequeno, comecei a escrever, escrevi muito, joguei fora muita coisa, sempre buscando esse lugar de escritor, e fui tentando realizar essa fantasia desde pequeno. Me preparei para fazer engenharia, profissão do meu pai, como fizeram meus outros três irmãos, mas na hora da decisão, como eu gostava muito de ler e escrever, resolvi fazer Letras, o que me levou a ser professor. Nesse momento, confirmando o que o Marcelino falou, minha mãe chorou por dois meses, desesperada porque o filho tinha largado a profissão de engenheiro e ia ser, coitado, professor. Eu sou professor até hoje e não me acho coitado. Sou professor há 38 anos, tenho um prazer enorme de ser professor e, ao mesmo tempo, tenho essa vida dupla como escritor. Eu já publiquei 10 romances e também vários livros de ensaios sobre literatura. Então, eu tento equilibrar esses dois lados. Eu escrevo para pessoas que pensam, para provocar reflexões, provocar dúvidas a partir de coisas que eu escrevo. E vamos para as perguntas de vocês.

– Qual foi a maior dificuldade para se tornar um escritor?

Marcelino – A primeira dificuldade foi publicar mesmo. Eu lembro que eu escrevi o meu primeiro livro de contos e fui procurar um editor para publicar esse livro. O editor falou que não publicaria meu livro. Ele teve todo o direito de dizer não para mim, mas eu não tenho o direito de dizer não para mim mesmo. Desde aquele dia eu nunca mais procurei editor, eu mesmo publiquei os meus livros. Publiquei o meu primeiro livro em 95, um livro de contos. Eu me lembro que a maior dificuldade era fazer circular esses contos. Depois eu

publiquei um segundo livro, por conta própria, em 98. No ano de 2000 apareceu um crítico literário, João Alexandre Barbosa, que conheceu os meus contos e me indicou para uma editora. Mas tem outras dificuldades que você encontra na hora da escrita, também, como um conto que você não consegue descobrir como começar, ou um personagem que você não consegue descobrir direito como construir. Mas dificuldades existem em qualquer ofício, em qualquer coisa que você escolhe fazer. As dificuldades estão aí para a gente vencê-las, para a gente ultrapassá-las.

– Você acha que as imagens podem explicar mais do que o próprio texto?

Gustavo – Não, eu acho que as imagens podem explicar outra coisa, elas podem provocar outra coisa. Elas não explicam o texto. Hoje você tem uma associação, principalmente em livros infanto-juvenis, entre imagem e texto, muitas vezes com livros muito bonitos, o que é muito interessante, mas ao mesmo tempo as imagens não podem, por exemplo, reduzir o texto a uma versão só, a uma explicação só. Elas têm que provocar novas leituras. O primeiro livro que eu publiquei, o *Pedro pedra*, é uma história interessante a esse respeito, porque eu exigi, na publicação, que o livro não teria ilustração, porque o personagem Pedro ora é uma criança, ora um adolescente, ora um adulto. E eu fiz isso porque eu não queria que ele fosse identificado, quer dizer, que ele tivesse uma forma, para que o leitor preenchesse à sua maneira a imagem de Pedro. Só que, por burrice, eu não botei isso em contrato. Então o livro saiu de uma editora, foi para outra, e já na 6ª edição, ele me aparece em casa com umas ilustrações horrorosas, em que o personagem parecia um maior abandonado, que não tinha nada a ver com o personagem que é um garoto de classe média, não tinha nada a ver com o que eu, e imagino que muitos leitores, pensávamos do personagem. Eu briguei muito para tirar as ilustrações, porque elas matavam

o texto, elas fechavam um sentido só. Isso não significa que não há outras imagens que enriquecem o texto, como há histórias só de imagens, que são histórias também riquíssimas. Tem que pensar sempre caso a caso. No meu caso eu tive um entrevero, uma briga com a imagem, mas que acabou se resolvendo bem. Tem um outro romance, que eu fiz junto com uma artista plástica, em que o livro ficou tão bonito que muitas vezes eu não sei se o mais bonito é o que eu escrevi, que eu acho muito bonito, ou as imagens da artista. Eu acho que houve um enriquecimento mútuo, o livro ficou graficamente fantástico, ficou muito interessante. Então, tem que ver cada situação mesmo.

– Você já se inspirou em algum outro escritor para escrever um livro?

Marcelino – É muito comum que os escritores digam que têm inspiração em outros escritores. Têm sim, claro. O primeiro poeta que eu li, como eu falei, foi Manuel Bandeira, e ele me influenciou bastante. Júlio Cortázar, um escritor argentino, me influenciou bastante, todas as leituras influenciam muito. Mas não são só escritores que influenciam os escritores. Eu costumo dizer que o porteiro do meu prédio me influencia tanto quanto Guimarães Rosa. Ou que a minha mãe me influenciou tanto quanto Clarice Lispector. Sabem de outra coisa que me influencia muito? Muitas vezes me perguntam qual o meu livro predileto. E eu respondo que é a rua. A rua é um grande livro, os personagens estão todos lá, é só a gente abrir o ouvido, abrir a sensibilidade e captar aqueles personagens todos, as influências estão em todos os lugares. É isso.

– Gostaria que falasse um pouco sobre o livro *O mágico de verdade*.

Gustavo – A fala do escritor sobre o livro não é a mais aconselhável, porque é um filhote da gente. Eu posso dizer que eu tentei escrever o livro para falar a verdade através

de uma mentira, ou seja, através da ficção. Toda a literatura é isso, você inventa uma história que vai falar uma verdade profunda através da ilusão. As mágicas que o mágico realiza são tentativas de alterar o mundo, como eu gostaria de fazer se eu tivesse esses poderes mágicos. Infelizmente, não tenho poderes mágicos, não sou o mago da literatura, então preciso inventar um mágico para realizar o que eu desejo fazer. Essa é a história, a motivação do *Mágico de verdade*. Agora, quem pode dizer melhor do livro é alguém que já o tenha lido.



Tiago de Melo Andrade

Tiago de Melo Andrade – Boa tarde, eu sou o Tiago de Melo Andrade, mineiro de Uberaba. É bem longinхо daqui, mas estou muito contente de estar aqui hoje. Fiquei muito encantado com tudo. Eu sempre ouvi falar muito da Jornada, a gente que está no meio literário ouve sempre falar muito bem da Jornada. Mas quando a gente chega até aqui e vê, se impressiona com a estrutura, a organização, o público. Então vou deixar os parabéns para vocês, a Jornada realmente é uma coisa fantástica e dá até um pouquinho de inveja na gente, porque a gente se pergunta, por que lá na minha cidade não tem uma coisa assim? É legal ter a oportunidade de conversar com tantos autores diferentes, de tantos lugares diferentes, de ter este momento, esta troca, de saber como que é isso de escrever, de viver de literatura, como que é essa vivência, essa experiência do criar, de onde vêm as ideias, como desenvolvê-las. Então, essa oportunidade é muito legal, tanto para o leitor como para o autor. A gente pode

deixar vocês a par do mundo do livro, como é a coisa de editar, de estar nas feiras, viajando, dando palestras, e também falar da parte criativa. Por outro lado, queremos escutar vocês, ver o que vocês imaginaram, o que vocês pensaram sobre as obras que leram, e os desdobramentos que tiveram essas leituras. Eu acho que depois que a gente publica o livro, a gente não é mais dono do livro. Ele vai agir sobre cada um de uma maneira, dependendo das referências do leitor. Então, em muitos momentos como este, eu tive ideias para outros livros, que os próprios leitores levantaram. Uma vez eu estava numa cidade e falei um pouquinho de mim, que eu estudei Direito, me formei em Direito e coisa e tal, e uma menina me perguntou se podia mudar o seu nome, quando ela soube que eu era advogado. E isso originou um livro, chamado *Tira o pé do meu direito*, que fala sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, que é a lei específica feita para vocês, e fala do direito civil, que rege as coisas do nosso dia a dia. Por exemplo, quando eu vou registrar um nome no cartório, isso diz respeito ao direito civil. O livro surgiu de um momento como este, que para o autor é muito legal. A gente tem uma profissão que precisa um pouquinho de sossego, de estar mais sozinho, e este momento de convívio é muito legal. Então eu queria agradecer mais uma vez esta oportunidade de estar aqui e ver isto tudo de perto, e dizer que eu estou muito contente de estar com vocês. Obrigado.



Luiz Antonio de Aguiar

Luiz Antonio de Aguiar – Bom, boa tarde para todo mundo. Meu nome é Luiz Antonio, e eu venho do Rio de Janeiro, onde eu nasci e moro até hoje. Eu vim aqui com muita alegria também. Eu já conhecia Passo Fundo, eu vim aqui duas vezes antes dessa, e numa das vezes em que eu vim me apresentaram todos os programas de leitura que ocorrem aqui, a partir da Universidade de Passo Fundo. Eu fiquei tão encantado com esta cidade, por isto tudo, que eu resolvi que no próximo livro que eu iria escrever a história se desenvolveria em Passo Fundo. Foi assim que nasceu o livro *Quem matou o livro policial?* É uma história policial, eu adoro literatura policial, eu adoro o desafio de ler um livro policial e ficar naquela coisa de querer logo chegar na última página, ao mesmo tempo que não vale abrir na última página. A gente tem que ir aos poucos, e chegar até lá num determinado momento, para saber como é que o mistério é desvendado. Às vezes, quando leio livros policiais, eu também fico desafiando

o detetive. Quem sabe, eu consigo descobrir o criminoso, o assassino, antes de ele me dizer quem é? Isso porque nessas histórias tem quase sempre aquela cena final, onde o detetive reúne todos os suspeitos e revela quem é o culpado. Eu misturei essas duas coisas, o encantamento que eu tive de vir a Passo Fundo, de conhecer o que é a Jornada, conhecer o que são os programas de incentivo à leitura, com essa paixão minha pelo gênero policial. Assim, eu criei esta história cheia de mistérios. E são vários e vários mistérios, um dentro do outro, como aquelas bonecas que você abre e tem uma boneca menor dentro, aí você abre aquela e tem outra. Então, é uma história que eu gostaria muito que vocês curtissem, como todos os livros que eu escrevo. Os livros que eu escrevo, não escrevo para mim, eu não escrevo para o meu prazer. O livro não é legal ou deixa de ser legal porque eu quero. O livro é legal ou não para os leitores, são eles que têm a última palavra.

– Qual o momento em que você decide escrever um livro?

Tiago – Eu acho que não é um momento, não dá para determinar o momento. Às vezes, você tem uma ideia, mas você não sabe se aquilo tem potencial para virar um livro. Às vezes, você vai escrever e aquilo lá não flui, aquela ideia não tem força para render uma narrativa. Há um período de incubação, vamos dizer, você tem uma primeira ideia e ela vai amadurecendo dentro da sua cabeça, você vai imaginando, pensando, até que aquilo tem condições de sair de você.

– Por que motivo você começou a escrever livros e você gosta de escrever?

Luiz – Eu não só gosto, como também é o meu grande barato. Eu não me imagino hoje acordando sem achar que eu posso escrever os meus livros. É o que me dá alegria de trabalhar, de tocar para frente. E eu não tomei uma decisão de escrever. Um belo dia, escrevi um livro para o meu afilhado, já faz muito tempo, eu tenho 56 anos, eu tinha 26-27 na época, e eu tinha um afilhado chamado André, que era um garoto

cheio de imaginação, mas era um garoto também arteiro pra caramba. Ele adorava puxar toalhas de cima da mesa, ele não sabia o que tinha em cima e começava a puxar a toalha, puxava, puxava, aí caía tudo no chão e a gente chegava para cima dele, André, você de novo fez isso. Ele era muito fingido, muito ator, ele baixava a cabecinha, muito tristonho, e a gente não tinha coragem de dar bronca nele, ficava barato, ficava por isso mesmo. Então eu escrevi uma história para ele, fiz de presente. Chamava-se “Tristão, as aventuras de um menino da cidade grande”, porque ele ficava tão tristonho. Só que quando eu escrevi essa história, e imaginava estar dando um presente para o meu afilhado, fui eu que ganhei um presente. Eu disse assim, puxa, eu gosto disso. Eu não sabia ainda o que eu queria fazer na minha vida, trabalhava mas não tinha uma noção do que eu queria fazer nos próximos anos, e ali eu descobri, eu gosto disso, e continuei escrevendo. Fui escrevendo outro, outro e estou aqui até hoje.

– A sua família teve qual reação quando você falou que queria ser escritor? Ela concordou?

Tiago – Então, eu sempre tive pais incentivadores. Eu acho que eles sempre dariam um apoio, qualquer que fosse minha escolha, desde que fosse uma coisa normal. Mas eu sempre tive muito apoio e incentivo dos meus pais. Agora, o caminho para se tornar escritor é diferente, eu acho que você vai construindo isso aos poucos. Não teve um dia em que eu amanheci e falei, ah, eu vou ser escritor, sabe. As coisas foram acontecendo. Já na escola eu recebia muitos elogios sobre o que eu escrevia. Quando eu estava na faculdade, muitos professores me incentivavam a publicar. Daí eu publiquei um livro, uma edição independente, e ganhei um prêmio com ele, muito importante, que é o Jabuti. Então, eu acho que é uma construção. Você não tem um caminho definido, você vai colocando os tijolos e seguindo. E esse apoio da família vai crescendo junto com sua carreira. A profissão de escritor

depende muito da aceitação do outro, do reconhecimento do outro. Se o menino quer ser jogador de futebol, ele joga bola bem ou não. Mas no caso do livro, cada pessoa reage de uma maneira. Essa relação do leitor com o livro é muito subjetiva, alguns gostam de uns autores, outros não.

– No início você escrevia como hobby ou estava decidido a ser um escritor profissional?

Luiz – Eu escrevia como hobby, não sei se como hobby ou como uma coisa que eu fazia que era natural em mim. Eu nem decidi ser escritor profissional. A história foi exatamente esta. Eu escrevi um livro para o meu afilhado e eu me encontrei nisso. Eu vi que era uma coisa que eu fazia bem, que eu gostava de fazer e comecei a escrever. Quando eu comecei a escrever para ganhar dinheiro com meus livros e até me sustentar com meus livros, daí sim eu considero ter passado a escritor profissional. Eu hoje vivo dos meus livros. Isso para mim é motivo de orgulho muito grande, não só porque vivo do meu trabalho, e eu acho que viver do seu trabalho é a coisa mais digna que se pode ter na vida, mas vivo de um trabalho de que eu gosto, de um trabalho em que eu acredito, que pode fazer bem para as pessoas. Eu não sou apenas um profissional, eu sou uma pessoa realizada com o que eu faço.

– Você já se emocionou escrevendo algum livro?

Tiago – Sempre. Eu brinco que eu vivo muito dentro do livro que eu estou escrevendo. Então aquele sentimento do personagem, você está envolvido naquilo ali. Eu acho que por isso que eu tenho uma tendência de ser sempre humorado, de ter textos voltados para este lado do humor. Porque tem um peso, quando eu estou escrevendo eu sinto realmente alguma coisa. Eu falo que ler é a forma mais segura de viajar, você pode conhecer o melhor lugar do mundo, qualquer lugar no tempo, na história e outras experiências, as outras vidas que não a sua. Então ler é o modo mais seguro de viajar, não tem perigo de o avião cair, você pode ir para qualquer lugar do

mundo, do universo. Mas escrever é uma coisa mais profunda, eu acho uma experiência mais profunda. Às vezes, quando eu estou muito tempo envolvido num livro, aqueles personagens acabam ficando muito reais para mim, sabe. Quando eu termino o livro, eu sinto falta deles. A gente tem muitas sensações e experiências quando está escrevendo. E eu acho que é importante o autor ter isso, porque se eu não acreditar, não me emocionar com o que eu mesmo estou escrevendo, imagina o que acontecerá com quem for ler, não é mesmo?

– Qual é o tipo de livro que você mais gosta de escrever?

Tiago – Eu tenho sempre uma tendência para o humor. É uma característica muito minha, tanto é que, às vezes, estou lá em casa falando uma coisa muito séria e está todo mundo rindo. Mas é difícil você ter um livro de qualidade literária com humor. A linha que separa o humor melhor ou mais inteligente do humor bobo é muito tênue. E quem escreve textos de humor, geralmente, ninguém leva a sério. Parece piada, mas é mesmo verdade. Eu acho isso uma coisa muito complicada, porque através do humor você leva a muitas reflexões sobre a vida, as nossas questões existenciais, a política, tudo. Então, eu me sinto muito à vontade em fazer textos, ou criar histórias, que tenham esse elemento do humor como uma marca mais relevante.

– O que você seria se não fosse escritor?

Tiago – Eu nunca tive muito claro o que eu queria ser, quando era criança. Nunca tive grandes planos, mas sempre estive envolvido com livros. Fazia o jornalzinho da rua, chamava os amigos, editava o jornalzinho da rua, fazia peças de teatro. Na rua de minha casa a gente fez uma pequena biblioteca comunitária, então sempre os livros estiveram próximos de mim. Mas eu nunca pensei que eu tinha um talento para escrever coisas publicáveis. Mas nesse meio do caminho eu pensei que eu ia ser professor, eu tinha vontade de ser professor. Gostava de meus professores, era amigo dos meus

professores, então era uma coisa que eu tive vontade de ser. Mas, antes de eu me formar em Direito, eu já tinha alguns livros publicados, então não deu tempo de eu ser mais nada, já fui logo seguindo nessa carreira.

– Você se acha um escritor famoso?

Tiago – Não, imagina, eu sou bem jovenzinho ainda na carreira, eu tenho um tempinho, já, mas tem muita gente mais antiga. Acho que escritor também não tem muito essa coisa de fama, como acontece com os artistas. Na minha cidade eu sou bem conhecido, de parar e dar autógrafo na rua mesmo. É uma cidade pequena, todo mundo se conhece, vou a todas as escolas todos os anos. Mas eu acho que o escritor não tem essa coisa, sabe. O autor é mais lembrado não por ele, é mais pela sua obra, pelos seus personagens. Tanto é que muitas vezes as pessoas sabem contar toda história de um livro, mas não se lembram do nome do autor. O autor fica mais nos bastidores.

– Em que você pensa quando está escrevendo um novo livro?

Luiz – Eu penso na história, eu fico muito mergulhado na história. Tanto que, se toca o telefone, eu levo um susto, porque eu caio de repente num lugar onde eu não estava. Eu estava lá no meio daquela história, no meio de um navio pirata, vendo aquela cena, aquela batalha, e o telefone tocando me arranca de lá. Eu escrevo no meu estúdio, que é fora de casa, um lugar do lado, só meu, e eu fico lá trancado e, às vezes, eu desligo o telefone, porque eu não penso em nada que não seja a história, eu fico totalmente voltado para dentro da história. É só assim que eu consigo escrever.



Maria Tereza Maldonado

Maria Tereza Maldonado – Eu estou bastante contente de estar aqui. É muito lindo ver todos vocês nessa interação com a gente, com os escritores, porque nós escrevemos para os nossos leitores e é bom que a gente se encontre com eles. Ultimamente, eu tenho me dedicado às questões do *bullying* e do *ciberbullying*, principalmente no sentido de estimular essa consciência de que estamos numa rede de relacionamentos, a gente tem a rede de relacionamentos na internet, e a gente precisa cuidar bem dessa rede. Muitas vezes o autor de *bullying* já foi vítima e talvez o espectador fique em silêncio, com medo de se prejudicar, mas a gente precisa cuidar dessa rede de relações para que todo mundo possa conviver melhor. Eu também estudo música, então ultimamente eu tenho criado letras e músicas que sintetizam o tema das minhas palestras. Eu vou cantar para vocês uma música que eu compus sobre o *bullying*, as principais manifestações do *bullying*, e a necessidade de se relacionar com respeito, por-

que muitas vezes quem está praticando o *bullying* acha que está se divertindo. Mas brincadeira é quando todo o mundo se diverte. Quando alguém se diverte provocando sofrimento, angústia, humilhação e constrangimento em outro, isso não é brincadeira, é agressão. Então eu vou cantar para vocês, vocês podem me acompanhar batendo palmas.

Agressão não é diversão.

Nada de discussão e humilhação.

Vamos brincar com alegria,

Sem xingar, bater, intimidar.

Com respeito vamos nos relacionar.

Então, às vezes, o que acontece? A gente se relaciona com pessoas, e as pessoas fazem coisas que não nos agradam. A gente fica com raiva, e resolve falar coisas que ofendem, ou então a gente resolve bater em alguém, maltratar, ameaçar. Ou seja, a gente sente raiva e acha que pode fazer o que quer com a raiva da gente. Mas não pode, não. A gente cria uma comunidade de “odeio fulano” no *site* de relacionamento e fala coisas horrendas, com a maior falta de respeito com as pessoas, sem se dar conta de que as palavras ferem, que as palavras ofendem. E sem saber mesmo, ou sem se dar conta de que *site* de *bullying* é crime. Se alguém leva um monte de mensagens de xingamento, de difamação, numa delegacia de crimes de informática, o autor se dá mal. Então, essa história de lidar com a nossa raiva, tomar conta da nossa raiva antes que a raiva tome conta da gente, é uma questão muito importante, para trabalhar na qualidade dessa rede de relações. Todos nós sentimos raiva, mas há maneiras de expressá-la que são aceitáveis e maneiras de expressá-la que não são. Então, é preciso construir bons relacionamentos para todo mundo se entender e viver melhor.



Telma Guimarães

Telma Guimarães – Gente, é uma alegria enorme estar aqui. Essa imagem de tantos de vocês reunidos, nos olhando e escutando, e a gente tendo este contato tão gostoso, nunca mais vai sair do meu coração. Desde pequena eu lia muito, e já sentia vontade de inventar histórias. Quando você lê muito, você tem que extravasar, você tem que escrever, tem que se organizar, e eu não sabia muito bem o que fazer com aquela criatividade toda. Foi aí que minha mãe me deu diários, alguns até com chave, depois ela descobria o segredo e ia lá olhar o que eu tinha aprontado na semana. Que coisa, né, espiares a intimidade da gente. E meu irmão também lia. No final, toda a família lia, até eu, para achar graça. E esses cadernos, esses diários foram muito importantes para a minha vida, porque ali eu escrevia todas as coisas que eu fazia e, às vezes, uma bobagem, um acontecimento banal, virava uma história. Esses diários me ajudaram no início da minha carreira. Quando resolvi escrever, fui lá buscar os

meus diários da minha adolescência, para me basear nessas histórias. Nem tudo o que eu escrevo é coisa que aconteceu, e também na minha casa não acontece nada de tão inusitado, de tão extraordinário, que possa virar uma história. Mas é aí que entra o lance do autor, ele põe uma lupa em cima e faz aquilo crescer, ele põe um certo exagero para a coisa ficar engraçada. Então, todo mundo pode escrever, que todo mundo tem uma história para contar. Você não tem um tio engraçado? Aproveite e escreva sobre ele. Compre um caderninho, uma caderneta, ponha junto com a sua bolsa. Anote, porque na hora que você precisar a história já está começada. Precisa de faculdade para isso? Não, precisa apenas ser um bom leitor. Quem lê bastante escreve, e escreve bem. Então, gente, é isso, leiam, observem, e tenham o coração aberto para as coisas bonitas.

– Qual é a diferença entre *bullying* e apelido?

Maria Tereza – Bom, às vezes, um apelido se transforma em *bullying*, depende de como ele repercute na pessoa. Eu conheço uma pessoa, um cara que tem 40 anos, que desde pequeno tinha um tique nervoso, então ele era chamado de Pisca. E era Pisca para lá, Pisca para cá. Ele nunca se incomodou com isto, e ele se apresentava assim. Oh, eu sou o Roberto Pisca, virou um sobrenome. Atualmente, quando ele se encontra com os antigos colegas de turma, eles ainda o chamam de Pisca. E ele, até hoje, continua piscando. Ele lidou com o apelido dessa maneira, para ele é um apelido até carinhoso. Mas para algumas pessoas, o apelido é uma coisa que machuca, é um apelido depreciativo. Por exemplo, uma menina de 10 anos estava lá com um garoto que queria ser amigo dela, mas o garoto não sabia como fazer, ele ficava atormentando ela, chamando-a de Baleia, e isto estava infernizando a vida dela. Então, isso é *bullying*.

- Gostaria muito de saber se você se inspirou em alguém para construir os personagens do seu livro *Coração na rede*,

e também se você acha que a literatura perdeu espaço para a internet?

Telma – A personagem principal de *Coração na rede* é um pouco a minha filha do meio. Ela tinha lá o namoradinho virtual, o namoradinho da internet. Até que ele começou a ligar lá para casa a uma da manhã, espera lá, olha o limite, vai dar conversa para qualquer um na internet, e ele se sente convidado da minha casa, e começa a ligar de madrugada. Não dá para passar telefone para um desconhecido e muito menos marcar encontro com ele. Aí eu tive uma conversa com minha filha e a história terminou por ali. Não foi levada adiante essa paquera. Ele morava em Florianópolis e ela em Campinas. Não rolou, mas eu aproveitei um comecinho dessa paquera virtual para fazer uma história. A segunda pergunta é se a internet atrapalha a literatura. Olha, eu acho que não atrapalha. Aquele que não lê na internet não vai acrescentar nada, não vai ler mesmo, vai recortar e colar, vai copiar o resto da vida dele. Porque a internet é uma ferramenta muito boa para aquele que é bom leitor. A internet tem essa coisa de escanear as histórias e disponibilizá-las em *sites*, o que está errado, isso é um crime inafiançável, dá cadeia inclusive, tanto copiar como disponibilizar sem a autorização do autor é um crime autoral. Eles disponibilizam no *site* livros em PDF, a gente avisa a editora, a editora entra em contato, a editora ameaça e em 24 horas eles fecham o *site* e abrem em outro lugar da internet e colocam tudo de novo. Agora, gente, quem vai gastar para imprimir, se vai desfolhar tudo? Vai ter sempre gente fazendo coisa errada, na internet e fora da internet. Então vocês têm a opção, fazer ou não fazer. Aquele que lê bastante não vai ser seduzido pela cópia ou pela pirataria, ou pelo que está errado. Ele vai entrar no *site* legal, ele vai ler o livro, comprar o livro. Então a internet é uma ferramenta boa para aquele que age de forma bacana.

– Você acha que, por causa do *ciberbullying*, os *sites* de relacionamento deviam ser proibidos drasticamente para menores?

Maria Tereza – Olha, há *sites* de relacionamento que existem e que são apropriados para menores e há *sites* que não são, porém permitem. O que eu acho importante? Acho que é legal poder ter *site* de relacionamento na rede social, mas para isso é preciso que as famílias, que as escolas possam dar uma orientação bem clara sobre o uso responsável da tecnologia, sobre a percepção dos riscos e sobre a autoproteção. E também que haja um acordo das famílias com os filhos, para que haja um acompanhamento dessa vida virtual dos filhos. Esse sentido da autoproteção é um sentido em construção, então é preciso que os responsáveis saibam como é que está sendo a navegação das crianças na rede, para poder alertar contra os riscos. É bom que os pais possam ser amigos dos filhos nas redes sociais, para que eles saibam o que está sendo postado. Porque, muitas vezes, o que é exposto na praça pública do ciberespaço são coisas que não são para ser expostas para todo mundo. Então, esse acompanhamento da vida *on-line* é um assunto de família, que deve ser combinado entre pais e filhos.



Gabriel Bá

Gabriel Bá – Boa tarde. Eu e o Fábio Moon somos irmãos gêmeos, isso significa que nós crescemos juntos, estávamos sempre juntos em casa, na escola, e desenhar e ler histórias em quadrinhos era uma das atividades que a gente fazia mais em conjunto, e eu acho que esse é um dos motivos pelos quais a gente trabalha junto até hoje. Nós escolhemos fazer a mesma coisa, o que não é tão normal nesse ramo dos quadrinhos. É uma profissão muito solitária, assim como a do escritor. Você faz tudo sozinho, você pode trabalhar na sua casa, fica o dia inteiro trabalhando, então trabalhar com o Fábio foi um dos diferenciais da nossa carreira, porque um podia estar sempre opinando no trabalho do outro. É muito bom quando você pode mostrar seu trabalho para alguém, que não seja a sua mãe, que vai sempre gostar, mas alguém que possa te falar: Isso não está tão bom, isso podia melhorar, eu sei que você consegue fazer melhor do que isso. A autocrítica é uma coisa difícil de se ter sozinho, quando você começa

e, muitas vezes, para qualquer autor, na carreira inteira. Então, por a gente trabalhar junto, a gente sempre teve um esforço maior de tentar fazer o melhor possível, porque sempre foi e ainda continua sendo uma área um pouco difícil. A gente não faz quadrinho infantil, que a maioria das pessoas acha que história em quadrinho é naturalmente infantil. Também não faz quadrinho de humor, tira de jornal. A gente nunca fez nada disso. Então quando a gente queria expressar o que a gente achava que podia fazer em quadrinhos, não tinha esses dois exemplos, não era nenhuma dessas duas coisas, a gente acabou tendo de criar os fanzines. Um fanzine nada mais é do que uma revista independente, em que você faz tudo. A gente fez um fanzine no colegial ainda, depois a gente fez dois fanzines na faculdade. E as histórias que a gente sempre gostou de contar foram histórias cotidianas, de gente normal, que se encontra, estuda. Quando a gente estava no colégio fazia histórias dos colegas da classe. Quando a gente estava na faculdade, fazia histórias das festas e do dia seguinte, de ressaca, da menina que te deu um fora. A gente queria mostrar as histórias para um público que não estava acostumado a ler quadrinhos, que era o público que estudava com a gente na faculdade. Nós dois fizemos faculdade de Artes Plásticas, e nossos colegas não eram acostumados a ler histórias em quadrinhos. Então, se você coloca um elemento com que eles possam se identificar, algo da vida deles, do cotidiano deles, como sair para um bar, ter problema no trabalho, problema de relacionamento, você vai atraí-los para esta história, não importa se ela for em quadrinhos, em literatura, ou num filme, e foi isso que a gente fez com nosso trabalho e continua fazendo até hoje. A gente quer mostrar que pode contar qualquer tipo de história em quadrinhos. O quadrinho não é um gênero, é uma linguagem, e nele você pode contar qualquer tipo de história para qualquer público.



Fábio Moon

Fábio Moon – Eu e o Gabriel até pensamos, às vezes, em trabalhar separados, mas existe uma diferença em trabalhar junto com um irmão. Talvez vocês não saibam ainda, porque vocês não trabalham, só estudam, mas no ambiente de trabalho, as pessoas muitas vezes não podem ser tão sinceras umas com as outras, porque tem lá uma etiqueta de comportamento. Você não pode chegar para o seu colega de trabalho ou para o seu chefe e falar que o trabalho dele está ruim, ou que você o faria melhor. E o nosso tipo de relacionamento de irmãos possibilita isso no trabalho. Então, se a gente está sendo vagabundo, se a gente não está dando o nosso melhor, um fala isso para o outro e o nosso trabalho melhora. Essa sinceridade a gente não tem com nenhum outro tipo de trabalho que a gente faz com outras pessoas. Eu acho que, por causa disso, todos os trabalhos que fazemos juntos ficam melhores que os trabalhos que fazemos separados.

– Quais as dificuldades de um escritor e como são vencidas?

Fábio – Olha, eu acho que difícil é ter paciência. Cada vez mais difícil é ter paciência. Porque hoje em dia, tudo o que a gente faz está sendo direcionado para um ritmo muito mais rápido. As notícias na TV são mais rápidas, a gente vive na internet, que é um meio de informação rápida, que funciona na velocidade dos cliques do mouse, para mudar de site. E ser um escritor, fazer uma história em quadrinhos, demora muito tempo. Uma história em quadrinhos que vocês vão ler em cinco minutos, às vezes, demorou dois meses para ser feita. Então, eu acho que a maior dificuldade para quem quer escrever e fazer história em quadrinhos e desenhar é perceber essa rapidez com que as coisas ocorrem e são consumidas. Mas o escritor precisa de uma concentração, uma dedicação muito maior do que a do público que faz uma leitura dinâmica. São horas e horas, dias e dias, é um trabalho que demora tempo e precisa de seriedade. Essa é a maior dificuldade, se você passa essa, as outras dificuldades são as dificuldades de qualquer trabalho.

– Você acha que a literatura pode conscientizar as pessoas sobre os problemas sociais?

Gabriel – Eu acho que sim. Eu acho que você pode tratar de qualquer tema, na literatura, nos quadrinhos. Você pode tratar de um tema real, contando uma história de ficção, você pode falar da realidade até com música e conseguir atingir um público para ele refletir sobre aquilo. Você não precisa ser específico, não precisa ser panfletário, mas você pode criar uma história que discuta aquele tema, não precisa dar uma resposta, você faz o leitor se envolver com a história e refletir sobre qualquer assunto. Não é fácil, mas é possível. É preciso pegar coisas que interessam às pessoas nos dias de hoje, inventar uma história de ficção para tratar daquilo, para ver se as pessoas reconhecem aquilo na própria vida, no mundo ao redor delas e param um pouco para refletir.

– Qual a sua inspiração e seus desafios para escrever?

Fábio – As inspirações que a gente tem vêm de qualquer lugar. No início, elas vinham muito mais de livros que a gente lia, de quadrinhos que a gente lia, mas com o passar dos anos, elas começaram a vir do dia a dia. Vêm de uma conversa que a gente ouve, ou de alguma coisa que nos acontece durante a semana, ou que a gente fica sabendo. Coisas que nos marcam, a ponto de a gente querer ver se consegue recriar essa sensação que teve numa história, e se as pessoas vão ter essa mesma impressão. Se aquilo vai chamar a atenção das pessoas da mesma forma que chamou a atenção da gente.

– Foi fácil fazer a adaptação do conto *O alienista*? Se houve alguma dificuldade, qual foi?

Fábio – Fácil nunca é. Mas eu acho que a dificuldade maior em fazer *O alienista* era que ficasse tão legal, para quem gosta de história em quadrinhos, como o conto é legal para quem gosta de Machado de Assis. São dois públicos que podem ser muito diferentes, por isso era necessário tentar entender a essência da história e a essência do estilo de Machado de Assis e, ao mesmo tempo, mesclar isso com elementos que funcionam melhor numa história em quadrinhos, como dividir o texto entre balões de diálogo e partes narrativas ou, às vezes, cortar o texto e substituir por uma imagem. Essas coisas são importantes quando você faz uma história em quadrinhos. Não é só pegar o texto e repetir igual. O Machado de Assis narra muito. Na história em quadrinhos, a narração tem que virar um diálogo, para que o texto interaja com o desenho e não vire só uma história ilustrada. Esse processo de transformação do texto narrativo em uma história em quadrinhos, tentando manter a história interessante, é a maior dificuldade e é o que pode destruir um texto literário. Tem que ter um trabalho de adaptação, para manter o interesse e, na medida do possível, a voz do autor.

– Como seguir uma carreira de sucesso na literatura, com a internet e a TV como concorrência?

Gabriel – Eu acho que parte disso é a paciência e a perseverança. Porque na internet e na TV tudo é muito rápido, você pode fazer sucesso muito rápido e você pode desaparecer muito rápido também. Na literatura tudo demora muito. Então, você vai demorar para escrever seu primeiro livro, depois vai demorar para escrever o segundo, e quem sabe, depois de três ou quatro, você vai ser um autor respeitado. As pessoas vão conhecer o seu trabalho, já vão ver que você tem um corpo de trabalho maior. É preciso ter força de vontade, continuar acreditando no seu trabalho e continuar produzindo, produzindo, que você vai aprender com os erros e vai melhorando a cada novo trabalho.

– Fanzine conta uma história ou é um jornal resumido? Quais os elementos essenciais de um fanzine?

Fábio – Basicamente, um fanzine é um material feito por um fã de alguma coisa. É muito mais fácil encontrar fanzine de música, porque as pessoas são fãs de música, então elas fazem um xerox reunindo materiais que saíram sobre os músicos de que elas gostam. No nosso caso, o fanzine de quadrinhos era uma maneira de a gente fazer quadrinhos numa época em que não tinha nenhuma editora publicando quadrinhos de autores brasileiros iniciantes. Então, a nossa maneira de fazer isso foi buscar uma publicação independente, que é o que o fanzine é, uma publicação de gente que gosta de alguma coisa e quer colocar isso no papel, quer colocar em qualquer mídia, para mostrar para as pessoas e ver se elas gostam também.

– Em relação à valorização e reconhecimento do tipo de arte que vocês produzem, que comparativo poderiam fazer entre o Brasil e o exterior?

Gabriel – Bom, eu acho que aqui, no Brasil, a gente tem ainda um mercado muito pequeno e nem tudo é de fácil

acesso. A gente cresceu lendo gibis que iam para a banca, todos os gibis iam para a banca. Tem bancas no Brasil inteiro, então era muito fácil você encontrar qualquer tipo de história em quadrinho na banca. Hoje em dia isso mudou, há uma variedade maior de quadrinhos, que não são os da turma da Mônica, de super-heróis ou mangás, são quadrinhos direcionados para adultos e muitos deles você só encontra na livraria e em tiragens menores. No mercado americano, em que a gente também publica, já tem um público maior que sabe onde buscar esse tipo de quadrinhos, e sabe que tem gêneros diferentes. E há um público para cada gênero específico.

– Vocês, autores, o que acham da substituição do papel pela leitura virtual?

Fábio – Eu acho que para livros isso está funcionando um pouco melhor, mais rápido do que para história em quadrinho, por enquanto. A história em quadrinhos, embora seja uma linguagem visual, apresenta no papel uma qualidade de imagem muito maior do que no computador e nos *tablets* da vida.

– Como você começa uma história, pelo visual, pelas imagens ou pela escrita?

Gabriel – A gente começa as histórias pela ideia, pode ser um desenho, pode ser uma imagem de uma cena, pode ser um diálogo ou pode ser só um conceito. Qualquer coisa pode se transformar depois numa história, tudo o que atrair nossa atenção pode se transformar numa história. Existe uma história que a gente começou, em que a ideia inicial era de três amigos em volta de um círculo, fazendo xixi no círculo, para trazer um amigo que tinha morrido de volta, para eles poderem comemorar o aniversário dele. A ideia inicial era isso. Depois a gente fez uma história sobre amizade, mostrando que cada um deles tinha um tipo de amizade diferente com o amigo. Então qualquer coisa pode se transformar numa história. Às vezes é um textinho, às vezes um diálogo e às vezes uma imagem.



Giba Assis Brasil – Eu sou montador de cinema, eu sou também roteirista, mas principalmente montador. Montador é aquele cara que não participa da filmagem, mas que depois junta todo o material que foi filmado e dá a forma final para aquilo. Isso de dar a forma final acontece em tudo que é forma de expressão, acontece quando um escritor escreve um livro, quando um pintor pinta um quadro ou quando o pessoal da dança faz uma coreografia. Mas, no cinema, esse trabalho tem uma característica particular, porque o montador é um cara que não participa do trabalho desde o início. O montador normalmente se especializa em sua profissão, que é a de escolher qual o melhor pedacinho de cada parte, de cada cena da história que se está querendo contar. Depois, ele junta aqueles pedaços, dá um ritmo certo à narrativa, faz com que o filme fique enxuto, que o filme conte a história da melhor maneira possível, no menor tempo possível. Eu trabalho nisso já há quase 30 anos, e o último filme que eu

montei se chama *Antes que o mundo acabe*, que é baseado num livro de Marcelo Carneiro da Cunha. O filme conta a história de um adolescente que descobre que o mundo dele está acabando, porque a namorada deu um pé na bunda dele, o melhor amigo dele está sendo chamado de ladrão, e o pai dele, que ele nunca conheceu, porque abandonou a mãe antes dele nascer, de repente mandou uma carta. Então, o jovem descobre que vai ter que encontrar um novo mundo.



Leonardo Brasiense

Leonardo Brasiense – Meu nome é Leonardo, e eu estou muito feliz por estar aqui com vocês. Eu nunca tinha pensado em escrever para jovens. Eu já estava publicando livros desde 2000, aí em 2005 uma editora me encontrou num lançamento de livro, e ela tinha lido uns minicontos meus que eu tinha escrito há algum tempo, por isso me propôs que eu escrevesse um livro de minicontos para o público juvenil. E ela até me deu um prazo, de quatro meses, para fazer o livro. Ela foi mais específica ainda, queria um livro de minicontos em que cada um deles abordasse um conflito juvenil. A essas alturas, eu já estava perdendo o cabelo, não tinha filho adolescente, nem primo, nem sobrinho, não havia nenhum adolescente em volta de mim. Então, eu tinha que descobrir como era a adolescência nos dias de hoje, pois já sabia que não era a mesma coisa que na minha época. O que eu fiz? Fui para a banca e comprei revistas dirigidas ao público adolescente. Eu fiquei um tempo só lendo esse tipo de revista,

e aprendi tudo sobre a adolescência dos anos 2000. Depois, fiz os benditos minicontos, que vieram a dar no livro *Adeus conto de fadas*. Uns anos depois, essa mesma amiga minha me pediu para fazer outro livro juvenil, e aí eu tive a ideia de fazer o *Whatever*, que é o livro que acabou me trazendo para cá hoje. Muito bem, eu não vou me alongar, porque eu sei que vocês têm perguntas para fazer.

– Como médico, como o senhor vê a literatura? Podemos relacionar a medicina com a literatura?

Leonardo – Qualquer coisa pode ser relacionada com a literatura, porque literatura fala da vida, da vida da gente, e quanto mais diversidade de vida tiver, menos chato fica. A gente aproveita tudo o que já aprendeu na nossa história para colocar nos livros, inclusive a faculdade que fez. Mas a melhor matéria do escritor vem do que ele observa nas pessoas, vem das conversas que ele tem ou escuta, vem dos sentimentos que ele tem ou percebe nos outros.

– Eu quero perguntar, para os dois, quais as dificuldades encontradas nas suas carreiras?

Leonardo – As dificuldades são muitas. Para quem escreve, a principal dificuldade é publicar. Então, começo de carreira nunca é fácil, a gente tem que mandar o que escreveu para muitas editoras. Metade delas vai responder não. A gente vai receber uma cartinha dizendo, olha, seu livro é muito bom, mas a gente está com a agenda lotada. A outra metade não vai nem responder. Aí a gente manda para mais editoras, tem que ter este tipo de persistência. Mas a gente teima, é teimoso, porque gosta de escrever, tem necessidade disso. A principal dificuldade é esta.

Giba – No cinema é um pouquinho diferente. Não é que não seja difícil publicar o filme, fazê-lo circular, uma vez que ele esteja pronto, mas o mais difícil é fazer o filme. Isso porque escrever depende apenas de você, tem todas as dificuldades internas que você vai criando, que você vai descobrindo ao escrever, mas tudo depende de você. Agora filme, não. Fil-

me ninguém faz sozinho, precisa de uma equipe, uma equipe que precisa ser convencida, a partir de algum projeto, de alguma ideia, e precisa ser contratada a partir de uma grana. Você pode até juntar alguns amigos para fazer o filme, mas sempre vai ter algumas pessoas que você vai ter que pagar, porque é muita gente, muito trabalho. E muitas pessoas que estão ali não têm a ideia que o autor tem desde o início. Então tem dificuldades, mas no fim das contas, o que não tem dificuldade na vida não tem graça nenhuma. O que é bom é fazer as coisas que exigem esforço, que exigem a superação de obstáculos, pois com elas podemos descobrir mais a respeito da gente e a respeito da vida.

– Qual foi sua inspiração para escrever *Whatever*?

Leonardo – Eu estava lendo um livro do Charles Bukowski, um escritor americano, e o personagem principal era um cara que não via sentido nenhum na vida. Ele já estava na quarta pensão, ele ia sendo despejado de uma pensão para outra, porque não pagava. Uma noite, ele sai para tomar um ar, olha para a cidade de Los Angeles e fala sobre os milhões de pessoas que transitam por lá, levando suas vidas também sem sentido. E eu pensei, eu vou fazer um livro para adolescentes, e vou pegar um personagem que é um menino que não vê sentido nenhum na vida e vamos ver no que dá. Isso aí, claro, é uma crítica que eu faço a essa atual geração, que muitas vezes fica falando que tanto faz, que não está nem aí, que não se importa com o estado das coisas.

– Na sua carreira de escritor, qual foi a obra mais marcante?

Leonardo – A obra mais marcante foi o segundo livro de contos que eu escrevi, que se chama *Desatino*. Esse foi o livro que me deu mais trabalho, foi o livro que eu precisei quebrar mais minha cabeça para montar. Eu levava quase meio ano pensando em cada conto, depois mais meio ano escrevendo o conto. E foi o livro que menos vendeu.

– Qual a importância de sua carreira profissional para a sua vida pessoal?

Giba – Bom, eu vivo do meu trabalho. Acho que a grande maioria das pessoas vive do seu trabalho. E quando você vive do seu trabalho, a sua carreira profissional passa a ter uma importância muito grande na sua vida pessoal. Então, eu acho que a gente sempre tem que pensar em carreira profissional e vida pessoal como se fossem a mesma coisa. Porque, para a grande maioria da população, é a mesma coisa. Tua vida pessoal é a tua carreira profissional. As pessoas que você vai encontrar, com quem vai se relacionar, vão ter a ver, sempre, com o teu trabalho, com a coisa que tu faz para viver. Por isso a gente tem que procurar um trabalho que seja alguma coisa que a gente goste de fazer. Não que você vá ter prazer, que vá se divertir o tempo inteiro em que estiver trabalhando, isso é uma ilusão. Agora, achar que trabalho e diversão são coisas incompatíveis, é pior ainda. É bom procurar um trabalho em que você consiga se divertir uma parte do tempo em que estiver trabalhando. Ao escolher a sua profissão, ao decidir o que você vai fazer o resto da sua vida, por favor, procure alguma coisa que lhe permita sobreviver, mas que você também goste de fazer. Porque se você procurar alguma coisa que não gosta de fazer e tentar separar a vida pessoal da profissional, como se fossem coisas separadas, a possibilidade de você ser infeliz é muito grande.

– Vivemos em um mundo movido pelo dinheiro, sendo o mesmo investido em guerras. O que um escritor pode fazer para reverter essa situação?

Giba – Ótima pergunta. Isso é o que está na cabeça de qualquer escritor, de qualquer cineasta, de qualquer um que está trabalhando com alguma forma de expressão, quando está querendo contar uma história, querendo reformar o mundo. Ele quer recriar o mundo melhor do que o mundo em que a gente vive. Mas, ao mesmo tempo, mostrar um mundo que reflita aquilo que é o mundo em que a gente vive. O livro

não muda o mundo, mas pode mudar as pessoas, e as pessoas que vão ler o livro é que vão mudar o mundo. Então, o livro pode terminar ajudando a melhorar as coisas, e no fim das contas é isso que a gente quer.



Heloisa Seixas

Heloisa Seixas – Boa tarde. Algumas pessoas me perguntaram por que o livro que me trouxe até aqui se chama *Contos mais que mínimos*. É que o livro é uma compilação de historinhas que eu escrevia na *Folha de São Paulo*, nos anos 90, e na tela do meu computador, cada conto desses tinha seis linhas e meia só. Era uma coisa mínima, então o título do livro é *Contos mais que mínimos*. E as pessoas me perguntam se eu não acho interessante o fato de ter feito uma espécie de precursor do *twitter*, numa época em que nem se sonhava com o *twitter* e essas coisas todas que estão acontecendo aí. Eu acho muito legal que tenha sido assim, mas obviamente eu não podia imaginar isso na época em que eu estava fazendo os contos. Mas eu acho interessante essa revolução da tecnologia. As pessoas se perguntam se o livro vai desaparecer, se não vai ter mais livro de papel. A verdade é a seguinte, a gente não sabe. Nós estamos no olho do furacão. Nós estamos no meio de uma revolução. E quando a gente está no meio

de uma revolução, a gente não sabe para que lado as coisas vão. Então a gente não sabe o que vai acontecer. Agora, se de repente o livro deixar de existir, em papel, o que importa mesmo é que a imaginação não acabe. Que a gente continue alimentando a paixão e a imaginação ao escrever e ao ler, ao criar e ao receber essa criação, e receber participando dela, que é o que acontece com o leitor. O leitor é um cúmplice do autor. Então, eu acho que estas tecnologias todas são muito bem-vindas. Os videogames, que no início eram mal vistos, mostraram que podem ser educativos, criativos e bons, como também podem ser ruins quando usados com exagero, como acontece com quase tudo na vida. Então, só para terminar, eu queria contar para vocês, para vocês terem uma ideia, como nem sempre as coisas que no início são mal vistas são ruins. Quando eu era criança, o gibi era considerado uma coisa que desviava dos estudos, tinha pais que não deixavam os filhos lerem gibi, e depois provou-se que os quadrinhos podem ser altamente educativos, podem ser uma porta de entrada para a paixão pela leitura. A minha filha, antes de aprender a ler, já folheava gibis, e hoje é uma grande leitora, eu tenho a felicidade de ter uma filha que é uma grande leitora. Ela lê todos os clássicos na língua original, é uma intelectual que me deixa impressionada, e no entanto ela lia gibi. Então, a mesma coisa acontece com os games, a mesma coisa acontece com o computador e com a tecnologia. Eu própria sou, de certa forma, não só como leitora mas como escritora também, um exemplo de como a gente pode despertar para as coisas de uma forma original. Eu aprendi a gostar de histórias, de contar, de ouvir e de ler histórias, não lendo livros e, sim, ouvindo as histórias que a minha avó me contava. Minha avó era uma grande contadora de histórias e ela adorava contar histórias de assombração. Ela reunia os netos em torno dela, na hora de deitar, no nosso sítio, que era um lugar deserto, para a gente ficar com bastante medo, e nos contava

histórias de uma forma tão impressionante, que eu acho que isso me marcou para sempre. Eu acho que isso foi uma das grandes influências para mim. Então, hoje em dia, quando as pessoas me perguntam qual foi a minha maior influência literária, esperando que eu responda Machado de Assis, Eça de Queiroz, todos maravilhosos, em geral eu respondo que foi a minha avó.

– Que leituras marcaram a sua infância e adolescência? Havia estímulo para a leitura em sua família?

Heloisa – Olha, a minha avó era uma grande leitora, não era à toa que ela tinha tanto talento para contar histórias. Além disso, a minha família, realmente, gostava muito de ler. O meu pai gostava muito de ler, ele lia muitas histórias para a gente também. Eu fui criada entre livros. Mas o amor pela leitura é uma coisa que independe disso. Eu tenho um exemplo fantástico disso em casa. Eu sou casada com Rui Castro, o escritor, biógrafo, que vocês devem conhecer, e o Rui é um fenômeno porque, quando era criança, não havia livros na casa dele. O pai e a mãe dele adoravam ler, mas só liam revistas e jornais, coisa curiosa. E o Rui ganhou, aos cinco anos de idade, o livro *Alice no país das maravilhas*, e imediatamente ele começou a organizar a sua própria biblioteca, que hoje, para o meu desespero, está em 20 mil volumes. Eu já falei com ele, que ele tem que começar a abrir sua biblioteca para visitação pública e para os pesquisadores. O livro é uma coisa fantástica. Quando você se apaixona,   uma viagem sem volta, você nunca mais pode viver sem o livro por perto. Agora, as influências minhas foram muitas, mas eu citaria uma que, na minha infância, me marcou demais, que foi Monteiro Lobato. Eu li toda a cole  o dele e achei uma coisa maravilhosa aquele mundo e aquela maneira de ensinar as coisas, de forma leve, colorida.

– Você já pensou em desistir da sua carreira por algum motivo ou crítica?

Heloisa – Nunca, nunca pensei em desistir. Eu demorei muito a me tornar escritora. Na verdade, a vida inteira eu trabalhei com a palavra, mas com a palavra dos outros, porque eu era jornalista e tradutora. E de repente um dia eu comecei a escrever ficção, e foi uma coisa avassaladora, que eu não consegui explicar, no início, nem para mim mesma. Depois disso, eu nunca mais consegui parar. Já tenho mais de 10 livros publicados, alguns bem sucedidos, outros não. Fui finalista do Prêmio Jabuti três vezes, não ganhei, mas fui finalista e tive críticas maravilhosas, e tive críticas péssimas também. Tive livros que venderam bem, tive livros que não venderam nada, ficaram encalhados, mas nunca pensei em desistir. Isso porque quando comecei a escrever praticamente descobri o que eu vim fazer nesta vida, que na verdade eu não sabia. Eu só descobri o que eu ia ser quando eu crescesse quando eu comecei a escrever. E isso aconteceu quando eu já estava com 40 anos. Antes tarde do que nunca.

The background of the page is composed of several interlocking puzzle pieces. These pieces are filled with a light gray, semi-transparent pattern of interconnected dots and lines, resembling a network or a molecular structure. The puzzle pieces are arranged in a way that they cover the left and top portions of the page, leaving the right and bottom portions mostly white. The text is centered within a white rectangular area that overlaps the puzzle pieces.

Registro iconográfico

Espetáculo de abertura – Intrépida Trupe



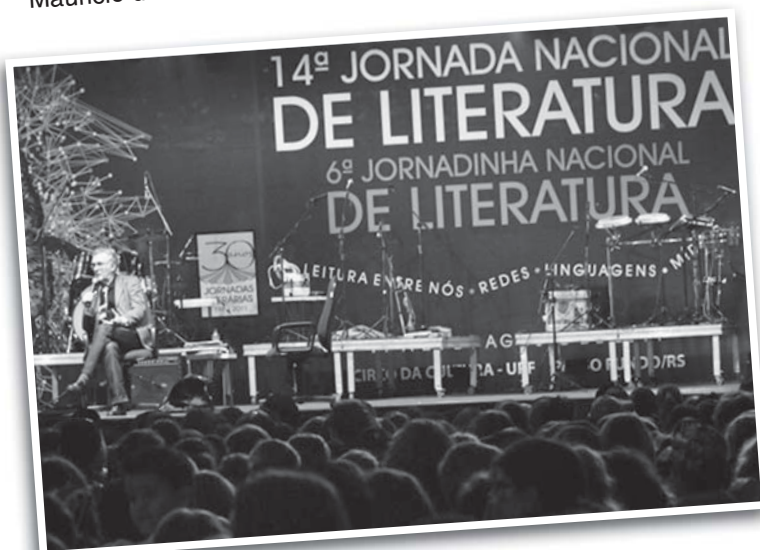
Apresentadores Gali-Leu, Mil-Faces e Natália



Conversa com escritores na lona principal



Mauricio de Sousa



Ricardo Azevedo

Público participante na lona principal



Público participante nas lonas coloridas



Público realizando perguntas aos escritores nas lonas coloridas



Sessão de autógrafos



Cláudio Fragata



Gustavo Bernardo



Ricardo Azevedo



Sérgio Capparelli



Tiago de Melo Andrade



Lenice Gomes



Regina Rennó

Shows e espetáculos



Show musical *O elefante e a joaninha*
– Hélio Ziskind e Banda



Show musical – *O Segundo Ato* - O Teatro Mágico



Contação de histórias com Celso Sisto na lona azul



Contação de histórias com Augusto Pessoa e Tino Freitas



Show musical *Jogos de inventar, cantar e dançar*
– Bando de Brincantes



Espectáculo teatral *Criança pensa* – Cia. Teatro Novo

Programação Paralela



Grupo de Teatro De Pernas Pro Ar - Cortejo espetáculo:
banda circense



Povo da rua - A Caravana da Ilusão



Público nas exposições



Josué Guimarães: 90 anos de vida (Acervo literário – Josué Guimarães)



Viagem ao ciberespaço - Espaço dos computadores



Público nos Totens eletrônicos



Conversa paralela com o escritor Christopher Kastensmidt



Conversa paralela com a escritora Flávia Lins e Silva



Fábulas com a turma da Mônica - parque

Público no Circo da Cultura





Equipe de apoio Monitores do Mundo da Leitura e Jornadetes



The background of the slide is a light gray. On the left side, there is a large, irregular shape composed of several interlocking puzzle pieces. These pieces are filled with a pattern of thin, white, interconnected lines and small dots, resembling a network or a complex web. The right side of the slide is plain white.

Registro da imprensa e internet



GÊMEOS DO TRAÇO

“Desde sempre!” É assim, com uma exclamação, que o quadrinista e autor FÁBIO MOON responde sobre desde quando desenha com seu irmão gêmeo, GABRIEL BÁ (ambos na ilustração acima). Pois a dupla mais famosa da HQ brasileira participa da 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, no Encontro com os Gêmeos – ao lado dos também célebres manos Paulo e Chico Caruso.

A pororoca de desenhistas gêmeos vai rolar no dia 24 de agosto, dentro da programação da **Jornight** – uma reunião com mil jovens de até 25 anos, novidade que estreia nesta edição da Jornada. O trabalho de Fábio e Gabriel já foi publicado em países como Estados Unidos, Itália, França e Espanha e conquistou prêmios, como o prestigioso americano **Eisner Award** e o brasileiro **Jabutí** – pela adaptação em quadrinhos do livro *O Alienista*, de Machado de Assis.

Hoje, a dupla produz a série *Daytripper* para a editora americana **Vertigo** – que aparece liderando o ranking de quadrinhos mais vendidos do jornal **The New York Times**. Aos sábados, os caras assinam a tirinha *Quase Nada*, na **Folha de S. Paulo**.

– Um dos maiores desafios para os quadrinistas no Brasil é fazer as pessoas descobrirem o seu trabalho. É difícil levar os quadrinhos para além do pequeno nicho que já os consome – diz Fábio.

A COLUNA
NO SEU
CELULAR



LERINA 46956

NO CELULAR

Envie INFOCEL para 46956 e
receba dicas de cultura do colunista
Roger Lerina no celular. O custo por
mensagem recebida é R\$ 0,31 +
tributos para todas as operadoras.

Jornadinha de Literatura tem grande procura

Os pequenos leitores terão mais espaço na 6ª Jornadinha Nacional de Literatura, que acontece de 23 a 26 de agosto no Circo da Cultura, na Universidade de Passo Fundo, paralelamente à 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. A comissão organizadora decidiu ampliar a estrutura física para atender à demanda de dezessete mil crianças e adolescentes interessados em participar da movimentação cultural. Uma quinta lona será instalada para receber os estudantes, que se preparam para interagir com vários escritores, como Mauri-

cio de Sousa e Ziraldo.

A ampliação se deve à grande procura em apenas duas horas de inscrições em 2 de maio. Estavam previstas quatorze mil vagas. A Jornadinha Nacional de Literatura acontece como desdobramento das Jornadas Literárias, que promovem a aproximação entre público e autor a partir da leitura prévia das obras. Estão programados bate-papos, sessões de autógrafos, contações de história, feira de livros, apresentações teatrais, musicais e exposições de arte. Neste ano, a Jornada tem como tema *Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias*.



HERMÃO FÁVERO / DIVULGAÇÃO / CP

Livros de autores que estarão no evento são emprestados em dois locais

Passo Fundo

Prévia da Jornada ao leitor

A Secretaria de Educação de Passo Fundo já colocou à disposição da comunidade, no Largo da Literatura da praça Armando Sbegen e na Biblioteca Pública Arno Viuniski, os livros dos autores que estarão presentes na 14ª Jornada Nacional de Literatura e na 6ª Jornadinha. Segundo a titular da Pasta, professora Vera Vieira, as obras podem ser retiradas por empréstimo gratuitamente. Para isso, os interessados devem apenas levar documento de identidade e comprovante de residência destinados ao cadastro.

A secretária diz que, no caso de retirada no Largo da Literatura, os usuários podem ficar com o livro por dez dias, pegando um título a cada vez. Segundo ela, se

o interesse for por exemplares de autores que não estarão na Jornada, é possível levar três ao mesmo tempo. Na biblioteca, o empréstimo é por sete dias.

A secretária destaca que, tendo os livros à disposição, a população e, especialmente, os estudantes podem se preparar melhor para dialogar com os escritores durante os eventos. O quiosque do Largo da Literatura fica aberto de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. A biblioteca tem esse mesmo horário durante a semana e abre também aos sábados, das 8h às 11h30min e das 13h30min às 17h. A 14ª Jornada Nacional de Literatura e a 6ª Jornadinha Nacional de Literatura acontecem de 22 a 26 de agosto.



Tânia Rösing, coordenadora das Jornadas, diz que nesta edição as novas tecnologias serão centro dos debates

Passo Fundo

Espetáculo abre hoje atrações da Jornada

Expectativa é de reunir 30 mil pessoas nos cinco dias do evento literário

De hoje até sexta-feira, Passo Fundo será palco de encontro entre cem autores nacionais e 22 estrangeiros com seus leitores. Passados 30 anos da primeira edição, os organizadores da 14ª Jornada Nacional de Literatura esperam reunir em cinco dias – no Circo da Cultura, instalado no campus da Universidade de Passo Fundo (UPF) – 30 mil pessoas para debates, palestras, seminários, conferências, cursos, apresentações musicais, teatrais e de dança, oficinas, filmes e exposições. A abertura oficial, às 19h30min, terá o espetáculo “Mil Tempos”, da Intrepida Trupe, grupo circense carioca que incorpora em seu repertório elementos de dança, música, teatro e poesia.

Neste ano, o tema “Leitura entre nós: redes, linguagens, mídias” destaca o impacto das plataformas digitais na forma como se aprende e se cria a litera-

tura. Segundo a coordenadora das Jornadas Literárias, professora Tânia Rösing, as novas tecnologias estão presentes no evento há alguns anos, mas nesta edição serão o centro dos debates. Além da Jornada, ocorrem atividades paralelas, como a 6ª Jornada Nacional de Literatura, o 10º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, o 4º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras e o 3º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos.

Entre os autores internacionais convidados, estão o português Gonçalo M. Tavares, os argentinos Beatriz Sarlo e Alberto Manguel, o americano Nick Montfort, o britânico Peter Hunt, o tunisiano Pierre Lévy e a britânica Kate Wilson. O Brasil será representado por escritores como Edney Silvestre, Márcia Tiburi, Tatiana Salem Levy, que nasceu em Portugal, mas cresceu no Brasil, Ellane Brum, Mauri-

cio de Sousa, entre outros. Nessas três décadas da iniciativa, participaram das jornadas e dos eventos paralelos 804 escritores e pesquisadores, sem contar os presentes nesta edição.

Na abertura das atividades, serão conhecidos os vencedores das duas premiações: o Prêmio Passo Fundo/Zaffari Bourbon de Literatura, que nesta edição concede R\$ 150 mil ao melhor romance publicado em língua portuguesa nos últimos dois anos, e o 12º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães, que dará R\$ 5 mil ao primeiro lugar e R\$ 3 mil ao segundo. Para fechar a comemoração dos 30 anos, o show de encerramento, na sexta-feira, às 19h30min, ficará a cargo da banda Conjunto Nacional, integrada pelos cartunistas gêmeos Paulo Caruso e Chico Caruso, o escritor Luis Fernando Veríssimo e o chargista Aroeira.



JORNADA NACIONAL DE LITERATURA DE PASSO FUNDO

CIRQUINHO

A inspiração de Maurício de Sousa

Criador da Turma da Mônica foi um dos astros da 14ª Jornada de Passo Fundo ontem

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Maurício de Sousa já aprendeu a lidar com o frio gaúcho, que enfrenta como visitante da Jornada de Passo Fundo.

Estou de cueleiro. Achava que ninguém mais usava isso desde a época do meu bisavô – brincou o criador da Turma da Mônica.

Com a mesma espontaneidade e atenção com que atende o exército de leitores a lhe pedir autógrafos e ainda responde às perguntas da imprensa, Maurício também contou uma multidão de 4,5 mil crianças aglomeradas debaixo da lona do Circo da Cultura esperando o encontro com o autor, parte da programação da Jornada Nacional de Literatura.

Maurício não parece tratar tal interação como um compromisso formal. Enquanto narra o show de abertura, ainda na segunda-feira, assistia sentado à primeira fila e se levantava ocasionalmente para tirar com uma câmera digital, fotos da guardada arvore. Visto pelos leitores, tornou-se o alvo de pedidos de autógrafos antes de sair ao palco. Todas atende.

A professora Mônica Schen, que acompanhava uma turma de alunos da Escola Municipal João Luiz Gonzaga, não conseguiu segurar o impulso da filha Ana Júlia, que se aproximou com um ABC da Turma da Mônica e pediu um autógrafo, prontamente atendido Ana Júlia e B da Mônica.

– Gosto dela porque eu adoro ver-meio – explicou.

No palco da Jornada, ontem, Maurício não precisou de mais do que um microfone, um pincel abençoado e um caderno com folhas de desenho para dominar a movimentação constante da guardada. Começou perguntando quem na plateia se identificava com os personagens que havia criado, recebendo uma onda de mãos para cima a cada vez que perguntava “Quem aí come como a Magali?” ou “Quem aí é braba que nem a Mônica?”.

– Na hora do “Quem não gosta de tomar banho como o Cascão?” ninguém levantou a mão. Só apontaram para o colega – brincou Maurício.

Inspiração é a própria vida do autor

Maurício de Sousa contou que a maior inspiração para suas criações foi sempre a própria vida.

– Todos os personagens que criei foram inspirados em amigos, em mim mesmo, em parentes. O Bida era um cachorro que eu tive. O Franchino era eu mesmo. Cebolinha e Cascão eram dois merceiros que jogavam bola com meu irmão – explicou, enquanto apresentava, desenhando, seus personagens em suas versões atuais e nas encarnações do começo da carreira.

– Depois, para usar em animações, fui tornando o desenho mais simples.

carlos.moreira@zerohora.com.br



Desenhista falou para 4,5 mil crianças no Circo da Cultura e distribuiu autógrafos incansavelmente

3 perguntas para Júlia Schwarcz



Editora, responsável pela Companhia das Letrinhas, o selo de literatura infantil da Companhia das Letras, Júlia Schwarcz veio a Passo Fundo para o Simpósio Internacional de Literatura Infantil e Juvenil. Conversou com ZH pouco depois de ter participado de um debate – e pouco antes de embarcar de volta a São Paulo:

ZH – O quanto o livro digital, com seus recursos de animação e interação, pode ajudar a despertar nas crianças o gosto pelo livro?

Júlia Schwarcz – Acho que esses recursos, animações, sons etc., aumentam muito a capacidade de interessar as crianças. Mas, por outro lado, me preocupa que eles des-

perçam muito da imaginação das crianças. Os editores têm de tomar cuidado quando forem fazer novas edições de livros para que eles não fiquem muito parecidos com jogos ou com desenhos animados, que são meios distintos da literatura.

ZH – A senhora edita o selo infantil da Companhia das Letras. Como saber que um livro vale para as crianças e bom?

Júlia – É a pergunta mais difícil de responder, porque na verdade a gente busca qualidade tanto no conteúdo, a história, quanto na forma, a escrita. Como o livro infantil, no Brasil, depende muito de ser adotado pelos adultos, a gente também se preocupa com os temas. Assuntos importantes que podem servir para o professor tratar em sala de aula devem ser levados em conta. Mas

isso depende de feeling e de uma avaliação individual criteriosa. É difícil definir de uma forma genérica.

ZH – Como fazer para que o Brasil tenha um sistema literário que não seja tão dependente dos programas oficiais do governo?

Júlia – O hábito da leitura deve vir de casa. Os pais precisam gostar de ler, porque as crianças imitam o que veem. Quando a criança não tem isso em casa, a única oportunidade de contato com os livros acaba sendo a escola. Por isso é que dependemos de políticas públicas, ou do incentivo do professor, ou ainda da realização de feiras e festivais como esta Jornada. Mas as coisas já mudaram muito de 10 anos para cá. Os pais já leem mais os filhos na literatura. As próprias livrarias já têm espaços para as crianças.

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2011

1.ª JORNADA NACIONAL
DE LITERATURA
DE PASSO FUNDO

JORNADA NACIONAL DE LITERATURA DE PASSO FUNDO

AUTOR PRODÍGIO

De criança para criança

Espaço em homenagem a escritor-mirim é atração para leitores no Circo da Cultura

Passo Fundo/Casa Zero Hora

LEANDRO BECKER

Aos oito anos, ele publicou o primeiro livro. Aos 10, morreu prematuramente, dando início a um legado pró-leitura.

Na 6ª Jornada Nacional de Literatura, o sonho do menino Roberto Zanatta se renova em cada criança que visita o espaço criado pelo instituto que homenageia o escritor-mirim, morto em 2008, vítima de um tumor cerebral.

No estande, os estudantes pintam, desenham, ouvem histórias que retratam trechos dos seis livros infantis que Zanatta escreveu. Outro destaque é a viagem em um planetário baseado na história em quadrinhos *As Aventuras do Astro*, lançada durante a Jornada. A promoção é do Instituto Roberto Zanatta, que mantém viva a obra do pequeno autor.

— Escrever era a vida dele. Espero que a semente que ele plantou cresça com ações positivas — afirma Raquel Pinheiro, mãe e diretora do instituto.

Roberto não teve a oportunidade de participar como autor convidado da Jornada. Mas, na edição anterior, de 2009, a família lançou um dos livros dele no evento, *O Caça-Monstros*, que virou sucesso entre as crianças.

O dinheiro arrecadado com a venda dos seis volumes de Zanatta, hoje, é destinado a projetos sociais da instituição. Foram seis, mas a mãe comenta que ele deixou escritos inéditos.

— Ele pode virar livro — diz.

leandro.becker@zerohora.com.br



Um dos focos da Jornada, os pequenos têm à disposição diversas atrações na 14ª edição do evento

O que interessa aos jovens leitores

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

A escocesa Kate Wilson acredita em levar a um passo adiante a discussão sobre como fazer os jovens se interessarem pela leitura. Para ela, os pequenos querem ler, sim. O desafio não é fazê-los se interessar por livros, e sim descobrir os livros pelos quais eles se interessam.

— Harry Potter relembrou aos mais antigos como a leitura pode ser passionante e excitante para quem a está descobrindo. E os novos equipamentos eletrônicos de leitura têm maravilhosas possibilidades de interação e de maravilhamento — diz.

Kate Wilson veio a Passo Fundo para um simpósio de literatura infanto-juvenil e hoje à noite ocupa o palco principal da Jornada com Alberto Manguel, Beatriz Sarlo e Alfonso Romano de Sarf. A noite será a primeira do leitor contemporâneo. Para ela, as telas dos novos dispositivos de leitura serão inseparáveis da experiência de leitura das crianças no futuro.

— Tenho duas filhas. Uma delas é leitora de papel. A outra, mais nova, é digital: poderia ler milhões de livros em papel se quisesse, cresceu no meio delas, mas não tem relação de afeto alguma com o livro físico, não aquela que eu tive, por exemplo. Mas isso não significa que ela não leia. Então não me importo. O suporte em que as crianças leem é o de menos. O que deve nos ocupar é se, sim, elas leem.

Editora por mais de 20 anos, com passagens por gigantes como Macmillan e Scholastic, ela fundou recentemente a própria casa editorial, a Nosy Crow, que vem publicando livros em papel e e-books voltados para o público infanto-juvenil, além de aplicativos para dispositivos digitais de leitura.

A questão das plataformas eletrônicas e como cada uma tem a sua própria linguagem de programação é, de acordo com ela, um dos desafios para a editoração no futuro.

— Temos hoje de escolher entre fazer mais aplicativos para um único tipo de dispositivo ou fazer menos aplicativos com uma versão para cada tipo de leitor, o que é um investimento enorme de tempo e de energia.

carlos.moreira@zerohora.com.br

Eventos

Jornadinha de Literatura será ainda maior em 2011

PublishNews - 06/05/2011 - Redação

Ao todo, 17 mil estudantes do Ensino Médio e Fundamental se inscreveram



A Jornadinha Nacional de Literatura chega a sua 6ª edição ainda maior. Para atender à demanda recorde deste ano, a organização decidiu montar uma quinta lona – antes, a Jornada se espalhava por uma grande lona de circo usada por crianças de manhã e adultos à tarde com capacidade para 5 mil pessoas e outras quatro menores para a criançada. Assim, os 17 mil estudantes de Ensino Fundamental e Médio que se inscreveram em apenas duas horas participarão da festa entre os dias 23 e 26 de agosto em Passo Fundo. No ano passado, o número de inscritos chegou a 14 mil, mas no fim 17 mil alunos participaram. A Jornadinha é um dos desdobramentos da Jornada Nacional de Literatura, que comemora 30 anos em 2011, e inspira outros projetos de incentivo à leitura entre crianças e adolescentes.

<http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=63240>

06/05/2011 11:35:25

Demanda recorde pela 6ª Jornadinha Nacional de Literatura aumenta número de inscrições

Em apenas duas horas, 17 mil inscrições foram efetivadas na Jornadinha, que acontece de 23 a 26 de agosto em Passo Fundo.



Os pequenos leitores terão mais espaço na 6ª Jornadinha Nacional de Literatura, que será realizada no período de 23 a 26 de agosto, no Circo da Cultura, Campus I, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, paralelamente à 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

A Comissão Organizadora decidiu ampliar a estrutura física da Jornadinha para atender à demanda de dezessete mil crianças e adolescentes interessados em participar da movimentação cultural. Dessa forma, uma quinta lona será instalada para receber os leitores que se preparam para interagir com os escritores convidados, entre os quais Maurício de Souza e Ziraldo.

A ampliação se deve à grande procura apresentada em duas horas de inscrições para a Jornadinha, realizadas no dia 2 de maio. Dessa forma, serão contempladas todas as escolas que já se inscreveram e estão sendo contatadas pela Comissão Organizadora. Há um compromisso explícito dos organizadores em viabilizar a participação dos leitores em formação oriundos de Passo Fundo, de municípios gaúchos e catarinenses.

A Jornadinha Nacional de Literatura acontece como desdobramento das Jornadas Literárias, a aproximação entre público e autor a partir da leitura prévia das obras dos escritores convidados. Objetiva, também, a formação de leitores multimídiais. São bate-papos, sessões de autógrafos, contações de história, feira de livros, apresentações teatrais, musicais, exposições de arte. As atividades serão realizadas no complexo de lonas do Circo da Cultura, Campus I, Universidade de Passo Fundo (UPF). Neste ano, a 14ª Jornada Nacional de Literatura tem como tema “Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias”. A diversidade de materiais de leitura, a apresentação dos mesmos em distintos suportes e as

possibilidades de exploração de cada um deles, a influência de novas ferramentas nos comportamentos de leitura e na formação de leitores são alguns tópicos-chave da programação.

A idealizadora e coordenadora geral da Jornada, Tania Rösing, comenta “desejamos qualificar a leitura dos jovens e o processo de autoria que estão vivenciando em meio às novas tecnologias. Não basta ficarem horas e horas no computador. É necessário qualificar a navegação desses jovens. Precisamos encontrar formas para apurar o senso estético desses leitores em formação”.

Confira o elenco de peso desta 6ª edição da Jornadinha: Ziraldo, Maurício de Sousa, Tânia Zagury, Elisa Lucinda, Roseana Murray, Caio Riter, Lenice Gomes, Regina Rennó, Daniel Kondo, Silvana Tavano, Rodrigo Lacerda, Telma Guimarães, Antônio Carlos Vilella, Gustavo Bernardo, Sérgio Capparelli, Leonardo Brasiliense, Giba Assis Brasil, Andrea del Fuego, Gabriel Bá e Fábio Moon, Christopher Kastensmidt, Ricardo Azevedo, Marcelino Freire e outros. Além, é claro, das performances de atrações como O Teatro Mágico, Bando de Brincantes e Grupo de Teatro De Pernas Pro Ar.

Outras informações sobre a 6ª Jornadinha Nacional de Literatura podem ser encontradas no site www.jornadanacionaldeliteratura.upf.br.

Sobre a Jornadinha

A Jornadinha é realizada desde 2001 para o público infanto-juvenil e mantém a proposta original das Jornadas Literárias: aproximação entre público e autor. São bate-papos, sessões de autógrafos, contação de histórias, feira de livros e também shows de música e teatro.

SERVIÇO

14ª Jornada Nacional de Literatura

De 22 a 26 de agosto, no Circo da Cultura, Campus I, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul

Redes sociais:

Site: <http://www.jornadadeliteratura.ufp.br/2011/>

Blog: <http://14jornadadeliteratura.blogspot.com>

Twitter: <http://twitter.com/jornadanacional>

Veículo: Blog Brasil Fashion News

Publicado em: 06/05/2011 - 11:35

<http://www.meujournal.com.br/cbm/jornal/materias/integra.asp?id=1021380>

JORNADINHA DE LITERATURA NA UPF PASSO FUNDO

ESCOLA MUNICIPAL D. JOAO BECKER IPIRANGA DO SUL
OPORTUNIZA NOVAMENTE A SEUS ALUNOS A PARTICIPAÇÃO NA
6ª JORNADINHA DE LITERATURA NA UPF PASSO FUNDO.

Neste ano os alunos das 7ª séries e as 8ª séries realizaram o trabalho da Pré Jornadinha com as profª Luciane Ambrozini e Juliana Ceconello os alunos das referidas séries iniciaram os trabalhos logo após a inscrição da escola no mês de Maio, culminando com a participação na Jornadinha no dia 25/08/11. A Diretora Ananir Passa a Coordenadora Pedagógica Vanderlei Pasqualotto e as professoras da Língua Portuguesa e alunos tiveram oportunidade de assistir show musical, de ouvir e conversar com o escritor Ricardo Azevedo. A tarde conversar com vários escritores presentes no evento como: Maria Tereza Maldonado e Telma Guimarães. Sérgio Caparelli e Christopher Kastensmidt, Cláudio Fragata e Rodrigo Lacerda. O envolvimento dos alunos nas atividades relacionadas a jornadinha qualificou sua formação leitora acrescentando vários conhecimentos, pois através da leitura é possível conhecer diferentes contextos e culturas, aproximando leitores e autores.

<http://www.escoladomjoaobecker.com.br> -

Colégio CEM está presente na Jornadinha de Literatura



Os alunos do Colégio CEM participam da Jornadinha de Literatura, que acontece de 22 a 26 de agosto em Passo Fundo. O evento é promovido pela Universidade de Passo Fundo (UPF). O tema deste ano é “Leitura entre nós, redes, linguagens e mídias”. Os estudantes terão acesso a uma variedade de novos livros e, além disso, grandes autores da literatura nacional estarão presentes, proporcionando uma proximidade maior com os leitores.

O Colégio CEM está trabalhando desde o primeiro semestre com obras e autores (de acordo com cada faixa etária). “A intenção maior é o incentivo à leitura”, assinala a coordenadora pedagógica da escola, Sonia Turmena. Sonia destaca ainda a importância do apoio das famílias para que os alunos participem da Jornadinha. O educandário desenvolve um projeto chamado “Caminhos da Leitura”, que abrange todas as séries e consiste numa seleção dos textos e obras, que são encaminhados às famílias, proporcionando um momento de interação entre pais e estudantes. Todos os familiares têm acesso a obras como: livros infantis, textos jornalísticos, poesias e crônicas. “O objetivo é fazer com que as crianças e jovens percebam que, através da leitura, é possível conhecer novas realidades e culturas diferentes”, acrescenta Sonia.

Na Jornadinha de Literatura os alunos terão a oportunidade de conversar com alguns autores “e perceber que os escritores são reais”, explica Sonia Turmena. O evento é bianual e conta com a participação de estudantes de diversas escolas do sul do Brasil. “É um universo encantador que apresenta tecnologias, exposição de trabalhos, venda de livros, palestras e espetáculos”, finaliza a coordenadora pedagógica do Colégio CEM.

http://magna.coop.br/arquivos_internos/index.php?abrir=noticias&acao=conteudo&id=96



Região

27/8/2011 14:10:47 (Redação Passo Fundo / DM)

SANTO ANTÔNIO DO PLANALTO

Alunos participam da 6ª Jornadinha de Literatura

Os alunos do 4º e 5º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Paulo de Santo Antônio do Planalto, participaram da 6ª Jornadinha de Literatura em Passo Fundo nesta quinta-feira (24). No evento, as crianças conheceram o Gato Gali-leu, Natália e Mil-Faces, que fizeram apresentações durante toda manhã, além de assistir ao espetáculo '1000 Tempos - Intrépida Trupe'.

Durante a visita, os alunos ouviram as histórias de Mauricio de Souza, autor da Turma da Mônica, que contou como surgiu cada personagem. Eles também puderam brincar no Parque Mauricio de Souza, com brinquedos inspirados na Turma da Mônica.

Dentre os demais autores que os alunos entraram em contato, ouvindo suas histórias, estão Tânia Zagury, Elisa Lucinda, Roseane Murray, Lenice Gomes, Regina Rennó, Silvana Tavano, Daniel Kondo e Caio Riter.



(Durante a visita, os alunos ouviram as histórias de Mauricio de Souza, autor da Turma da Mônica, que contou como surgiu cada personagem / FOTO DIVULGAÇÃO)

<http://www.diariodamanha.com/noticias.asp?id=16990>

01 de Setembro de 2011

Os alunos acompanharam palestras de escritores, conversaram com vários autores, assistiram espetáculos culturais e tiveram acesso a livros novos no evento que é considerado uma grande festa da literatura e das artes.



Alunos do 4º, 5º e 6º ano participaram da 6ª edição da Jornadinha Nacional de Literatura em Passo Fundo.

Alunos do 4º, 5º e 6º ano participaram da 6ª edição da Jornadinha Nacional de Literatura em Passo Fundo. Neste ano a temática do evento foi “Leitura entre nós – Redes, Linguagens, Mídias.

Os alunos acompanharam palestras de escritores, conversaram com vários autores, assistiram espetáculos culturais e tiveram acesso a livros novos no evento que é considerado uma grande festa da literatura e das artes.

O Circo da Cultura foi sempre o ponto de encontro principal dos alunos das várias escolas de diferentes regiões. A cada dia cinco mil e quinhentas crianças participavam das atividades. Os alunos do 4º e 5º ano do CEAP estiveram na Jornadinha no dia 24, participando do espetáculo 1000 Tempos com a Intrépida Trupe e da conversa com o escritor Maurício de Souza. A aluna Júlia Burmann teve a pergunta selecionada e respondida pelo desenhista criador da Turma da Mônica. Ela quis saber se no futuro os personagens da Turma “ficariam adultos” e como eles seriam. Maurício respondeu que a partir da pergunta da aluna do CEAP começaria a pensar na ideia.

Além de shows musicais e algumas atividades paralelas, as crianças tiveram boa parte da tarde dedicada às conversas com os escritores nas “lonas”. Interagiram com autores como Tânia Zagury, Elisa Lucinda, Roseana Murray, Caio Riter, Lenice Gomes, Regina Rennó, Daniel Kondo e Silvana Tavano. Alunos do 4º ano interagiram muito com o escritor Caio Riter, já que haviam trabalhado com suas obras. E ele prometeu visitar o CEAP em novembro, quando vai estar na Feira do Livro de Ijuí.

Em uma das “lonas” o ilustrador Daniel Kondo fez os traços de um de seus desenhos e convidou os alunos do CEAP João Guilherme Jacobi e Marco da Silva Filho para colorirem a ilustração (foto). No dia 25 foi a vez dos alunos do 6º ano do CEAP curtirem a Jornadinha e interagirem com outros autores, como Cláudio Fragata, Rodrigo Lacerda, Marcelino Freire, Gustavo Bernardo, Telma Guimarães, Maria Tereza Maldonado, Luiz Antônio de Aguiar, Tiago de Melo Andrade e Christopher Kastensmidt.

<http://www.ijui.com/noticias/educacao/25145-ceap-na-jornadinha-de-literatura>

18/10/2011 14:10:32

EDUCAÇÃO

Jornadinha recebe troféu Pena Libertária

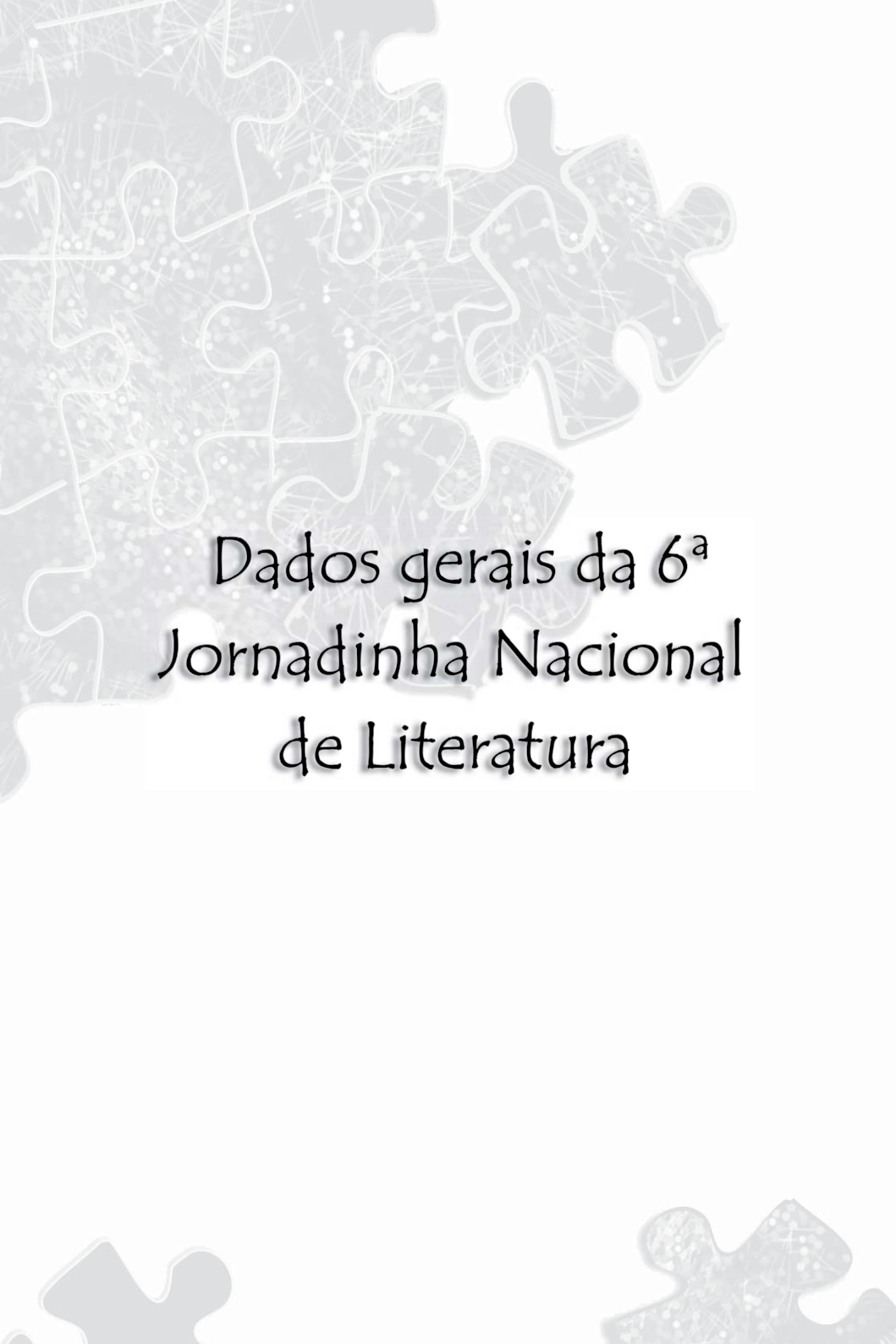
O Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul - Sinpro/RS entregou na noite de sexta-feira, 14 de outubro, o troféu Pena Libertária aos vencedores do Prêmio Educação RS 2011. Para esta edição, foram indicados 84 profissionais, 14 instituições e 73 projetos, totalizando 171 indicações.

Instituído pelo Sinpro/RS em 1998, o Prêmio Educação RS tem como objetivo estimular e valorizar profissionais, instituições e projetos comprometidos com o ensino de qualidade e com a construção da cidadania. “Destacamos as inúmeras indicações vindas de diferentes setores da sociedade e, especialmente, a qualidade delas, pois podemos perceber a riqueza de projetos e profissionais que a educação gaúcha possui em todas as regiões do estado”, afirma Celso Stefanoski, diretor do Sinpro/RS.



(Celso Stefanoski, Diretor do Sinpro/RS; Lorena Consalter Gaib, vice-reitora de extensão da UPF; Tania Rosing, Coordenadora da Jornadinha Nacional de Literatura; Ivan Izquierdo, professor e pesquisador; Diza Gonzaga, presidente da Fundação Thiago Gonzaga e Airon Dipp, prefeito de Passo Fundo / FOTO DIVULGAÇÃO)

<http://www.diariodamanha.com/noticias.asp?ID=19996>

The background of the slide is a light gray color. It features several large, faint puzzle pieces scattered across the surface. Overlaid on these puzzle pieces are intricate, thin white lines that form a complex network or web-like pattern, resembling a molecular structure or a digital network. The lines connect numerous small dots, creating a sense of interconnectedness.

Dados gerais da 6ª Jornadinha Nacional de Literatura

Programação

23 e 24/08 – Alunos de 1º a 5º ano

9h Sessão de abertura

Apresentadores da Jornadinha: gato Gali-Leu, Natália e Mil-Faces

Espetáculo de abertura – *1000 Tempos* – Intrépida Trupe

10h Conversa com o escritor – Mauricio de Sousa

10h45min Show musical *O elefante e a joaninha* - Hélio Ziskind e Banda

11h30min Intervalo para o almoço

12h30min às 13h30min Atividades paralelas

Viagem ao ciberespaço - Espaço dos computadores

Show musical *Jogos de inventar, cantar e dançar* – Bando de Brincantes – Centro de Eventos

Espetáculo teatral *Criança pensa* – Cia. Teatro Novo – Lona Vermelha

14h às 16h30min Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Prata
Tânia Zagury Elisa Lucinda	Roseana Murray Caio Riter	Lenice Gomes Regina Rennó	Daniel Kondo Silvana Tavano

Contação de histórias com Celso Sisto e Jonas Ribeiro (durante o rodízio dos escritores)

16h30min Sessão de autógrafos – Feira do Livro

25/08 – Alunos de 6º a 9º ano

9h Sessão de abertura

Apresentadores da Jornadinha: gato Gali-Leu, Natália e Mil-Faces

Espetáculo de abertura – *1000 Tempos* - Intrépida Trupe
 10h Conversa com o escritor - Ricardo Azevedo
 10h45min Show musical - *O Segundo Ato* - O Teatro Mágico
 11h30min Intervalo para o almoço
 12h30min às 13h30min Atividades paralelas
 Viagem ao ciberespaço - Espaço dos computadores
 12h30min *Rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas*
 Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas – Cinema no Teatro (Sedec) – Cine + Cultura (MinC) – Centro de Eventos
 14h às 16h30min Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha	Lona Prata
Cláudio Fragata Rodrigo Lacerda	Luiz Antonio de Aguar Tiago de Melo Andrade	Marcelino Freire Gustavo Bernardo	Sérgio Capparelli Christopher Kastensmidt	Maria Tereza Maldonado Telma Guimarães

Contação de histórias com Augusto Pessoa e Tino Freitas (durante o rodízio dos escritores)

16h30min Sessão de autógrafos – Feira do Livro

26/08 – Alunos do ensino médio

9h Sessão de abertura

Apresentadores da Jornadinha: gato Gali-Leu, Natália e Mil-Faces

Espetáculo de abertura – *1000 Tempos* - Intrépida Trupe
 9h45min Conversa com o escritor Marcelino Freire
 10h45min Show musical - *O Segundo Ato* - O Teatro Mágico
 11h30min Intervalo para o almoço
 12h30min às 13h30min Atividades paralelas
 Viagem ao ciberespaço - Espaço dos computadores
 12h30min *Rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas*
 – Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas - Cinema no Teatro (Sedec) – Cine + Cultura (MinC) – Centro de Eventos
 14h às 16h30min Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha	Lona Prata
Leonardo Brasiliense Giba Assis Brasil	Sérgio Capparelli	Heloisa Seixas Christopher Kastensmidt	Gabriel Bá Fábio Moon	Tiago de Melo Andrade Rodrigo Lacerda

16h30min Sessão de autógrafos – Feira do Livro

Contação de histórias com Augusto Pessoa e Tino Freitas (durante o rodízio dos escritores)

Programação Paralela

EXPOSIÇÕES

Largo da Literatura

– Praça Armando Sbeghen – Av. Brasil Leste

Arte e rede

– trabalhos realizados por acadêmicos do curso de Artes Visuais – FAC-UPF

Museu de Artes Visuais Ruth Schneider

– Av. Brasil, 750 - Centro

Poesia da Imagem do MAC do Rio do Grande do Sul

Centro de Eventos – Campus I –UPF

Livro- Álbum –Editora Moderna, Editora Cosac Naify, Edições SM

Vídeo Interativo - Giselle Beiguelman

qr-poem- Giselle Beiguelman

30 anos das Jornadas Literárias

Cartuns - Era Lula, Agora é Dilma: Chico Caruso, Paulo Caruso e Aroeira

Josué Guimarães: 90 anos de vida (Acervo literário – Josué Guimarães)

TRINCA - grupo Aflecha - Porto Alegre-RS

4º ECOCARTOON- Brasília - DF

Circo da Cultura – espaço externo do complexo de lonas –
Campus I - UPF

Palavras em rede: Grupo Bando de Barro, professores e alunos da

UPF, UFRGS e artistas convidados – coordenado pelos artistas Rodrigo Núñez e Luciane Campana Tomasini.

MOSTRA FOTOGRÁFICA

Centro de Eventos - Campus I – UPF

Escola de valor - Editora Moderna

Circo da Cultura – Praça de Alimentação – Campus I - UPF

Infinitos Nós – Grupo da foto - Passo Fundo

ESPETÁCULOS

Auditório do Centro de Eventos – Campus I – UPF

23 e 24/8 – 15h30min – Bando de Brincantes – Jogos de inventar, cantar e dançar

Circo da Cultura – Campus I –UPF

23 a 26/8 – 12h e 17h – Grupo de Teatro De Pernas Pro Ar -
Cortejo espetáculo: banda circense

25 e 26/8 – 12h45min – Povo da rua - A Caravana da Ilusão

Circo da Cultura – Lona Vermelha – Campus I - UPF

23 e 24/8 – 12h30min – Cia. de Teatro Novo – Criança Pensa

MOSTRA DE FILMES E CURTAS

Centro de Eventos – Campus I – UPF

23 e 24/8 – 15h15min – O explorador na ilha pirata, um episódio do livro “O explorador e suas aventuras” de Roberto Pirovano Zanatta. Direção: Carlos Teston

25 e 26/8 – 10h30min – Interlúdio – Direção: Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil e Ilha das Flores – Direção: Jorge Furtado – Montagem: Giba Assis Brasil – Cinema no Teatro (Sedec) – Cine + Cultura (MinC)

25 e 26/8 – 12h30min – Rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas – Direção: Marcelo Luna e Paulo Caldas – Cinema no Teatro (Sedec) – Cine + Cultura (MinC)

CONVERSA COM ESCRITORES

Auditório do Centro de Eventos – Campus I – UPF

23 e 24/8 – 14h30min – Flávia Lins e Silva

25/8 – 9h30min – Maria Tereza Maldonado

26/8 – 9h30min – Christopher Kastensmidt

FÁBULAS COM A TURMA DA MÔNICA - PARQUE

Circo da Cultura – Campus I - UPF

22 a 26 – 9h às 22h

CENTRO CULTURAL SESI

Circo da Cultura – Campus I – UPF

22 a 26/8 – 9h às 22h - Biblioteca móvel

FEIRA DO LIVRO

Circo da Cultura- Campus I – UPF

Lançamentos de livros – Autógrafos

23 a 26/8/2011

FABULOSO

Circo da Cultura – Campus I – UPF

23 a 26/8 – Ônibus-Biblioteca – SME/UP

Autores e obras indicados para a Pré-Jornadinha

Autor	Título	Editora	Público
Caio Riter	O tesouro iluminado	Artes e Ofícios	1º ao 5º ano
	Eduarda na barriga do dragão		
Cláudio Fragata	Zé Perri: a passagem do pequeno príncipe pelo Brasil	Galera Record	6º ao 9º ano
Christopher Kastensmidt	O encontro fortuito de Gerard van Oost e Oludara	Devir	6º ao 9º ano/ Ensino Médio
Daniel Kondo (Ilustração)	Minhas contas	Cosac Naify	1º ao 5º ano
Elisa Lucinda	A menina transparente	Record	1º ao 5º ano
	Parem de falar mal da rotina	Lua de papel	JorNight
Fabio Moon e Gabriel Bá	O alienista	Agir	Ensino Médio/ JorNight
Giba Assis Brasil	www.casacinepoa.com.br/a-casa/os-sócios-da-casa/giba-assis-brasil-curriculo		Ensino Médio
Gustavo Bernardo	Pedro Pedra	Rocco	6º ao 9º ano
	O mágico de verdade		
Heloisa Seixas	Contos mais que mínimos	Tinta Negra	Ensino Médio
Humberto Gessinger	Pra ser sincero: 123 variações sobre um mesmo tema	Belas Letras	JorNight
	Mapas do acaso: 45 variações sobre um mesmo tema		
Paulo Caruso	Avenida Brasil - enfim um país sério!	Devir	JorNight
Chico Caruso	Lula Lá - Parte 2 - a sucessão! - o humor na história do Brasil de 2006 a 2010		
Lenice Gomes	Pelas ruas da oralidade	Paulinas	1º ao 5º ano
	Quando eu digo, digo, digo		
	Brincando adivinhas		
	Mafuá dos magafamágicos		
	Na boca do mundo		
	Amores em carnavais: mistério dos papangus		
Leonardo Brasiliense	Whatever	Artes e Ofícios	Ensino Médio
Luiz Antonio Aguar	Quem matou o livro policial?	Galera Record	6º ao 9º ano

Marcelino Freire	Rasif – mar que arrebenta	Record	Ensino Médio
	Contos negreiros		
Maria Tereza Maldonado	Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?	Moderna	5º ao 9º ano
Mauricio de Sousa	MSP +50 – Mauricio de Sousa por mais 50 artistas	Panini Books	1º ao 5º ano
Regina Rennó	Terra mãe	Abacatte	1º ao 5º ano
	Cheiro de mato	Editora do Brasil	
	Doce água doce	Mercuryo Jovem	
Ricardo Azevedo	Contos e lendas de um vale encantado: uma viagem pela cultura popular do vale do Paraíba	Ática	6º ao 9º ano
	Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões		
	O livro dos pontos de vista		
	Feito bala perdida e outros poemas		
	Ninguém sabe o que um poema		
	A hora do cachorro louco		
	Contos de bichos do mato		
	Contos de enganar a morte		
	Contos de espanto e alumbramento	Scipione	
Rodrigo Lacerda	O fazedor de velhos	Cosac Naify	6º ao 9º ano
	Vista do Rio		Ensino Médio
Roseana Murray	Poemas e comidinhas	Paulus	1º ao 5º ano
Sérgio Capparelli	50 fábulas da China fabulosa	LP&M	6º ao 9º ano
	Poesia visual	Global	
Silvana Tavano	Como começa?	Callis	1º ao 5º ano
Tânia Zagury	O desmaio do beija-flor	Record	1º ao 5º ano
	A visita da cigarra		
	O estranho sumiço do morcego		
	O mistério da lixeira barulhenta		
	O macaquinho da perna quebrada		

Telma Guimarães	Coração na rede	Saraiva/Atual	6º ao 9º ano
	O diário (nem sempre secreto de Pedro)		
	romeu@julieta.com.br		
Tiago de Melo Andrade	Carne Quebrada		6º ao 9º ano e Ensino Médio
	O Ovo do Elefante		
	Tire o pé do meu direito – Tudo o que você sempre quis saber sobre seus direitos		
Ziraldo	O menino quadrado		1º ao 5º ano
	Os meninos morenos		
	O menino da Terra		

Participantes da 6ª Jornadinha

Na 6ª Jornadinha Nacional de Literatura registramos 18.600 inscritos entre crianças, adolescentes e professores. Foram 167 escolas inscritas provenientes de 64 municípios dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e 1.289 os professores que acompanharam os seus alunos no Circo da Cultura.

Na programação paralela, oferecida para as escolas que não se inscreveram na 6ª Jornadinha, contabilizamos a presença de 16 escolas, totalizando 1.936 pessoas. Para essas escolas foram ofertadas a participação na lona principal pela manhã, as conversas paralelas com os escritores, sessões de autógrafos, os espetáculos teatrais e musicais, a visita às exposições, a Mostra de curtas e a Feira do Livro.

Caderno de atividades

O caderno de atividades V é uma publicação do Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura e elaborado pelos monitores. Foram distribuídos 3.000 exemplares do Caderno de Atividades V para os professores usarem como subsídio, em sala de aula, nas atividades de Pré-Jornadinha com alunos e com a comunidade em geral.

A seguir transcrevemos alguns depoimentos de professores sobre o Caderno de Atividades V:

“As sugestões contidas no caderno de atividades foram de grande apoio ao professor, pois serviram para incentivar alunos e professores na elaboração das mais diversas atividades relacionadas às obras dos autores presentes a Jornadinha, de modo particular do autor Mauricio de Sousa”.

“Ele nos dá um suporte para conhecermos os autores, suas obras e sugestões de atividades”.

Escolas participantes na 6ª Jornadinha

Nome	Cidade
E. E. DE ENSINO MÉDIO BARÃO HOMEM DE MELO	ALTO ALEGRE
E. E. DE ENSINO MÉDIO AMANTINO VIEIRA HOFFMANN	ANDRÉ DA ROCHA
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS	ARROIO DO TIGRE
E. E. DE ENSINO B. ANTONIO JOAO ZANDONÁ	BARRA FUNDA
E. M. DE ENSINO FUND. BARRA FUNDA	BARRA FUNDA
COLÉGIO NOTRE DAME APARECIDA	CARAZINHO
COLÉGIO SINODAL RUI BARBOSA	CARAZINHO
E. E. DE ENSINO MÉDIO PROF. WILSON LUIZ MACCARINI	CASCA
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO JÚLIA BILLIART	CHAPADA
COLÉGIO LOGOSÓFICO GONZÁLEZ PECOTCHE	CHAPECÓ - SC
E. M. DE ENSINO FUND. THIETRO ANTÔNIO PIRES	CHARQUEADAS
E. M. DE ENSINO FUND. BARÃO DE SANTO ANGELO	CIRIACO
COLÉGIO DOM MACEDO COSTA	CIRIACO
E.B.M. MELVIN JONES	CONCÓRDIA - SC
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL CONCÓRDIA	CONCÓRDIA - SC
FACULDADE DE TECNOLOGIA SENAI	CONCÓRDIA - SC
E.B.M. ANNA ZAMARCHI COLDEBELLA	CONCORDIA - SC
COLÉGIO CENECISTA DR. JÚLIO RIBEIRO NEVES	CONCÓRDIA - SC
COOPERATIVA EDUCACIONAL MAGNA	CONCÓRDIA - SC
E. B. M. IRMÃO MIGUEL	CONCÓRDIA - SC
E.B.M. NAÇÕES	CONCÓRDIA - SC
E.E.B. PROFESSOR MANSUETO BOFF	CONCÓRDIA - SC
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL ÂNGELO ARY BIEZUS	CONCÓRDIA - SC
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL EUGÊNIO POZZO	CONCÓRDIA - SC
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL JOÃO THEOBALDO MAGARINOS	CONCÓRDIA - SC
GEM MARIA MELÂNIA SIQUEIRA	CONCÓRDIA - SC
E.E.E.B. JOSÉ PIEREZAN	CONCÓRIDA - SC
E. M. DE ENSINO FUND. BRUNO LAUX	CONDOR
E.E. DE 1º E 2º GRAUS AGOSTINHA DILL	CONDOR
E. E. DE ENSINO FUND. MEDEIROS E ALBUQUERQUE	CONSTANTINA
E M DE 1º GRAU INCOMPLETO SANTA TEREZINHA	CONSTANTINA
CPM DA ESC MUN DE 1º GRAU INC AMÂNDIO ARAÚJO	CONSTANTINA
ESC MUN ENS FUN JOAQUIM NABUCO	CONSTANTINA
ESC MUN ENS FUN GENERAL OSORIO	CONSTANTINA

ESC MUN ENS FUN BENTO GONCALVES	CONSTANTINA
ESC MUN ENS FUN CRISTOVAO COLOMBO	CONSTANTINA
COLÉGIO ESTADUAL VICENTE DE CARVALHO	DOIS LAJEADOS
E. M. DE ENSINO FUND. CORNÉLIO MATTEI	DOIS LAJEADOS
E. M. DE ENSINO FUND. SIXTO BENVEGNI	DOIS LAJEADOS
E. E. DE 1º GRAU ERICO VERISSIMO	ERECHIM
E. E. DE ENSINO FUND. EMÍLIO TAGLIARI	ESTAÇÃO
E. E. DE ENSINO MÉDIO FRANCISCO DE ASSIS	ESTAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL CAMINHOS DO APRENDER	FAGUNDES VARELA
COLÉGIO SANTA CLARA - CENTRO DE EDUCAÇÃO IDEAU	GETULIO VARGAS
COLEGIO ESTADUAL JOSÉ CHIOCHETTA	GUABIJU
E. E. DE ENSINO MÉDIO BANDEIRANTE	GUAPORÉ
COLÉGIO EVANGÉLICO AUGUSTO PESTANA	IJUÍ
ESCOLA ADVENTISTA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE IJUÍ	IJUÍ
E.M. DOM JOAO BECKER	IPIRANGA DO SUL
E. E. DE ENSINO MÉDIO JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER	LAGOA DOS TRÊS CANTOS
E. M. DE ENSINO FUND. DONA LEOPOLDINA	LAGOA DOS TRÊS CANTOS
CENTRO COMUNITÁRIO LAGOENSE EDUCACIONAL E ASSISTÊNCIA - CECLEA	LAGOA VERMELHA
ESCOLA FRANCISCANA CRISTO REI	MARAU
COLÉGIO GABRIEL TABORIN	MARAU
INSTITUTO ESTADUAL SANTO TOMÁS DE AQUINO- IESTA	MARAU
E. M. DE ENSINO FUND. TIRADENTES	MARCELINO RAMOS
E. M. DE ENSINO FUND. RUI BARBOSA	MARCELINO RAMOS
E. M. DE ENSINO FUND. SÃO PEDRO	MARCELINO RAMOS
E. M. DE ENSINO FUND. SÃO SEBASTIÃO	MARCELINO RAMOS
INSTITUTO ESTADUAL MARCELINO RAMOS	MARCELINO RAMOS
E. E. DE ENSINO FUND. JORGE MANFROI	MATO CASTELHANO
E. M. DE ENSINO FUND. BORGES DE MEDEIROS	MONTAURI
COLÉGIO ESTADUAL ALEXANDRE DE GUSMÃO	MONTAURI
E. E. DE ENSINO FUND. GENY VIEIRA DA CUNHA	NÃO - ME - TOQUE
E. M. DE ENSINO FUND. VALDOMIRO GRACIANO	NÃO - ME - TOQUE
E. E. DE ENSINO MÉDIO NICOLAU VERGUEIRO	NICOLAU VERGUEIRO
COLÉGIO CENECISTA PADRE MANOEL GOMEZ GONZALEZ	NONOAI
E. M. DE ENSINO FUND. OLAVO BILAC	NOVA ARAÇA

E. M. DE ENSINO FUND. SANTOS ANJOS	NOVA BOA VISTA
E. M. DE ENSINO FUND. ERNESTO PANDOLFO	NOVA PRATA
E.E. REINALDO CHERUBINI	NOVA PRATA
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TIRADENTES	NOVA PRATA
ESCOLA MUNICIPAL CLARA CAMARÃO	NOVO BARREIRO
ESCOLA MUNICIPAL PINGO DE GENTE	NOVO XINGÚ
E. E. DE ENSINO GOTTFRIED THOMAS WESTERICH	NOVO XINGU
E. M. DE ENSINO FUND. HUMBERTO DE CAMPOS	NOVO XINGÚ
ESCOLA MUNICIPAL JÚLIO DE CASTILHOS	NOVO XINGÚ
E.E.E.B. LUIZA FORMIGHIERI	PAIM FILHO
COLÉGIO JESUS MARIA JOSE	PALMEIRA DAS MISSÕES
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BORGES DO CANTO	PALMEIRA DAS MISSÕES
COLÉGIO ESTADUAL TRÊS MÁRTIRES	PALMEIRA DAS MISSÕES
E. E. DE ENSINO FUND. CACIQUE NEENGUIRU	PALMEIRA DAS MISSÕES
E.E.E.B. PALMEIRA DAS MISSÕES	PALMEIRA DAS MISSÕES
E. M. DE ENSINO FUND. BOM PASTOR	PANAMBI
E. M. DE ENSINO FUND. DONA LEOPOLDINA	PANAMBI
E. M. DE ENSINO FUND. MATEUS DAL POZZO	PARAI
COLÉGIO ESTADUAL DIVINO MESTRE	PARAÍ
COLÉGIO BOM CONSELHO	PASSO FUNDO
E. E. DE ENSINO MÉDIO ADELINO PEREIRA SIMÕES	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. NOTRE DAME	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. SEBASTIÃO ROCHA	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. ARLINDO LUIZ OSORIO	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. FREDERICO FERRI	PASSO FUNDO
INSTITUTO EDUCACIONAL DE PASSO FUNDO	PASSO FUNDO
INSTITUTO ESTADUAL CARDEAL ARCO VERDE	PASSO FUNDO
APAE-PASSO FUNDO	PASSO FUNDO
CENTRO DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO-UPF	PASSO FUNDO
COLÉGIO ESTADUAL JOAQUIM FAGUNDES DOS REIS	PASSO FUNDO
COLÉGIO MARISTA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	PASSO FUNDO
COLÉGIO NOTRE DAME	PASSO FUNDO
COLÉGIO TIRADENTES DA BRIGADA MILITAR	PASSO FUNDO
E. DE ENSINO FUND. CÍRCULO OPERÁRIO	PASSO FUNDO
E. E. DE ENS FUND. LUCILLE FRAGOSO DE ALBUQUERQUE	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. ARLINDO DE SOUZA MATTOS	PASSO FUNDO

E. M. DE ENSINO FUND. DANIEL DIPP	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. ESCOLA DO HOJE	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. GEORGINA ROSADO	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. ROMANA GOBBI	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. SENADOR PASQUALINI	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. WOLMAR SALTON	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. PROF. ARNO OTTO KIEHL	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. GUARACY BARROSO MARINHO	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. IRMÃ MARIA CATARINA	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. SANTO ANTONIO	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. SÃO LUIZ GONZAGA	PASSO FUNDO
E.E. DE ENSINO MÉDIO PROTÁSIO ALVES	PASSO FUNDO
E.E. NICOLAU DE ARAÚJO VERGUEIRO	PASSO FUNDO
E.E.DE ENSINO FUND. GOMERCINDO DOS REIS	PASSO FUNDO
E.M. DE 1º GRAU BENONI ROSADO	PASSO FUNDO
E.M. DE 1º GRAU INC. N. SRA. APARECIDA	PASSO FUNDO
E.M. DE 1º GRAU INC. PROF.ª HELENA SALTON	PASSO FUNDO
E.M. DE ENSINO FUNDAMENTAL JARDIM AMÉRICA	PASSO FUNDO
ESCOLA DE BELA VISTA	PASSO FUNDO
ESCOLA DE ENSINO FUND. ST. PATRICK	PASSO FUNDO
ESCOLA ENSINO FUND. MENINO JESUS-NOTRE DAME	PASSO FUNDO
INSTITUTO ESTADUAL CECY LEITE COSTA	PASSO FUNDO
INSTITUTO MENINO DEUS	PASSO FUNDO
E. M. DE ENSINO FUND. ZEFERINO D. COSTI	PASSO FUNDO
E.M. DE ENSINO FUND. OLAVO BILAC	PONTÃO
CENTRO INTEGRADO DE ENSINO FUNDAMENTAL - CIEF	PORÃ DO OESTE - SC
E. E. DE ENSINO FUND. HERCULINO BALDISSARELLA	RONDA ALTA
E. M. DE ENSINO FUND. MEM DE SÁ	RONDA ALTA
E. E. DE EDUCAÇÃO BÁSICA ALFREDO FERRARI	SALDANHA MARINHO
E. M. DE ENSINO FUND. FRANCISCO TONON	SALDANHA MARINHO
E. M. DE ENSINO FUND. DUQUE DE CAXIAS	SANTA CECÍLIA DO SUL
E. E. DE ENSINO MÉDIO EDMUNDO PILZ	SANTA ROSA
COLÉGIO TERESA VERZERI	SANTO ANGELO
E. E. DE ENSINO MÉDIO PADRE ANETO BOGNI	SANTO ANTÔNIO DO PALMA
E. M. DE ENSINO FUND. PROFESSOR JOSÉ MATTIELLO	SANTO ANTÔNIO DO PALMA

E. E. DE ENSINO MÉDIO SANTO ANTÔNIO DO PLANALTO	SANTO ANTÔNIO DO PLANALTO
E. M. DE ENSINO FUND. SÃO PAULO	SANTO ANTONIO DO PLANALTO
E. M. DE ENSINO FUND. CARLOS TARASCONI	SÃO JORGE
E. E. DE ENSINO FUND. ABHRAMO ÂNGELO ZANOTTO	SÃO ROQUE
E. M. DE ENSINO FUND. PADRE LUIZ VIGNA	SARANDI
E. E. DE ENSINO FUND. SEPÉ TIARAJU	SARANDI
E. E. DE ENSINO MÉDIO DR. ALDO CONTE	SARANDI
E. M. DE ENSINO MILTON ALVES DE SOUZA	SARANDI
E.E. DE ENSINO FUND. DR. JOÃO CARLOS MACHADO	SARANDI
ESCOLA DE ENSINO FUND. CRIANÇA FELIZ	SARANDI
ESCOLA DE ENSINO MÉDIO SARANDI	SARANDI
E. E. DE ENSINO FUND. FREI ANSELMO	SELBACH
E. E. DE ENSINO MÉDIO ADÃO SEGER	SELBACH
E. M. DE ENSINO FUND. LEONORA MARCHIORO BELLENZIER	SERAFINA CORREA
E. DE ENSINO FUND. RAINHA DA PAZ	SERAFINA CORRÊA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO-CAMPUS SERTÃO	SERTÃO
E. M. DE ENSINO FUND. GIOCONDO CANALI	TAPEJARA
E.E.DE ENSINO MÉDIO VALERIANO UGHINI	TAPEJARA
E. M. DE ENSINO FUND. PRESIDENTE COSTA E SILVA	TAPERA
INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO NOSSA SENHORA IMACULADA	TAPERA
E. M. DE ENSINO FUND. JOÃO PADILHA DO NASCIMENTO	TRÊS PASSOS
E. E. DE ENSINO MÉDIO GUSTAVO BIAZUS	TUPANCI DO SUL
E. M. DE ENSINO FUND. MARCÍLIO DIAS	VICTOR GRAEFF
E.E.E.B. DR. JOSÉ MARIA DE CASTRO	VICTOR GRAEFF
E. E. DE ENSINO MÉDIO MARQUÊS DE MARICÁ	VILA LANGARO

